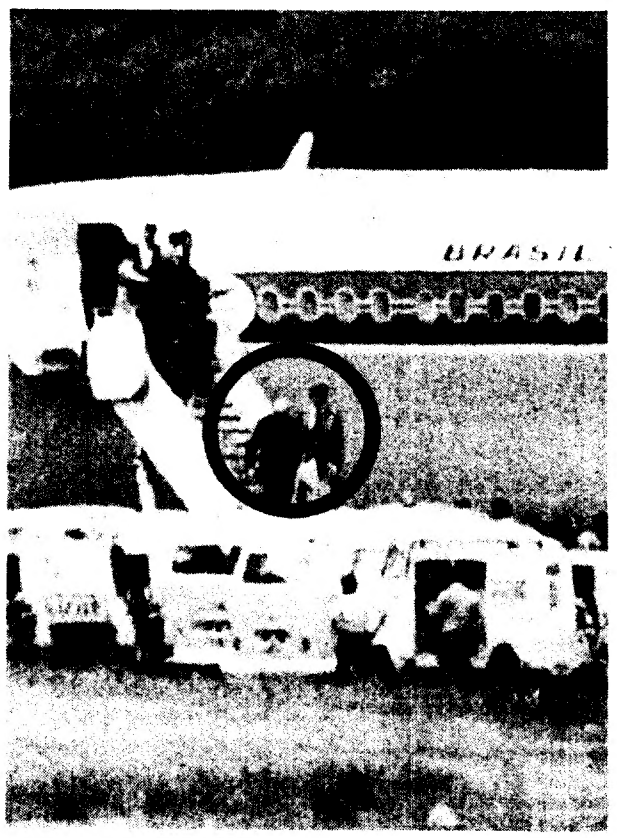
Diário de Lisboa

Julho 1978
Segunda-feira
24
ANO 58.º
N.º 19 713
7$50

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**



Descendo, ontem, do «Boeing» da Varig

TOMÁS JÁ CHEGOU
"Não há espanto que chegue nem indignação que baste"

O chefe de Estado do fascismo durante os últimos dezasseis anos da ditadura entrou ontem em Portugal sob protecção da Polícia de Segurança Pública. Vindo do Rio de Janeiro em avião da Varig, Tomás aterrou no Aeroporto de Lisboa, às 12 e 40 de domingo e seguiu imediatamente em carrinha da Polícia, posta à sua disposição, para «os seus aposentos» do Restelo. Evacuado por uma porta de serviço, que dá acesso a uma zona de obras, depois de o avião se ter especialmente imobilizado num local inabitual e atrás de outro, o ex «venerando chefe do Estado» conseguiu escapar às dezenas de jornalistas que aguardavam as suas «brilhantes» declarações.

Tomás, «paupérrimo» como declarou o seu genro, ficará «a descansar» alguns

Continua na pág. 20

MINISTROS CDS DEMITIRAM-SE ÀS 12.15 HORAS

Este Governo já caiu
• "Terceiro Governo Constitucional": hipótese a não considerar

Pode considerar-se que o II Governo constitucional caiu ontem após as decisões do último Conselho Nacional do CDS, divulgadas esta madrugada.

Círculos dirigentes socialistas mostram-se firmes face às exigências centristas. Não manifestando surpresa pelas últimas posições do CDS consideram que a queda deste Governo é um facto praticamente consumado.

Opiniões confiadas esta manhã ao «DL» apontam também para a exclusão da hipótese de formação de um III Governo constitucional, saído do acordo PS-CDS que ainda não foi denunciado por qualquer das partes.

Dirigentes socialistas manifestaram ao «DL» a opinião de que se trataria de uma manobra para levar o CDS a conseguir aquilo que não logrou obter nas circunstâncias actuais: uma remodelação ministerial efectuada à medida dos seus interesses.

A manter-se esta posição, firme, em torno da qual nos garantem existir consenso no Secretariado Nacional do PS, a solução terá de ser a realização de eleições gerais antecipadas mantendo-se até lá um Governo de Gestão que poderá ser o actual se houver uma solicitação do Presidente da República nesse sentido.

O Secretariado do PS está reunido para preparar a reunião desta noite

Neste caso haveria que considerar duas probabilidades: manter-se a demissão dos ministros centristas e o PS «cobrir» os lugares vagos ou uma intervenção mediadora de Belém que garanta a permanência de militantes do CDS nas três pastas em questão.

A hipótese, largamente aventada em especial pelo PSD, de um Governo dito de Salvação Nacional, está à partida excluída pelo PS, segundo nos garantem ainda as nossas fontes.

Na sequência dos últimos acontecimentos espera-se que Mário Soares apresente ao Presidente da República a sua demissão. Todavia isto poderá não suceder esta semana, já que é muito provável que a reunião desta noite da Comissão Directiva do PS não seja decisiva, optando pela convocação da Comissão Nacional – o mais alto órgão partidário abaixo imediatamente do Congresso.

Se assim suceder o Governo não cairá, oficialmente, antes da próxima semana, já que não se espera que a Comissão Nacional possa reunir antes de sábado ou domingo. Independentememte desta eventual reunião da CN socialista contar certamente com algumas vozes discordantes, não se esperam alterações substanciais ao que for hoje decidido pela Comissão Directiva, situando-se esta, por sua vez, na linha do Secretariado Nacional.

Entretanto, ao fim da manhã de hoje, os ministros CDS (Basílio Horta, Sá Machado e Rui Pena) formalizaram junto do Primeiro-Ministro a demissão,

Para já, João Lima, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e de Emigração, cancelou a visita que hoje deveria iniciar à Jugoslávia para participar na conferência dos países não-alinhados. Recorde-se que a demissão dos ministros centristas acarreta automaticamente a demissão dos secretários de Estado deles dependentes encontrando-se neste caso, além de João Lima, também José Manuel Meneses (Administração Pública), Escaja Gonçalves (Comércio Interno), Antunes Filipe (Comércio Externo) e Baltazar Gonçalves (Turismo).

Noticiário nas páginas interiores...

LEIA HOJE NA POLÍTICA DE A A Z:
O cerco e a resposta democrática

EVADIDOS DE ALCOENTRE FALAM PARA O "DL"

Estamos a ser recrutados para Angola e Moçambique

A uma semana da evasão de 124 reclusos da cadeia de Vale de Judeus, Alcoentre, o «DL» abre nova frente de informação sobre o caso que, depois da crise política, mais apaixona a opinião pública: homens em fuga, que «aproveitaram o túnel», revelam hoje nas nossas páginas que alguns dos evadidos estão a ser contratados para seguirem com a FNLA para Angola e com outras organizações para Moçambique. Contam que houve cumplicidades no interior da cadeia quando de anteriores tentativas de fuga, e que havia carros com armas à espera, na noite, de alguns dos que iam saindo do túnel, para lhes apoiarem a fuga.

Enquanto os guardas prisionais improvisaram uma Comissão Nacional e refutam conivências ou culpas na evasão, considerando-se «simples peões de uma organização», o ministro da Justiça nomeia um magistrado do Ministério Público para prosseguir o inquérito e divulga os dados coligidos pelo inspector Fernando Duarte, dos Serviços Prisionais.

O «DL» pediu ao dr. Carlos Meira que comentasse as declarações dos fugitivos. Não só a título de resposta, o director-geral dos Serviços Prisionais concedeu-nos uma entrevista, que também publicamos hoje, onde afirma que «o problema penitenciário é sobretudo um problema cultural». Refere-se, ainda, às condições que em seu entender propiciaram a fuga e defende que o inquérito seja levado até às últimas consequências.

Prosseguem, entretanto, os trabalhos de recaptura de cerca de meia centena de evadidos: o «DL» foi informado por fonte não oficial de que cinco fugitivos teriam sido onte presos nos bairros da lata perto do aeroporto de Lisboa.

ENTREVISTA COM O DIRECTOR-GERAL DOS SERVIÇOS PRISIONAIS

Carlos Meira falando ao «DL»

"O problema penitenciário é sobretudo cultural"

(Págs. 9, 10 e 11)

post-scriptum

Autoridade de ser jovem antifascista

Nas últimas sessões da Assembleia da República, Carlos Candal (deputado) manifestou a necessidade de divulgar-se aos jovens que no dia 25 de Abril de 1974, contavam 14 anos, o que foi o Fascismo.

Lembrei-me do dia em que me impediram de entrar na escola porque «os militares andam por aí». Aflorou aos meus lábios o horripilante sabor da ditadura. Sabor partilhado por muitos jovens. Filhos de antifascistas aos quais relativamente a pouco tempo, um semanário arrastado pela trela do passado, perguntava: que autoridade tem um jovem para falar e condenar o fascismo?

Os obreiros do semanário e o autor da pergunta, sabem que a pergunta peca pela lama com que se veste e pela inutilidade da sua existência. Não são angélicos. Não têm inocência. Conhecem a resposta.

Todavia com os objectivos em sigilo de ratazana e empalhados pelo sótão das recordações avançaram com a dúvida. Porém eles (pessoas ou animais) sabem que essa autoridade existe.

Sabem que foi uma autoridade adquirida no momento em que se saiu do ventre materno e não se foi ofuscado pela luz promissora de uma vida saudável.

Autoridade construída palmo a palmo, passo a passo, sempre que era preciso reunir energias para subir o íngreme e inacessível tapete de calhaus que terminava num grande edifício despido de moral e que silenciava aparentemente o rodar inquietante do pai de quem se carece do calor. Calor humano toldado pelas grades teimosas e ferrugentas. De uma ferrugem irritante, inquietante, presistente e defunta.

Autoridade alicerçada por uma alergia ao ar minado de fantasmagóricas formas dos então correligionários.

Autoridade cimentada por uma infância inexistente; pelos brinquedos que não se tocaram pelo sol cujos dardejos não chegaram. Não acariciaram porque estavam presos, amarrados, exilados.

Autoridade intensificada pela certeza de um amanhã que um coração novo desconhecia.

Autoridade recolhida no chão que pisara o inocente do qual restava um futuro embrutecido, despido de raciocínio, de virtudes e de esperança.

As mães que temeram pela vida dos filhos que combatiam nas ex-colónias e tombavam com a indiferença do desconhecimento; as lágrimas misturadas no suor do rosto e respiradas na poeira do sofrimento, tudo isto endureceu a autoridade das crianças — que não foram meninos — de dizerem não ao Fascismo.

O gesto de ternura, o gesto de reconhecimento; a consciência de classe e de causa, adquiriu-se ao conhecer-se a Primavera. Primavera singular porque esta tinha a forma de espingarda suportando um cravo que tinha o peso do sofrimento do Povo português.

No bloco de jovens — cuja existeíncia atordoa os fascistas — fervilhou a proveta de plenilúnio vermelho. Do vermelho da Liberdade de ser jovem e de querer ser livre.

A liberdade de empenharmo-nos — nós os jovens que somamos aos 14 anos os anos de Abril — na tarefa de honrar a luta dos nossos pais e de lutar para que as crianças possam ser aquilo que nunca fomos e possam ter aquilo que jamais possuímos.

Aristides Teixeira
Lisboa

DÊ-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 32 02 29

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

PODER LOCAL

Câmara de Mafra ignora populações

Mafra (de um nosso leitor) — Por oito quilómetros de pó, pedras e terra esburacada se estende o drama de uma população em fazer reviver tempos para muitos já esquecidos. Essa população votada ao abandono pela Câmara Municipal de Mafra que parece apostada em fazer reviver tempos para muitos já esquecidos. Essa população abrange as comunidades de Avessada, Vale d'Uge, Galés, St.ª Eulália. Quintas. Funchal, Casais da Serra e St.º Estêvão das Galés (sede da freguesia), que distam 35 minutos de Lisboa.

O problema resume-se ao estado caótico em que se encontra aquilo que com muito boa vontade se pode definir como estrada e que coloca milhares de pessoas ao «Deus dará» da sorte, do destino, dos dias melhores. E é de tal forma revoltante o silêncio da Câmara de Mafra que a população da zona afectada sente estarem esgotadas todas as formas de luta pelos seus direitos, começando a correr o risco de não poder sobreviver. Os encontros com o presidente da Câmara e com a vereação nunca deram o mínimo resultado e uma petição colectiva com centenas de assinaturas (dos que sabem escrever) não obteve, até agora, qualquer resposta concreta. De há vários anos a esta parte são apenas promessas e mais nada. Após o 25 de Abril, o município socialista (ao que se diz) de Mafra, cruza os braços e diz que não tem dinheiro, mesmo quando acaba de receber a comparticipação governamental. Para além do mais parece haver qualquer problema de interesses pessoais de permeio, já que outras estradas de menor interesse e com menos movimento são prioritárias na óptica camarária.

O ISOLAMENTO

Os oito quilómetros de estrada (?) que ligam a Malveira a S.ª Eulália estão de tal forma estragados que as camionetas que vão recolher os produtos hortícolas para transportarem para Lisboa (é esta a base de vida de toda aquela gente que trabalha de sol a sol no amanho da terra e, alguns, na criação de animais) já começam a recusar-se a percorrer aquela «estrada maldita». O mesmo acontece com os táxis da Malveira e as camionetas de carreira da Rodoviária Nacional demoram uma eternidade a fazer aquele percurso, devido à necessidade que os condutores têm de evitar, quanto lhes seja possível, furos, quebras de eixos, ou desastres bem mais graves porque também as bermas foram destruídas.

Quanto a problemas de saúde será suficiente dizer que os médicos já não vão àquelas aldeias, a não ser que os moradores os vão buscar a casa em transporte próprio. Como a população tem burro e não automóvel é fácil deduzir o que sucede...

«Os nossos pais e os nossos avós é que deram corpo e algum feitio ao caminho que hoje existe. A Câmara dos fascistas emprestou algumas máquinas e o povo é que teve de ir à pedra e fazer o resto. De contrário, ainda hoje estávamos a percorrer por montes e vales o caminho para a Malveira e para S.ª Eulália. Só que os invernos passaram por cima da estrada e nunca a Câmara se preocupou em dar uma ajuda. Pelo contrário. Interessava-lhes manter as pessoas no maior atraso possível. E não havendo caminho, não há progresso. Ora é precisamente o que nós pensamos da Câmara actual!... Parece que afinal mudou muito pouco na política...»

Assim fala uma das mulheres da Avessada que lá anda, com o tempo todo contado, na luta pelas couves, pela alfaces, pelo leite...

«Fomos o mês passado a Mafra, numa camioneta, para entregar a petição, mas foi um castigo para nos receberem. Depois, o presidente que estava muito nervoso a enfrentar o povo, prometeu que isto era uma questão de mês e meio ou dois meses. A gente não acredita. O tempo passa e nós cada vez mais isolados. A estrada do Rogel que segundo o presidente estava em número 28 para o arranjo já está alcatroada e nós... olhe é isto que vê.»

Os homens da região completam o quadro: «Agora, no final do ano escolar, a camioneta do ciclo já deixava os nossos filhos a 4 km (que eles tinham de percorrer a pé) por não quererem entrar na estrada.

O que vai acontecer no próximo ano lectivo, durante o Inverno? ... A não ser que ao Governo interesse que os nossos filhos não estudem, tal como os fascistas fizeram com a gente que somos só uma meia dúzia que temos alguns conhecimentos...»

A REALIDADE

De resto é imperioso ir ao local e ver o que se passa. Verificar o estado das estradas de toda a zona e perceber a desigualdade de critérios por que se orienta o município de Mafra.

É inconcebível que uma estrada, como a de Avessada, esteja em tal estado, para mais sendo uma via de alternativa para Lisboa e para Sintra, com a finalidade de descongestionar trânsito, em dias de Verão, aos domingos e às quintas-feiras, quando se realiza a feira da Malveira. Dá a ideia de que os habitantes de Avessada, Vale d'Uge, Galés, Quintas, Funchal, Casais da Serra, St.º Estevão das Galés e St.ª Eulália têm toda a razão para se considerarem marginalizados, desprotegidos e em perigo de subsistir em condições minimamente dignas e aceitáveis. Podem aqueles 8 km de alcatrão custar bastante dinheiro, mas o problema já não é local. Ultrapassa os limites do concelho para constituir uma questão nacional que tem directamente a ver com o estado em que se mantêm algumas populações, completamente abandonadas e esquecidas.

Assim é a Avessada: os únicos 100 metros de caminho semiasfaltado de toda a zona...

Como se isto não fosse bastante já corre na região que o presidente da Câmara de Mafra teria dito que só arranjava a estrada se os habitantes da zona comparticipassem com 3 mil contos!... É fundamental e urgente pensar que isto é um boato. Só porque toda aquela gente ainda não sabe bem o que pode fazer com 3 mil contos... Falar-lhes em 3 mil contos nem chega a ser ofensivo. É simplesmente estúpido.

ONDE É LISBOA

Quem sai da Malveira e se aventura por aquela coisa esburacada (a que chamam estrada), encontra ao fim de 4 km's de suplício (e se o automóvel tiver aguentado) uma pequena aldeia cheia de beleza e de tipicismo chamada Avessada. **As placas que a identificam foram feitas e colocadas por um amigo da terra, porque nem com isso a Câmara se importou!** Avessada tem algumas dúzias (não muitas) de casas asseadas, onde mora gente que sabe o que quer e ao que anda... Está ligada à Malveira e a Caneças por quatro carreiras diárias. São duas vendas. Um lavadouro. Água fresca da serra em fonte pública. Uma escola primária onde se comemora o Dia Mundial da Criança. Um telefone. Pouca luz. As hortas. Os animais. E, pasme-se, uma das melhores escolas de equitação portuguesas, situada num local designado por Quinta do Brejo. A escola é frequentada quase exclusivamente por estrangeiros (que possuem casas e terrenos na região e se encharcam em vinho verde numa das vendas), enquanto o povo se dedica ao cultivo das terras desde que o dia rompe até que a noite lhe indique outro caminho e o trato dos animais seja também importante ocupação. Pena só que aquela gente da equitação se sinta superior e não fale a ninguém...

Da Avessada e subindo um pouco para direita encontra-se o lugar das Quintas (com a sua maternidade para suínos) e subindo ainda mais chega-se ao alto de uma pequena serra que domina uma imensa paisagem julgada impossível no meio de todo aquele abandono e primitivismo. Lá no fundo, a Serra de Sintra. Um pouco para a esquerda o Sabugo. Ali, aos pés da serra, a estação de Mafra e, espreitando à direita, Alcainça. Perde-se a vista naquele horizonte de tranquilidade. Só se despertam os sentidos com as galinhas, patos e coelhos que por ali andam como se fossem únicos habitantes, ou com os burros que parecem ser donos da casa de pedra a cuja porta espreitam. É o lugar do Funchal, onde a estrada acaba e a paisagem começa!

Uma mulher baixa, de lenço na cabeça, quebra a solidão do lugar. Tem sons estranhos na voz, também de pedra, quando dá a saudação e logo se refugia na sua morada. Ali, daquele lugar, as pessoas vão serra abaixo, serra acima, todos os dias à Avessada levar o leite mugido às vacas. E vão a pé ou de burro pelo caminho pedregoso e difícil. Garantem os mais entendidos e que melhor conhecem a região que há por ali gente que não sabe onde é Lisboa. A distância para a grande cidade é de 24 km's. Cerca de meia-hora de caminho!...

TURISMO DOS POBRES

Voltando a Avesada e continuando pelo tormento de estrada esburacada chega-se a Vale d'Uge e tem de se esperar que as galinhas e pintos abandonem o caminho para que seja possível avançar até às Galés. Conta a tradição que por ali aparecia o santo que tem morada lá no alto (St.º Estêvão) por entre três casas isoladas e o cemitério. E como havia igreja fez-se dali a sede da freguesia. Herança dos maus tempos por que passou este País.

De um lado e do outro da fita branca, corroída pelo tempo e deixada assim pela má vontade camarária, os pequenos retalhos de terra amanhada com alface, couve e batata. E os homens e as mulheres acenando à passagem para o automóvel de «montanha russa», por entre um mar de rugas, suor e calos.

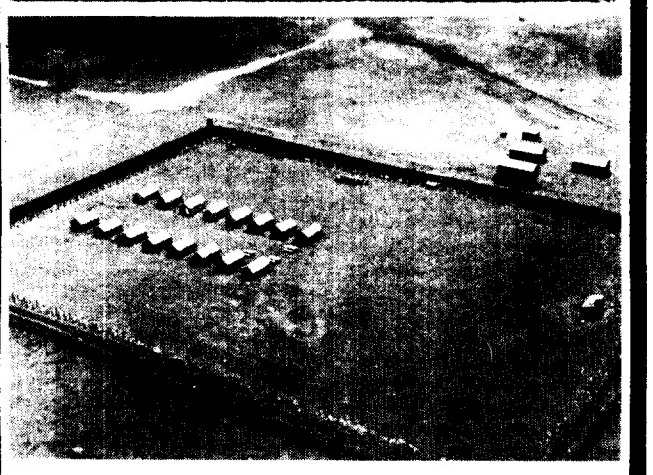
No fim do tormento, o conta-quilómetros marca 8 km percorridos. A placa assinala St.ª Eulália. Retoma-se o asfalto e a pequena capela põe fim à romaria. St.ª Eulália tem o seu templo, de muitos anos, abandonado. Tal como o povo que luta e sofre diariamente. Na terra dizem que a igreja só é aberta uma vez por ano: no dia 24 de Junho. Talvez porque lhe falte motivo. Talvez porque aquela gente de trabalho necessite mais de factos.

E os ouvidos martelam-se com as palavras ouvidas ao longo do caminho e que os mais esclarecidos sabem de cor: «As populações só se desenvolvem quando os meios de comunicação existem. De contrário ficarão eternamente no preâmbulo da sua vida, ligadas ao expontâneo da sua existência. Sem eira nem beira. Abandonadas».

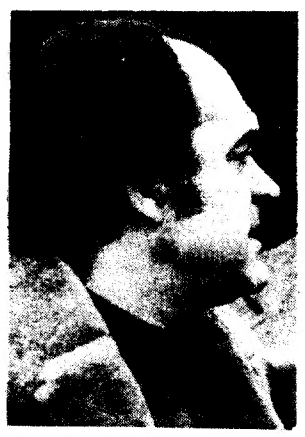
E bem verdade. Tão verdade como a zona descrita ser servida, apenas, por duas escolas primárias: em Negrais e Avessada. Muitos quilómetros as separam e as crianças ficam pelo caminho a ver os buracos da estrada feitos largas poças de água no Inverno e crateras de vulcão extinto, no Verão. Ali trabalham. Ali brincam. No vazio da sua vida sem futuro. E não vão à escola...

A vida — cómoda...? As imagens foram recolhidas no lugar do Funchal

ponto a ponto



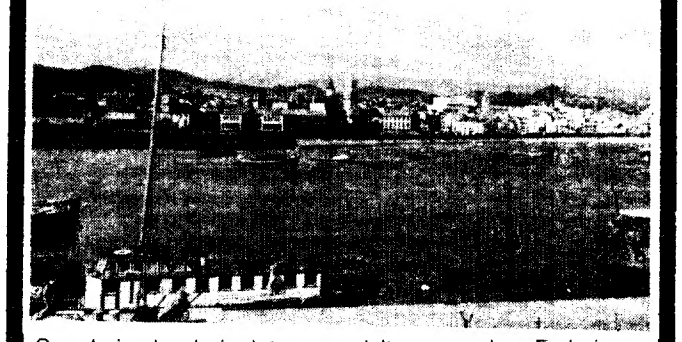
Centenas de pessoas estiveram no sábado à noite no Porto na inauguração da exposição sobre o «Campo da Morte Lenta» do Tarrafal, que a comissão de sobreviventes organizou e que já esteve patente noutras localidades do País. Sete dos sobreviventes, nomeadamente, Francisco Miguel, João Faria Borda, João da Silva Campelo, Joaquim Ribeiro e José Neves Amado, estiveram também na sessão inaugural.



Uma repetição da farsa realizada em Lisboa sob o título «Conferência sobre a ameaça russa» decorreu este fim-de-semana na Madeira subordinada desta vez ao tema «A estratégia do imperialismo russo no Atlântico Norte». Alberto João Jardim, presidente do Governo Regional daquele arquipélago e Tomás Rosa foram dois dos principais intervenientes: para o primeiro, tratou-se de inverter o fenómeno separatista, atribuido às forças de esquerda; para o segundo, «é imperativo levar a autonomia às últimas consequências».

Treze mortos e 81 feridos constituem o trágico balanço dos 78 acidentes ocorridos nas estradas portuguesas entre as 12 horas do dia 22 e as 12 horas de ontem. Do número de feridos citado, 53 encontram-se em estado clinicamente grave. Este número terá aumentado até às 24 horas de ontem, mas as últimas estatísticas ainda não eram conhecidas esta manhã.

Souto Cruz, chefe do Estado-Maior da Armada, regressou de uma visita à Inglaterra. À sua chegada revelou que a Inglaterra dará apoio ao programa de construção de novas fragatas para a marinha de guerra portuguesa. Souto Cruz deslocou-se àquele país a convite do primeiro Lord do Almirantado e teve conversações com o secretário de Estado da Marinha inglesa.



O embaixador da Inglaterra em Lisboa, lord Moran, visitará os Açores a partir de hoje e até ao dia 1 de Agosto. Estão previstas deslocações a S. Miguel, Santa Maria, Terceira e Flores. A visita, segundo a Embaixada inglesa, visa o estreitamento de contactos estabelecidos durante uma outra visita realizada no ano passado.

POPULAÇÃO: O MUNDO DESENVOLVIDO NÃO CONTROLA A NATALIDADE

ROBERTO GRASHAM-INTERPRESS SERVICE

NOVA IORQUE, JULHO – Seis países industrializados contam com 20 por cento da população mundial. São eles a Austrália, a Alemanha Federal, o Japão, a Grã-Bretanha, os Estados Unidos e a União Soviética. Segundo dados fornecidos pelo Fundo das Nações Unidas para actividades na População (FNUAP), estes países e a sua população consomem 85 por cento da produção mundial de aço, 73 por cento da produção de papel e 62 por cento da energia.

Paralelamente, um quarto da população mundial, concentrada nos países subdesenvolvidos, disfruta dos benefícios da industrialização, tem altos índices de alfabetização, uma dieta satisfatória, boa saúde e serviços médicos eficientes, a expectativa de vida supera os 70 anos, e inclusivamente em momentos de recessão económica as percentagens de desemprego ou de subemprego são baixas comparadas com as do Terceiro Mundo.

Por outro lado, os países desenvolvidos, muitos deles com uma pequena extensão territorial em comparação com os do Terceiro Mundo, apresentam os índices mais altos de concentração humana. A Holanda, a Bélgica, o Japão, a Alemanha Federal e a Grã-Bretanha situam-se entre os países do mundo com maior densidade populacional.

Em todos estes países existe um grande desequilíbrio entre o número de habitantes e os recursos produzidos no país, de onde, entre outros problemas, deriva uma crescente deterioração do meio ambiente.

A análise dos técnicos do FNUAP indica que muitos dos problemas existentes nestes países superpovoados diminuiriam se se alcançasse um determinado grau de planificação da sua população. A super-exploração da terra ver-se-ia reduzida, a urbanização, à custa de importantes sectores agrícolas, diminuiria, a importação de alimentos reduzir-se-ia, sendo possível alcançar a auto-suficiência.

Por outro lado, as exigências que a manutenção de semelhante população supõe – tal como se encontra estruturado o sistema económico no mundo ocidental – recaem sobre um Terceiro Mundo que cada vez tolera menos essa situação e reclama uma nova ordem internacional. O actual estado de coisas – afirma John Loraine, membro do Departamento de Medicina Comunitária da Universidade de Edinburgh, Grã-Bretanha – degrada e debilita os países subdesenvolvidos, mantendo-os numa situação em que não podem responder às necessidades elementares de solucionar o problema da fome, do analfabetismo, da falta de habitação e de trabalho.

O crescimento da população nos países desenvolvidos diminuiu notoriamente na década actual. Mas mesmo assim, salvo alguns poucos casos, não existem políticas explícitas relativamente a esse crescimento.

Nos Estados Unidos existe uma assistência estatal à planificação familiar para ajudar os pais a decidir da frequência e do número de filhos, mas não passa daí.

No Canadá não existe nenhum tipo de planificação e na Austrália manifesta-se oficialmente uma preocupação relativamente ao problema do crescimento da população, mas não são tomadas medidas concretas tendentes à sua regularização. Entretanto, no Japão, o debate sobre a alta densidade humana opõe os que vêem como um problema e os industriais, que apontam os perigos de uma diminuição da mão-de-obra.

O outro extremo são os países como a França, onde a política oficial procura aumentar a população francesa. De Gaulle pretendia chegar aos 100 milhões e esta ideia foi retomada pelos governantes que se lhe seguiram.

Esta realidade – que só com algumas excepções está directamente vinculada aos problemas políticos derivados das necessidades económicas mundiais, para fazer frente às quais os países desenvolvidos se servem dos subdesenvolvidos. Assim o tema da população foi cobrando importância com o correr dos anos, e fundamentalmente nesta última década. À luz dos dados apontados, o mundo industrializado não parece ser coerente com algumas das posições que defende. Um facto é sintomático: enquanto na maioria dos países do Terceiro Mundo a venda das pílulas anticoncepti-vas é livre, nos países desenvolvidos o controlo é alto.

política de A a Z

O CERCO

Quem, habitualmente, lê estes comentários do quotidiano político, sabe que temos usado, com alguma frequência, as palavras manobra e cerco, intriga e intoxicação. Para a intriga política e para a intoxicação desestabilizadora temos alertado os leitores. Temos caracterizado as operações de cerco; temos denunciado as manobras da «direita»; temos feito a necessária distinção entre a «direita» que afirma aceitar as regras do jogo democrático e a «direita», extremista e ultramontana, que suspira pelo «regresso» e prepara a «desforra»; «direita» que conspira, que aposta na subversão, que não desistiu de inverter a marcha da História.

Sabemos que estes comentários não agradam à «direita», que irritam uma certa «inteligentzia», que merecem reparo e remoques, que provocam ataques soezes.

Há quem não suporte a verdade. Há quem não se adapte à liberdade da crítica. Há quem que quando perde a razão, perde, também, o domínio de si próprio e das palavras que diz. Há quem não queira ver denunciados os discursos e os manejos que visam cavar divisões no campo antifascista. Há quem não seja capaz de tolerar que se preconize a aproximação das forças que, na sua independência ideológica, e sem prejuízo da autonomia táctica, deveriam, estrategicamente, convergir. Há quem não queira entender, no seu voluntarismo maximalista, na sua exaltação romântica, que se valorize tudo e qualquer palavra, e qualquer gesto, que possam ser considerados positivos.

E estamos a adivinhar os sorrisos sábios ou sabidos, desdenhosos. E escutamos já a pergunta carregada de ironia: e agora?

Honradamente confessamos que não suposemos que um erro político viesse a ser reforçado com a surdez política de quem assumiu um compromisso solene perante a História, o Povo e a Revolução de Abril. Mas o insulto à Resistência, não pode levar-nos a uma fixação sentimental. Nestes dias de «crise», nesta hora de «opções», estas, sim, inadiáveis, a consciência política impõe-nos que o agravo moral nos não distraia do «cerco» político.

O regresso do servidor de Salazar é um epifenómeno. O avanço da «direita» (civil e militar), as cedências à «direita» (civil e militar), são a motivação e o contexto. A «crise» foi provocada adrede. Intencionalmente. Planeadamente. Contra o Governo de «coligação», contra a Democracia.

A fórmula de um «Governo de Salvação Nacional», na proposta de Francisco Sá Carneiro, não se destina somente a excluir o Partido Comunista, destina-se, igualmente, a reduzir o Partido Socialista a uma força minoritária **no** Governo. E os apelos a um «presidencialismo», vago nuns casos, noutros devidamente individualizado, trazem a sugestão envenenada de um «sidonismo», que seria não só uma fuga à dinâmica democrática, social e política, como um convite à aventura militar.

O «cerco» está montado. Uma resposta democrática é necessária e urgente. As forças democráticas, – o Presidente da República – não podem demitir-se do dever de defender a Revolução de Abril, a Constituição e a República.

Não é um «Governo do PS» que está em causa; estão cercadas as instituições democráticas. A Constituição é um alvo prioritário.

A «esquerda», o conjunto das forças democráticas e socialistas, cometerá um erro de análise política e um erro de previsão política, se, em vez de reagir a esta situação concreta na perspectiva da «operação de cerco» em curso, pretender prevalecer-se, numa perspectiva partidária ou sectorial, deste afundamento da fórmula governamental resultante da falsa aliança de «socialistas» e de «centristas».

A NOVA JOGADA DO CDS

Da «crise» devolvida para o seu campo, o CDS tirou vantagem com algum cinismo e muita habilidade. Num intervalo da sua febril actividade durante a reunião do Conselho Nacional do CDS, o engenheiro Amaro da Costa, solicitado pelos jornalistas, anunciou que o CDS, entre **ceder** e **recuar**, decidira **avançar.** Forçar a «crise» insistindo nos pedidos apresentados, reforçá-los, colocar o PS perante uma situação de facto: o pedido de demissão de Rui Pena, Basílio Horta e Sá Machado.

Diogo Freitas do Amaral escrevera na sua coluna de «Expresso»: «A nossa disponibilidade para pôr acima de tudo o interesse nacional é a mesma de sempre. Mas estaremos de facto a servi-lo? E poderemos fazê-lo utilmente se todos os que nos são próximos, talvez interpretando o sentimento geral, se distanciam e criticam?» E, às interrogações que bem exprimem a separação entre a direcção do CDS e o seu público político e eleitoral, respondia: «Uma coisa tenho para mim como certa: se em 1975 o CDS combateu os seus adversários apoiados nos seus amigos, não faria sentido que, em 1978, ou noutra data qualquer, o CDS fosse levado a combater os amigos apoiado nos adversários.»

Não podemos exigir a Freitas do Amaral que confesse, em público, preto no branco, com maior sinceridade, com maior clareza, as suas preocupações, que com maior sinceridade e com maior clareza, reconheça as suas limitações políticas, ideológicas e de classe.

Os «amigos» do CDS não são os «amigos» de um Partido Socialista. O defeito deste 2.º Governo Constitucional era de nascença, de concepção. Uma falsa aliança política, sem base social, sem fundamentação programática,sem perspectiva estratégica, não podia deixar de revelar a sua fragilidade. A «crise» não tem remédio no quadro das relações bilaterais PS-CDS, nem no esquema triangular: PS-CDS-Presidência.

E AGORA PARTIDO SOCIALISTA?

Perante o afundamento, sem glória, da fórmula de «coligação» PS-CDS, não poderemos deixar de recordar aqueles que expressamente a condenaram, um Carlos Candal, na Assembleia da República, um Manuel Tito de Morais, na reunião da direcção do Partido Socialista. Em 30 de Janeiro, declarava Manuel Tito de Morais: «O que me parece existir é um desgosto, não pela forma encontrada, mas porque não tivemos a capacidade e a vontade para desenvolver uma política na base do nosso projecto de sociedade.»

O Partido Socialista partiu para esta estranha cooperação com uma frustração, um desencanto, que se justificavam teoricamente e que se vieram a confirmar praticamente.

A defesa e consolidação da Democracia e a solução dos problemas económicos e financeiros, passam, para o CDS, pelo abandono das posições socialistas, pela liquidação da participação democrática, pela recuperação capitalista, burocrática, tecnocrática e corporativa.

Serão simpáticos. Serão liberais. Mas o desacordo com o projecto constitucional não poderá ser considerado temporal e fortuito. Revelou uma oposição de fundo, uma inspiração determinada, um compromisso. E errado foi supor-se que a direcção do CDS poderia deixar de reflectir os sentimentos e a vontade das bases, de ser a voz de uma «direita» conservadora, cega e surda.

KG. 52$90

FRANGOS do campo, prontos a cozinhar, gordos e tenros, abate diário, com inspecção sanitária da C. M. L.

CODORNIZES prontas a cozinhar, preço especial, cada ..... 17$50

OVOS de galinha do campo, gema muito amarela, da letra D (os maiores)

DÚZIA 27$50

MARTINI ou Cinzano, normal, garrafa de litro ..... 55$00

WHISKY «Gregson's» escocês, 100% puro, preço especial ..... 175$00

MEL puro de abelhas, das melhores pastagens serranas do Alto Minho, recebido direct. de produtores, kg. 92$00

VINHO do Dão, velho, garrafa 0,75 l. (só líquido) ..... 38$50

VINHO do Porto «Delaforce», garrafa 0,75 l. ..... 57$50

BRANDY «Torre de Menagem», garrafa de litro (reserva) ... 72$50

GIN Extra Dry «Bosford», preço especial ..... 119$50

MIMO DAS AVENIDAS

Avenida Elias Garcia, 140 — LISBOA — Telef. 77 34 40

DÁ-SE

50.000$00

A quem conseguir armazém nos arredores de Lisboa, preferência ao norte do Tejo, com área coberta de 1000 metros quadrados aproximadamente e descoberta a mesma, altura mínima de 4 metros, não sendo necessários bons acabamentos, com acesso para camiões e de renda entre 30/40 contos mensais, possível com telefone.

Resposta ao apartado 25 — Vila da Feira, ou telefones 97246 ou 97274 — rede S. João da Madeira.

externato de alfragide

infantil • primário

Rua Ribeiro de Vasconcelos • Tel. 97 87 95

ALFRAGIDE

INSCRIÇÕES ABERTAS

PARA O ANO LECTIVO DE 1978/79

VENDEMOS ANDARES

Nas melhores condições. Com entrada a combinar, em qualquer local seja qual for a sua disponibilidade financeira não deixe de consultar

57 82 31

— ANDARES
— MORADIAS
— PRÉDIOS
— TERRENOS

57 82 31

Predial Delma

AV. ANTÓNIO AUG. AGUIAR, 150-1.º ESQ. LISBOA

Polícia Judiciária promove debate sobre direitos e garantias dos cidadãos

Promovido pela Directoria-Geral da Polícia Judiciária, iniciou-se no anfiteatro 2 da Faculdade de Letras de Lisboa um ciclo de conferências sobre o tema «Direitos, liberdades e garantias dos cidadãos», nas quais participam elementos dos partidos com assento na Assembleia da República e cujas intervenções serão, obviamente, de sua responsabilidade.

A primeira conferência ocupou a manhã de sábado e nela participaram Lino Lima e Fernando Luso Soares, do PCP. Na mesa encontravam-se ainda os inspectores da PJ Garcia Marques e Gomes Dias. A assistência era constituída principalmente por estagiário daquela Polícia para os diversos níveis profissionais.

O deputado do PCP e advogado Lino Lima comparou os direitos, as liberdades e as garantias dos cidadãos agora estatuídos com os que vigoravam na Constituição fascista de 1933. Luso Soares fez a análise crítica sobre a relação de equilíbrio encontrada na Constituição de 1975 entre os direitos, liberdades e garantias dos cidadãos e as actividades judiciária e policiária. Fez também a apreciação e estudo crítico dos instrumentos jurídicos de acção policial, tais como escutas telefónicas, buscas domiciliárias, prisões fora de flagrante delito efectuadas por autoridades policiais sem mandado do juiz, narcoanálise, etc.

Seguiu-se um debate entre os conferencistas e os presentes no qual se fez o confronto entre os direitos, as liberdades e as garantias dos cidadãos e a acção punitiva e repressiva do Estado.

Nas próximas sessões serão intervenientes os deputados Carlos Candal, do PS, Lucas Pires, do CDS, e Figueiredo Dias, do PSD/PPD.

TRIBUNAL DE POLÍCIA

Mário Castrim

Pedro Juan fugiu de Espanha

Seu nome é Pedro Juan, natural de Burgos. Fala um castelhano cerrado. Houve que meter intérprete e mesmo assim as dificuldades foram muitas.

Pedro não possuia qualquer documento de identificação quando a polícia o deteve. Entrou saberão como Deus e Pedro Juan, por Vilar Formoso. Conta-nos que os perdera em Espanha antes de vir para Portugal o juiz lembra-lhe que nesse caso teria sido mais sensato tirar novos documentos e nesse caso ninguém o incomodaria cá. Ou teria assim tanta pressa de sair de Espanha?

Pedro Juan não responde directamente. Diz que não quer estar em Espanha porque não concorda com o regime político espanhol. Não acrescenta razões. Diz pertencer ao Partido Nacionalista Basco. Militante, não dirigente.

— Usted — lembra o juiz — declarou na polícia que tinha vindo para Portugal não por questões políticas, dado que em Espanha não tinha nenhum problema político.

Bueno, problemas realmente não os tinha. Mas a política de Espanha «no le gusta».

— Usted declarou que fugia de Espanha por falta de trabalho.

Que viu, que em Espanha as coisas estão malas, muito malas, mesmo. Há muito desemprego. Trabalho procura-se procura-se e não se encontra.

— Em que trabalha usted?

— Hotelaria.

— Hotelaria? Dificuldade em arranjar trabalho? Em Espanha?

Que sim. E que a ele, além do desemprego, não lhe davam trabalho por razões políticas.

Sabe-se que nos países ocidentais (incluindo Portugal) a concessão de emprego está muito dependente das convicções políticas dos candidatos. Sabe-se como em empresas desintervencionadas se despediram os elementos politicamente mais activos. Veja-se, por outro lado, o que aconteceu com os despedimentos na RDP e RTP. Este processo de marginalização política encontra-se mesmo legalizado em certos países, como a Alemanha Federal, através do famigerado «Berufrerlobeten».

Pedro Juan, no entanto não acrescenta nenhuns dados, nenhumas informações concretas, muito embora o juiz insista nesse campo porque declara «Se eu soubesse que o senhor em Espanha sofresse de perseguição política, não o deixaria ir para lá».

Juan joga as suas últimas cartadas. Diz que de qualquer modo não gostaria de regressar a Espanha. Pede ao juiz que o mande para a Argentina ou para o México. Nesses países ao menos sempre fala a sua língua. Gostar por gostar, gostava de ir para a Argentina.

Pedro Juan não chegará a atravessar o Atlântico, pelo menos desta vez. Por agora, terá de regressar ao seu país tal qual como de lá partiu: sem documentos, sem mala e com a roupa que traz no corpo. Terá para isso o prazo de 24 horas.

Claro que a história de Pedro Juan não acaba aqui. Como foi entregue às autoridades espanholas? Como reagiram estas? Quais seriam as verdadeiras razões da fuga de Pedro Juan? Que fará ele quando eu ponho o ponto final nesta crónica?

REFORMA AGRÁRIA

PLENÁRIO DE MONTEMOR-O-VELHO

Agricultores aprovam Caderno Reivindicativo

Centenas de agricultores presentes num plenário que decorreu em Montemor-o-Velho aprovaram um Caderno Reivindicativo de dez pontos que deverá ser apresentado ao Governo. Decidiram, ainda, fundar a Federação das Uniões e Ligas de Agricultores e eleger o respectivo secretariado.

O documento aprovado contém, entre outros pontos, reivindicações relativas às indemnizações e seguro agro-pecuário, ao preço e comercialização do leite, aos créditos de máquinas agrícolas e à assistência técnica. No que diz respeito às obras do Mondego, os agricultores exigem « participar na discussão do plano daquela obra bem como indemnizações justas, pagas a tempo e horas »

Os agricultores reclamam ainda que as terras recuperadas por essas obras sejam atribuídas, em primeiro lugar, aos pequenos e médios agricultores e rendeiros, bem como «uma campanha de esclarecimento feita pelos técnicos do Estado, quanto às novas culturas agrícolas a serem introduzidas na região.

Na questão referente ao leite pretendem os agricultores que o seu pagamento seja feito com pontualidade e que a venda da produção nacional seja assegurada antes de se recorrer à importação. Exigem, ainda, subsídios de 80 por cento para as salas de ordenha colectiva e para a refrigeração, o preço de dez escudos para a classe B do leite e a abolição da classe C. Os agricultores condenam por outro lado, qualquer aumento do preço dos adubos, dos pesticidas e das rações, propondo ao Governo que trave o aumento do preço das máquinas, das alfaias e do gasóleo.

Quanto ao Crédito Agrícola de Emergência, reclamam que seja pago, no final da campanha, ao juro de 6,5 por cento e que os créditos, para maior prazo, não tenham juro superior a 10 por cento. Exigem, ainda, que os preços dos produtos agrícolas sejam estabelecidos antes de cada sementira e que o Governo garanta o escoamento, sempre que houver dificuldades de venda. Em relação ao vinho protestam pelo facto do recente aumento se ter verificado numa altura em que os agricultores já não tinham vinho em casa, beneficiando, desta forma, os grandes armazenistas.

No final do plenário os agricultores elegeram o Secretariado da Federação das Uniões e Ligas do Baixo Mondego, constituído por dois elemtnos, de cada uma das Uniões de Agricultores dos concelhos de Coimbra, Condeixa, Soure, Figueira da Foz, Arganil e Montemor-o-Velho.

Sá Carneiro na Madeira:

Crise é provocada por indefinição do modelo político que nos rege

O PSD nunca tomaria conta do Governo, ainda que isso nos fosse oferecido, precisamente porque entende que o problema hoje em Portugal é, o problema de encontrar um projecto viável para o nosso País e a partir daí para a definição de uma política para constituição de um Governo, envolvendo um projecto de solidariedade a caminho de uma igualdade. É por isso que nos parece indispensável que se encontre uma plataforma com o apoio dos três partidos democráticos, e a partir daí para um Governo das pessoas mais competentes capazes de levar a cabo essa plataforma de salvação nacional». Estas palavras, pronunciadas por Sá Carneiro no Funchal, durante uma conferência de Imprensa, são transparentes quanto à preocupação das forças à direita do PS em pôr de parte e destruir o projecto constitucional.

Sá Carneiro considera que a crise em que se vive é originada por «uma indefinição quanto ao modelo político que nos rege, quanto ao papel do Presidente da República, necessidade e limites da sua intervenção».

Falando sobre a eventualidade de um governo de «salvação nacional» e da participação do PCP, Sá Carneiro, irredutível disse que «para os sociais-democratas essa hipótese está completamente afastada» e que uma plataforma de salvação nacional nunca poderia ser feita com os comunistas» porque «os conceitos de sociedade entre aquilo que entendemos da plataforma apoiada pelos partidos democráticos e o conceito do partido comunista são radicalmente diferentes». Outra afirmação em que o «leader» do PSD/PPD acaba por permitir a conclusão de que não pretende afinal nenhuma plataforma mas sim impor as suas teses.

Sá Carneiro havia-se deslocado á Madeira, acompanhado por Meneres Pimental para assistir a um convívio-festa do quarto aniversário do PSD local.

Emergência para Brandoa e Seixal

No âmbito do Plano de Emergência, o Ministério da Habitação e Obras Públicas determinou a criação do Departamento de Realizações Integradas para a área de Lisboa. Enquanto a regionalização não for delimitada, este departamento vai promover acções nas áreas de intervenção da Brandoa-Falagueira (Oeiras) e da Quinta do Conde (Seixal e Sesimbra).

Estas áreas, ainda nos termos do despacho normativo n.º 160/78, publicado hoje no «Diário da República», «carecem de recuperação e reconversão urbanística, o que coloca a urgência da proposta de soluções enquadráveis no planeamento urbanístico das zonas onde se inserem, a realização de infra-estruturas urbanísticas, do equipamento social, de áreas livres e espaços verdes adequados, a correcção de deficiências dos edifícios existentes no que se refere às condições de solidez, segurança e salubridade, o completamento da malha habitacional urbana onde se justifique, o apoio dos moradores atingidos e comprovadamente carecidos, a promoção de habitação, etc».

A SAÍDA: 3.º GOVERNO CONSTITUCIONAL OU ELEIÇÕES ANTECIPADAS

CDS aprofunda mais a crise e fica à espera de resposta do PS

O CDS devolveu ontem ao PS a responsabilidade pela queda do actual Governo ou por eventual rompimento do acordo interpartidário concluído no princípio do ano. Pressionando o seu «companheiro» de Governo o partido do Centro Democrático Social avançou com a demissão dos seus três ministros: Basílio Horta, Sá Machado e Rui Pena. A última palavra caberá assim à Comissão Directiva do PS que esta noite reúne em Lisboa.

O comunicado final do Conselho Nacional do CDS só seria divulgado a meio da madrugada de hoje. O seu texto demonstra a preocupação havida em não fechar todas as portas ao partido do dr. Mário Soares, particularmente no que respeita ao acordo interpartidário «com incidência governamental». Desta forma e na inevitabilidade da queda do II Governo Constitucional, o CDS pretende manter válido o instrumento que permitirá a formação de novo governo de coligação e evitará a realização de eleições gerais antecipadas.

Relativamente às cedências entretanto feitas pelo PS ao exigido no anterior Conselho Nacional, realizado em 8 deste mês, o CDS não se considera ainda satisfeito, considerando que a remodelação ministerial pretendida é ponto decisivo de que não abdica. Daí, segundo o CDS, o avançar com a demissão dos seus ministros por forma a «permitir ao Primeiro-Ministro que realize a referida remodelação».

Caso o PS decida pela constituição de um novo Governo, o II constitucional, mantendo o acordo interpartidário, o CDS exigirá o aparecimento de novas figuras no Executivo e o afastamento de algumas das actuais, contando-se entre estas as dos ministros Luís Saias, António Arnaut e provavelmente Sottomayor Cardia, falando-se ainda de Santos Paes.

São as seguintes as conclusões do comunicado final do Conselho Nacional do CDS: «1 – O CDS considera adquirida a concordância do PS nas matérias relativas ao melhor funcionamento e articulação dos órgãos de soberania, à definição dos objectivos prioritários da acção governativa nos próximos meses, à intensificação do diálogo com os parceiros sociais e outras instituições relevantes e à reconsideração das modalidades práticas do acordo PS-CDS;

«2 – O CDS reafirma que as propostas apresentadas em 8 de Julho formam um todo indivisível pelo que considera essencial a realização da remodelação governamental que abranja designadamente o MAP;

«3 – Se a remodelação ministerial se não efectuar, o CDS não poderá continuar a apoiar o Governo na sua estrutura actual;

«4 – De toda a maneira o CDS considera que um entendimento entre o CDS e o PS continua a ser da maior utilidade para o País e para a democracia, pelo que estará aberto, na hipótese do n.º 3, à realização de negociações que permitam encontrar uma nova fórmula governativa que mantenha esse entendimento;

«5 – Nesta conformidade e para permitir ao Primeiro-Ministro que realize a referida remodelação ministerial os três ministros que são membros do CDS informaram o Conselho Nacional de que pedirão hoje dia 24 a sua demissão».

(Note-se, no último ponto, que a demissão dos ministros centristas é apresentada como sua iniciativa, comunicada ao Conselho Nacional. Trata-se de uma forma de ultrapassar a situação criada pelo facto dos três ministros terem entrado no Governo a título pessoal e não como militantes do CDS o que os coloca fora da jurisdição directa daquele órgão directivo. Registe-se ainda que na última reunião do Conselho de Ministros Basílio Horta, Sá Machado e Rui Pena, juntamente com Luís Saias, haviam já colocado os seus lugares à disposição do Primeiro-Ministro. Soares todavia não aceitou e manteve que «não cederia em matéria de pessoas»).

O COMUNICADO CENTRISTA

Estas cinco conclusões rematam um longo comunicado de cerca de 2700 palavras distribuído próximo das 5 horas da manhã de hoje. Este comunicado cujo texto fornece mais esclarecimentos sobre as questões que opõem os dois partidos do Governo e sobre a verdadeira extensão das pretensões do CDS começa por aludir à posição assumida pelo PS em Nafarros, sublinhando que os socialistas revelaram «mais uma vez as possibilidades de cooperação política entre os dois partidos».

Depois de mencionar as cinco propostas do anterior conselho, o comunicado afirma que «o Secretariado Nacional do PS não deu resposta positiva à necessidade sublinhada pelo CDS de uma melhor adequação do estilo e da composição do Governo ao sentido profundo da sua acção política global».

Afirmando não pôr em causa a faculdade de o Primeiro-Ministro escolher os membros do respectivo gabinete (a propor ao Presidente da República), o CDS declara que «também nos termos do acordo» entre os dois partidos, «a estrutura do Governo deve ser objecto de consenso» entre ambas as organizações, «tendo como objectivo a racionalização dos diferentes Ministérios e Secretarias de Estado, bem como o reforço da eficácia e operacionalidade do Governo».

Relativamente à questão da agricultura, diz-se no comunicado que «não move o CDS qualquer intuito de 'pessoalizar' os problemas da acção governativa», mas não pode este partido «ser insensível além de outras importantes razões da maior relevância nacional ao facto de se ter criado em torno daquele sector uma imagem que não corresponde a área política coberta pelo espectro PS-CDS e que resulta, efectivamente, de uma prática que múltiplos sectores democráticos identificam como correspondente a pontos de vista do PCP».

Após declarar que a proposta de remodelação visa «reconduzir a acção e a imagem do Governo em matéria de política agrícola» ao espaço próprio da aliança, o CDS observa que «se por absurdo algum sector a cargo de um membro centrista do Governo realizasse uma política que pudesse ser interpretada como fruto de um diálogo privilegiado ou de compromisso objectivo com uma organização política de extrema-direita», os centristas não teriam «nenhuma razão para recusar ao PS o direito de propor ao Primeiro-Ministro uma remodelação» que abrangesse esse sector.

Mais adiante, afirma-se que «do ponto de vista do CDS, na remodelação governamental, joga-se, em toda a sua profundidade, a simbologia de uma necessária modificação da prática política». Para os centristas, «está em jogo a imagem de um Governo que, no espírito e na intenção dos seus apoiantes, deverá corresponder ao acordo PS-CDS e que, afinal, surge aos olhos de muitos como sendo coisa diferente».

«Não facilitaria, por exemplo» – lê-se noutro passo do comunicado – «a acção do Governo que existissem importantes aforamentos de 'frentismo' entre o CDS e as forças políticas colocadas fora do espaço coberto pelo acordo PS-CDS, fosse qual fosse a matéria em causa».

Os centristas admitem que «riscos desta natureza não podem ser totalmente eliminados através de uma remodelação governamental. Mas eventuais expressões deste tipo que possam existir mesmo na aparência, designadamente ao nível do Governo, não podem deixar de ser corrigidas».

«A remodelação governamental é o corolário lógico e expectável dum processo destinado a imprimir maior dinamismo, operacionalidade e objectividade à acção governativa» – refere-se no comunicado. «A sua não aceitação põe em causa, perante a opinião pública, a credibilidade desse processo, com consequente desgaste do Governo e, em geral, do poder executivo, deteriorando-se, correspondentemente, as condições mais convenientes e necessárias para a resolução dos problemas concretos dos portugueses.»

No que respeita a eventuais eleições antecipadas, «tal como em Janeiro passado, o CDS continua a pensar que não convém ao País a realização de eleições gerais antes de 1980. O CDS não teme como partido, mas não as deseja para o País» – afirma-se no texto centrista.

«A perspectiva de eleições no corrente ano introduziria fatalmente perturbações no cumprimento de um necessário, ainda que impopular, programa de estabilização económica e financeira, afectaria o início das conversações entre Portugal e a Comunicade Económica Europeia, protelaria a discussão e aprovação de importantes leis como a correspondente às grandes opções do Plano a Médio Prazo, atrasaria as necessárias reformas da fiscalidade do crédito e da administração pública e perturbaria as acções com vista ao relançamento da economia, designadamente em sectores vitais como o da exportação, o do turismo e o do aumento da produção agrícola» prossegue o comunicado.

Ainda sobre a antecipação das eleições, o CDS diz que, «no plano político», tal perspectiva, «num prazo que não seria curto, conduziria provavelmente a tentativas desestabilizadoras de conhecidos extremismos, com todas as suas negativas consequências e implicações».

Os centristas aludem ainda à «necessidade de se promover uma séria e aprofundada reflexão sobre aspectos fundamentais do Estado e da sociedade portuguesa para defesa da democracia. De entre eles, avulta a vantagem de um consenso realista sobre a interpretação constitucional e sobre a sua traduçõ numa prática legislativa e administrativa sem ambiguidades. A experiência do actual Governo e a crise actual convida àquela reflexão em termos tão amplos quanto possíveis e envolvendo partidos políticos, forças sociais e órgãos de soberania.»

Uma delegação centrista deu conhecimento das conclusões do Conselho à Presidência da República e ao Primeiro-Ministro.

FREITAS DO AMARAL FALOU AOS JORNALISTAS

No final desta reunião do Conselho Nacional do CDS, Freitas do Amaral fez breves declarações aos jornalistas presentes. Segundo afirmou a intenção do seu partido «não é a de fazer cair o Governo, mas a de permitir ao Primeiro-Ministro a margem de manobra suficiente para efectuar a remodelação ministerial».

Depois de afirmar que «seria útil para o País e para a democracia que o entendimento entre o PS e o CDS pudesse manter-se»' Freitas do Amaral admitiu a hipótese de se formar um 3.º Governo Constitucional na base do actual quadro parlamentar.

Em resposta a uma pergunta sobre se pensaria haver maior probabilidade na antecipação de eleições do que na constituição de um 3.º Governo dentro do presente contexto parlamentar, o presidente do CDS escusou-se a responder em termos de probabilidades, tendo aludido àquilo que o seu partido deseja – nomeadamente, a continuação do acordo com o PS, para «reforço das instituições democráticas», sem necessidade de recorrer a um acto eleitoral antecipado.

Face a outra questão, Freitas do Amaral declarou que o CDS não teve qualquer contacto com a União Europeia das Democracias Cristãs sobre a presente crise governamental portuguesa. O presidente do CDS – que também é vice-presidente da UEDC – recusou-se igualmente a prestar declarações acerca de um encontro tido há dias com o cardeal-patriarca, explicando que esse género de audiências não se insere no âmbito dos contactos políticos do CDS.

ESTA NOITE EM BENFICA

Moradores contra gasómetro

Convocada pela Comissão de Moradores de Calhariz de Benfica efectua-se esta noite, pelas 21 e 30, conforme já anunciámos na nossa edição de sábado, uma manifestação de protesto contra a decisão tomada pelo Conselho de Ministros de prosseguir com os trabalhos de construção naquela zona de um gasómetro com capacidade para 40 mil metros cúbicos de gás.

Recorde-se que as obras de construção do gasómetro, localizadas na Rua Carolina Micaelis, local da concentração de hoje, haviam sido suspensas, há dez meses, pelo então ministro Nobre da Costa, por pressão e alertas dos milhares de habitantes da área.

Para além da autorização concedida à EDP relativamente ao gasómetro de Benfica, o Conselho de Ministros daria ainda aval àquela empresa para a construção de um reservatório do mesmo tipo na zona de Carriche.

Sr. Camionista

Ao conduzir um veículo pesado, tome todas as precauções para uma boa arrumação da carga.

circular é viver.

IV FESTIVAL DE MÚSICA DA COSTA DO ESTORIL

ORGANIZAÇÃO DA JUNTA DE TURISMO
COM A COLABORAÇÃO DA:

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
DIRECÇÃO-GERAL DO TURISMO

ESTORIL CASCAIS

TEATRO S. LUIZ **LISBOA**

Segunda-feira, 24 de Julho
21.30 h

ALDO CICCOLINI (piano)

SATIE	Première Gymnopédie Croquis et agaceries d'un gros bonhomme en bois Embryons desséchés
CÉSAR FRANCK	Prelúdio, Coral e Fuga
RAVEL	Sonatina
RACHMANINOFF	Sonata n.º 2 op. 36

PALÁCIO NACIONAL **QUELUZ**

Quarta-feira, 26 de Julho
21.30 h

INGRID DINGFELDER (flauta)
OLGA PRATS (piano)

J. S. BACH	Sonata em Lá maior
MOZART	Sonata em Dó maior
MARTINU	Primeira Sonata
FAURÉ	Fantasia op. 79
POULENC	Sonata para flauta e piano
BARTOK	Suite Rústica Húngara

AULA MAGNA da Reitoria **LISBOA**

Sexta-feira, 28 de Julho
21.30 h

JACQUES SINGER (maestro)
ALDO CICCOLINI (piano)

MOZART	Sinfonia «Haffner» K. 385
RAVEL	Concerto em Sol maior
FREITAS BRANCO	Paraísos Artificiais
BEETHOVEN	Sinfonia n.º 7 op. 92

ORQUESTRA SINFÓNICA DO TEATRO S. CARLOS

VENDA DE BILHETES:
JUNTA DE TURISMO — ESTORIL
COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO—SINTRA
TEATRO S. LUIZ — LISBOA
(à hora do espectáculo)
PALÁCIO NACIONAL — QUELUZ
(à hora do espectáculo)
AULA MAGNA DA REITORIA — LISBOA
(à hora do espectaáculo)

TRIBUNAL DA RELAÇÃO DE LISBOA

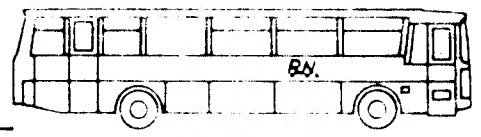
ANUNCIO 2.ª PUBLICAÇÃO

Faz saber que por este Tribunal e Segunda Secção de Processos nos autos de Revisão de Sentença Estrangeira n.º 12 844 em que é requerente Maria Lídia Pereira de Oliveira e requerido Guilherme Eugénio Fernando Pereira, residente em parte incerta de Moçambique, correm éditos de 50 (cinquenta) dias, contados da Segunda e última publicação do presente anúncio, citando o requerido para no prazo de 10 (dez) dias findo o dos editos, deduzir, querendo, oposição ao pedido de revisão da sentença que decretou o divórcio entre ambos a fim de que a mesma produza todos os efeitos legais em Portugal.

Lisboa, 5 de Julho de 1978.
O JUIZ DESEMBARGADOR,
Augusto Azevedo Ferreira
O ESCRIVÃO DE DIREITO,
Daniel Alves Coelho

RN RODOVIÁRIA NACIONAL, E.P.
C.E.P. 8

SERVIÇOS RÁPIDOS



LISBOA	PORTIMÃO
Partida	Partida
7.30	7.10
17.00	15.00
PORTALEGRE	**LISBOA**
Partida	Partida
8.45	14.30
VILA VIÇOSA	**LISBOA**
Partida	Partida
8.45	14.10

CURSOS DE VERÃO
EXAMES 2.ª ÉPOCA

EXTERNATOS

Marquês de Pombal
Rua Morais Soares, 93
Tel. 820221/834658

Álvares Cabral
Avenida Grão Vasco, 1
(Benfica) — T. 706974/5

PREPARATÓRIO-LICEAL
(GERAL E COMPLEMENTAR)

ADM. UNIVERSIDADE
(EXAMES «AD HOC» — Maiores de 25 anos)

ENSINO

"Carta Aberta" ao ministro sobre o Ano Propedêutico

Da Comissão Coordenadora Nacional das Estruturas dos Estudantes Propedêuticos, recebemos uma «carta aberta» ao Ministro da Educação. Os problemas abordados revestem interesse para milhares de estudantes, pelo que passamos a transcrevê-la em parte:

«A experiência mostra que o facto de os alunos terem a seu cargo o meio escolar suscita da parte deles um interesse que se basta a si próprio» – Paulo Langevin.

As palavras com que abrimos esta carta são do grande cientista e pedagogo francês Paul Langevin e servem para exprimir exactamente o oposto do que tem sido o actual Ano Propedêutico (AP) e o oposto, também, do que tem sido a política do Ministério que V. Ex.ª orienta e dirige.

De facto, tudo se faz sem participação dos mais interessados – e o AP é disso eloquente exemplo.

A questão do acesso à Universidade é já um problema nacional.

Senhor Ministro:

– É ou não verdade que a realização de exames de aptidão e a generalização do «numerus clausus» a todas as Faculdades, na actual situação do ensino em Portugal, são medidas profundamente elitistas que impedem o ingresso de milhares e milhares de estudantes no ensino superior. Sim ou não?

E agora, Senhor Ministro, se nos permite, convidamo-lo a sair do seu – quão distante! – gabinete e a constatar «in loco» a situação real em que se encontram os alunos do AP. Se o fizesse, veria (sem admiração, obviamente):

– Que o preço das propinas e do material de apoio é exorbitante;

– Que a distribuição dos textos de apoio é morosa e macrocéfala (será que V. Ex.ª desconhece que à volta das cidades existe, vastíssimo, o campo?)

– Que uma parte considerável do nosso País não é abrangida pelo 2.º Programa da TV e que muitos dos estudantes são também trabalhadores, às horas de expediente normal.

Senhor Ministro:

– É ou não é verdade que, assim, desta maneira, são os trabalhadores e os filhos dos trabalhadores que mais prejudicados ficaram?

Sim ou não?

Mas V. Ex.ª veria mais. Veria que não existe contacto entre professores e alunos e alunos entre si – base fundamental de qualquer sistema pedagógico científico e não dogmático. Veria que as aulas são autênticas máquinas de produzir «matéria», que não pode senão ser assimilada acrítica e resignadamente.

De facto, a vida do estudante propedêutico resume-se a acordar, ligar a televisão, olhar para o aparelho e ouvir exposições, por vezes fastidiosas, que lhe poderiam despertar interesse se o seu conteúdo fosse discutido e aprofundado com o professor e outros alunos. E tudo o que o estudante do AP é obrigado a reter destina-se a dois exames periódicos para, logo depois, esquecer o que aprendeu sem motivação.

«GERADOR DE DESISNTERESSE»

Prosseguindo na sua exposição, que conclui com a exigência de entrada na Faculdade de todos os estudantes que passem no Ano Propedêutico, sublinha-se:

«Tudo isto faz do actual A.P. um gerador de desinteresse generalizado e transforma-o numa aberração pedagógica. O problema merece a preocupação de todos os portugueses.

A formação de técnicos qualificados é indispensável à recuperação económica e social e ao desenvolvimento cultural do País, mas enquanto o Ministério de V. Ex.ª persistir nesta política absurda de desenfreada selecção, não só isso não acontece, como se contraria frontalemente o texto constitucional. E o senhor Ministro sabe (?) que a Constituição da República (...) afirma que «o acesso à Universidade deve ter em conta as necessidades do País em quadros qualificados e estimular e favorecer a entrada dos trabalhadores e dos filhos das classes trabalhadoras» (art.º 76). E conclui:

Mas, pense ou não pense, o facto é que V. Ex.ª, não atende à triste realidade das estatísticas – a taxa de escolarização em 1975 foi de 5,6% contra 11% em Espanha e 12,5% em França–, apesar da política do seu Ministério as ir enegrecendo cada vez mais, aumentando gradualmente a dicotomia que nos separa dos demais países da Europa.

E assim se vai assistindo a um sub-aproveitamento de potenciais técnicos quando o País exige a sua formação em quantidade e qualidade, e se vai ferindo a débil situação económica nacional.

Quando reivindicamos o «fim da política de encerramento das escolas e de liquidação de cursos»; a «expensão do aparelho de ensino e o total aproveitamento da rede escolar e do corpo docente existentes»; o «preenchimento de todas as vagas das Faculdades após um levantamento rigoroso, das capacidades das escolas tendo em conta as necessidades do País em quadros técnicos e aintelectuais» (levantamento a fazer com a participação de estudantes, de professores e do Conselho Nacional do Plano) –, estamos, pois, conscientes do que fazemos».

Sugestões ao MEC de dinamizadores do Ensino Primário

Cerca de 80 professores dos distritos de Braga, de Viana do Castelo, participantes num curso de formação para dinamizadores do Ensino Primário, realizado em Braga, propuseram ao Ministério da Educação e Cultura (MEC) a criação de um gabinete de apoio pedagógico.

Aqueles professores pediram ainda ao MEC que as acções de trabalho dos cursos de formação se realizem na terceira semana do mês de Setembro (de 18 a 22) e que ocupem so um período do dia.

Segeriram ainda que os temas a discutir nesse período sejam: Língua portuguesa, Matemática e Meio Físico e Social.

Solicitaram também do MEC que fosse garantido apoio humano e material àqueles cursos, através de serviços administrativos e dos serviços de inspecção e orientação do MEC.

Assistente de Ciências do ambiente

De acordo comno aviso publicado no «Diário da República», do passado dia 15 de Julho, está aberto pelo prazo de quinze dias, a contar do dia imediato à publicação deste aviso, um concurso documental para o recrutamento de um assistente eventual para o núcleo de ciências do ambiente, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.

Post-licenciatura em Economia

Tendo por objectivos a formação nacional de quadros, a formação de docentes a nível universitário e a iniciação à investigação no domínio da Economia, iniciar-se-á no dia 16 de Outubro, na Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa, um curso de pós-licenciatura em Economia com a duração de dois anos.

O curso será estruturado em sistema de disciplinas semestrais que irão cobrir os tópicos mais importantes no que se refere à teoria económica, tópicos quantitativos, políticas económicas e planeamento do desenvolvimento.

As candidaturas, acompanhadas de «curriculum vitae», deverão ser enviadas de 1 de Agosto a 15 de Setembro para a Faculdade de Economia da Universidade de Lisboa, na Quinta do Cabeço, Seminário dos Olivais, Lisboa 6.

SAUDE

ORDEM DOS MÉDICOS

Plenário dos Conselhos Regionais recusa o SNS do MAS

O plenário dos Conselhos Regionais da Ordem dos Médicos, órgão máximo de soberania da Ordem decidiu, esta madrugada, não aceitar o projecto de Bases do Serviço Nacional de Saúde proposto pelo MAS.

Os delegados dos médicos de todo o país decidiram, também, fazer baixar ao Conselho Nacional para o Serviço Nacional de Saúde um estudo alternativo a elaborar pela Ordem. Nesse documento em que vão ser contempladas diversas propostas feitas pelas secções regionais apresenta-se uma forma mista de Serviço Nacional de Saúde (Estatal e Convencionada).

A proposta elaborada por este grupo de trabalho, será depois levada ao Conselho Nacional Executivo e caso não exista aprovação unânime os pontos eventualmente contestados serão, posteriormente, submetidos a plebiscito nacional.

A proposta de não-aceitação do projecto do MAS aprovada na Assembleia Nacional da Ordem que é composta por representantes de todos os distritos na proporção de um para cada 250 médicos, obteve uma aprovação de 93 por cento dos presentes.

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DO PORTO

Burocracia impede dispêndio de verbas

PORTO, 24 – na ultima reunião da Assembleia Municipal foi salientado, mais uma vez, que a já conhecida burocracia e falta de capacidade operacional (desde a morosidade no lançamento dos projectos até à sua execução) estão na base dos atrasos que se verificam nas obras programadas para este ano, cujo atraso é da ordem dos seis meses. Ao salientarem essa realidade os membros da Assembleia realçaram o facto, também conhecido, de que o problema não é a falta de verbas. Recorde-se que no ano findo a Câmara deixou por gastar 362 mil contos, conforme foi tornado público, afectando sobretudo o capítulo da habitação.

A Assembleia deu parecer favorável ao pedido do executivo para o lançamento de uma derrama de 10 por cento sobre as contribuições industrial e predial. Recusando, em Assembleia de há um mês, esse pedido, o mesmo foi agora satisfeito e com base em que não se tratava afinal, da criação de um novo imposto (o que compete à Assembleia da República) mas apenas da aplicação do dec.-Lei 173/73 que instituia esse adicional. A Assembleia nesse capítulo, introduziu uma isenção da derrama às contribuições industrial e predial cujas colectas não excedam, respectivamente, 5 mil escudos e 500 escudos. As verbas recebidas por essa via serão aplicadas em diversas infraestruturas de habitação em bairros camarários e artérias da cidade.

CUNHAL NA "FESTA DA LIBERDADE"

Se PS disser "não" ao CDS direita sai derrotada

«Se os dirigentes do PS souberam responder 'não' à chantagem, a operação desestabilizadora do CDS cairá como um castelo de cartas e criam-se condições muito favoráveis para a estabilidade democrática, para a consolidação do regime e para uma alternativa que dê solução aos problemas nacionais» – assim se pronunciou ontem Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, no comício da «Festa da Liberdade», efectuado nos Olivais, perante milhares de pessoas, numa alusão directa às manobras «centristas» tendentes a fazer capitular o PS (cedências, nomeadamente nas pastas da Agricultura e dos Assuntos Sociais) manobras que esta madrugada assumiram um carácter de urgente ultimato quando se soube, no termo do Conselho Nacional do CDS, que os ministros deste partido iriam pedir hoje a demissão, assim abandonando a coligação governamental, o que, em princípio, pode originar a queda do Executivo.

«Toda a gente pergunta o que irão decidir uns e o que irão decidir outros. Se o PS vai resistir às exigências do CDS ou se recua e capitula novamente ante a pressão reaccionária. Se os ministros CDS ficam ou pedem a demissão. Se continua o Governo ou se o Governo cai. Tudo se passa como se os destinos do País se decidissem nas conversas dos gabinetes, dos bastidores e dos corredores, nos entendimentos ou desentendimentos dos dirigentes dos dois partidos da coligação governamental. Nesta situação – acentua Álvaro Cunhal, – «é preciso lembrar aos homens do Governo e dos partidos que o constituem, que **acerca da solução da crise o povo português tem também uma palavra a dizer. Se o PS cedesse às exigências do CDS é absolutamente certo que o Governo reduziria ainda mais a sua base de apoio e encontrará pela frente uma oposição muito mais vigorosa dos trabalhadores, das massas populares, e dos mais diversos sectores, incluindo no próprio PS.** Estamos absolutamente certos de interpretar os sentimentos dos trabalhadores portugueses e da grande maioria da população, ao afirmarmos que **a alternativa para o actual Governo de coligação PS-CDS, não é um Governo CDS-PS, nem um Governo com a entrada do PPD, como este reclama, mas um Governo onde se reforcem as posições de democratas e antifascistas e cuja política deixe de estar voltada para a defesa dos interesses do grande capital e dos grandes agrários e passe a voltar-se para a defesa dos interesses do povo e dos interesses de Portugal como nação livre e independente.**

SIGNIFICADO DA OPERAÇÃO CDS

Álvaro Cunhal afirmaria que «os dirigentes do PS cometeram um erro histórico ao acreditar que o CDS, partido da extrema-direita legal, partido onde a todos os níveis enxameiam os homens do antigo Estado Novo fascista, partido que votou contra a Constituição, se acomodaria às instituições e à vida democrática e seria um aliado fiel até 1980».

«A operação-chantagem do CDS mostra sem sobra de dúvida que, ao entrar na coligação, e ao afirmar-se pronto a respeitar a democracia e a Constituição, o CDS **viu sempre na coligação com o PS apenas um primeiro passo para ganhar posições no Governo, no aparelho do Estado, nos meios de comunicação social a fim de adiante fazer novas exigências e tentar novos avanços.** É um absurdo pensar que um partido, que votou contra a Constituição e define como seu objectivo fundamental a destruição do novo regime democrático nela consagrado, pode realizar no Governo uma política de respeito pela Constituição e pela democracia.»

Sublinhou Álvaro Cunhal que «os aliados políticos naturais do CDS não são os democratas, não é o PS, mas sim o PPD/Sá Carneiro da «convergência democrática» o MIRN da conspiração interna e internacional, o micro-PPM em vias de fascização e grupos de bandos do terrorismo, do separatismo e da conspiração neocolonialista».

Sobre os objectivos do CDS a médio e a longo prazo, disse o secretário-geral do PCP que esses objectivos «sempre se identificaram com os objectivos dos partidos reaccionários: a restauração do poder económico e político dos grupos monopolistas e dos latifundiários, a liquidação do regime democrático, a instauração de uma nova ditadura...»

«Por isso», disse, «a operação lançada pelo CDS não é apenas uma expressão e uma consequência de desacordos entre os partidos da coligação sobre tal ou tal problema, ou sobre tal ou tal Ministério, embora possa assumir essa forma no imediato. A operação lançada pelo CDS insere-se na estratégia global da reacção e faz parte da ofensiva que esta tenta desencadear para desestabilizar a situação democrática, forçar a uma prática governativa contrária à Constituição, destruir as conquistas da Revolução, «regulamentar» e espartilhar as liberdades e direitos dos cidadãos, criar condições para golpes e pronunciamentos e conseguir uma alteração da situação política e do regime democrático antes das eleições de 1980.»

Depois de relacionar a operação-chantagem do CDS com outros passos da reacção nos últimos tempos (liderança do PSD por Sá Carneiro, campanha contra a Pátria feita nos Estados Unidos por António Barreto, ataques ao Conselho da Revolução, ao espírito do 25 de Abril e ao próprio Presidente da República, libertação de «pides» e de bombistas, regresso de Américo Tomás, último chefe do Estado fascista, etc.) Álvaro Cunhal concluiria que «tudo indica que o CDS considerava estarem as condições criadas para conseguir um de três reultados: ou novas cedências e posições donde daqui a uns meses partiria para nova operação; ou sair do Governo, provocar a queda deste para dar lugar à formação de um Governo abertamente reaccionário; ou mergulhar o País na desestabilização geral e num vazio de poder propício a golpes e a pronunciamentos».

«SE O PS CEDER...»

Encarando-se a hipótese de que o PS possa ceder às exigências do CDS, «é necessário», disse Cunhal, «ter uma ideia clara de quais seriam as consequências, tanto a longo e médio prazo, como no imediato».

O que aconteceria, pois, se o PS cedesse às exigências do CDS?

Disse Álvaro Cunhal:

«Aconteceria, em primeiro lugar, **que a reacção conseguiria dar um passo mais no seu plano de reconquista do poder e da liquidação do regime democrático.** Não tardaria muito tempo que o CDS, com um pretexto ou outro, não voltasse à carga, com novas exigências, com novas chantagens, até encostar o PS completamente à parede, ultrapassá-lo e substituí-lo, aliando-se para tal com outros partidos e forças reaccionárias. **Aconteceria,** em segundo lugar, **que, em vez de se introduzirem as correcções necessárias e urgentes à política errada e nociva que tem seguido o Governo PS-CDS, se acentuariam os traços negativos.**

Álvaro Cunhal, pormenorizando-os, indicou esses traços negativos: «novos e pesados pacotes contra o povo», novos agravamentos do custo de vida, congelamento mais rígido dos salários, indemnizações aos capitalistas, «rediscussão dos limites do sector público e do sector capitalista», «falência de milhares de pequenas e médias empresas industriais e comerciais», «mais algumas dezenas de milhares de desempregados», etc. Surgiria novamente «a política de guerra civil contra a Reforma Agrária» – e também se intensificariam «as violências, arbítrios, esbulhos e despejos de senhorios ricos contra os rendeiros, e novas tentativas dos caciques reaccionários de roubarem os baldios aos povos».

No que respeita à composição do Governo, «se o PS cedesse às exigências do CDS, teríamos (pelo que já se conhece) o reforço nos Ministérios das posições dos inimigos das conquistas democráticas, ou seja, o reforço das posições daqueles que, não só de fora, mas de dentro dos órgãos de soberania, trabalham para a destruição do regime democrático consagrado na Constituição».

«Uma tal inflexão da política do Governo ainda mais para a direita **conviria** certamente aos interesses duma pequena minoria dos grandes capitalistas e grandes proprietários, mas **não convém aos interesses da maioria esmagadora da população portuguesa.** Conviria certamente aos planos de restauração do poder económico e político do grande capital e dos latifundiários e da instauração a médio prazo duma nova ditadura, mas **não convém para a defesa e consolidação do regime democrático e para a defesa e garantia da integridade territorial e da independência da nossa Pátria.**

Estamos absolutamente certos de que **não somos só nós, os comunistas, a opormo-nos a uma tal viragem ainda mais para a direita da política do Governo, mas que a essa viragem se oporão os trabalhadores, os técnicos, os intelectuais e as profissões liberais, os pequenos e médios agricultores e rendeiros, os pequenos e médios comerciantes e industriais, a juventude, as mulheres, todo o nosso povo já hoje atingido, desprezado, espezinhado, sacrificado pela política de recuperação capitalista do Governo PS-CDS e que não está disposto a ver ainda mais agravada a sua situação para que se dê satisfação às exigências egoístas e ilegítimas de um punhado de políticos e de grandes senhores. Um novo Governo com uma política rectificada segundo as exigências do CDS estará condenado a um fracasso ainda mais monumental que os Governos anteriores.** Por duas razões: **Porque não resolverá, antes agravará os grandes problemas nacionais. É porque terá contra ele os trabalhadores e as massas populares que, na evolução da situação e na perspectiva histórica, são ainda «quem mais ordena».**

SOLUÇÕES

No caso de ruptura da coligação, o secretário-geral do PCP reafirmou as duas soluções apontadas já pelo seu Partido: eleições gerais antecipadas ou novo Governo apoiado por uma maioria constitucional na actual Assembleia da República. Em relação, no entanto, às eleições antecipadas, Cunhal adiantou que a nova Assembleia que viesse a surgir «serviria apenas para suporte de um Governo de até à realização de novas eleições gerais para a Assembleia da República, que, em qualquer caso, se devem realizar em 1980». E isto porque, nos termos do articulado constitucional, a nova AR eleita não seria para um período de 4 anos, mas apenas para terminar a legislatura da actual Assembleia, durando, assim, cerca de ano e meio «Um ano atrás», disse Álvaro Cunhal, «quando o PCP propôs a realização de eleições gerais antecipadas, estas poderiam ter como resultado a criação de uma nova maioria, uma maioria democrática, que permitiria uma acção legislativa e governativa estável pelo espaço de quase três anos». Todavia, e apesar de muitos inconvenientes, Cunhal afirmou que é necessário encarar a sério as eleições antecipadas como uma saída constitucional, no caso de não se tornar possível a formação de um Governo democrático, na base da actual Assembleia da República.

Mário Soares fala de demissão e apela à unidade do PS

Mário Soares declarou ontem à TV francesa que se demitirá se o CDS denunciar o acordo político que assinou com o seu partido. Estas declarações de Mário Soares foram registadas dias antes do Conselho Nacional do CDS que ontem se realizou não referidno portanto as últimas exigências apresentadas pelos centristas.

O Primeiro-Ministro, aludindo a eventuais eleições antecipadas, precisou que terá consultas sobre o assunto com o Presidente da República e os representantes de todos os partidos políticos (parlamentares) a fim de «se chegar a uma solução aceitável para o País». Recusou porém a participação do PCP no Governo.

No sábado, entretanto, o secretário-geral do Partido Socialista dirigiu uma mensagem aos militantes socialistas que participavam numa festa-convívio do seu partido em Matosinhos. «Mais do que nunca» – disse – «precisamos de estar firmes e mobilizados na defesa da democracia, da recuperação económica e do socialismo».

Mário Soares, face aos «peigos que nos ameaçam», apelou ao «esforço da unidade e do militantismo». «Só é vencido quem desiste de lutar» – disse ainda Mário Soares na sua mensagem lida aos presentes por Pedro Coelho, do Secretariado Nacional do PS.

LISBOA–ALGARVE–LISBOA

Serviços cada vez melhores

Rápido Sotavento

Só 1.ª classe – ar condicionado – snack-bar
Agora ainda mais rápido, chegando mais cedo

Directos diurnos

Melhores horários e marchas
minibar

Directo nocturno

Com camas, porta-automóveis, 1.ª e 2.ª classe
entre Santa Apolónia e Algarve

Sotavento e Directos ligados por autocarro
à Área Turística de Albufeira

Sexta-feira. Directo especial para Barlavento, com partida do BARREIRO às 19 horas e chegada a LAGOS às 23-30 horas.

Consulte os Cartazes-Horários e as Informações da C. P.

Caminhos de Ferro Portugueses

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA SOCIAL

COMISSÃO DE EQUIPAMENTOS COLECTIVOS

AVISO

Faz-se público que ainda no corrente mês e durante o próximo mês de Agosto, serão anunciados no "Diário da República", III Série, concursos públicos para adjudicação das empreitadas relativas aos empreendimentos a seguir indicados, precedidos de anúncios nos principais diários de Lisboa e Porto, bem como na Imprensa Regional:

— Jardim de Infância de Nossa Senhora da Piedade — Odemira.
— Jardim de Infância de Nossa Senhora da Conceição — Serpa.
— Centro de Formação e Juventude de Arões — Fafe.
— Jardim de Infância de Alfândega da Fé.
— Jardim de Infância de Alcains — Castelo Branco.
— Jardim de Infância de Penamacor.
— Jardim de Infância da Santa Casa da Misericórdia de Proença-a-Nova.
— Jardim de Infância da Santa Casa da Misericórdia de Castelo Branco.
— Jardim de Infância da Sertã.
— Infantário da Sé Nova — Coimbra.
— Jardim de Infância de Covões — Coimbra.
— Obra de Promoção Social de Febres — Cantanhede.
— Centro Paroquial de Santa Cruz — Coimbra.
— Casa da Criança de Taveiro — Coimbra.
— Jardim de Infância da Santa Casa da Misericórdia de Cantanhede.
— Infantário de Vila Nova de Poiares.
— Jardim de Infância de Loulé.
— Jardim de Infância do Centro Paroquial de Almendra — Vila Nova de Foz Côa.
— Jardim de Infância de Riba-Côa — Sabugal.
— Jardim de Infância da Santa Casa da Misericórdia de Trancoso.
— Jardim de Infância de Vila Franca das Naves — Trancoso.
— Centro de Assistência Paroquial de Carvide.
— Centro Paroquial de Maiorga — Alcobaça.
— Centro Paroquial de Assistência de Vestiaria — Alcobaça.
— Jardim de Infância de Linda-a-Velha — Oeiras.
— Jardim de Infância do Pinhal do Fim do Mundo — Estoril — Cascais.
— Centro de Bem-Estar Infantil de Vila Franca de Xira.
— Jardim de Infância da Santa Casa da Misericórdia de Nisa.
— Jardim de Infância de Santa Eulália — Elvas.
— Obra do Padre Luís — Oliveira do Douro — Vila Nova de Gaia.
— Jarim de Infância "O Teu Filho" — Gondomar.
— Centro de Assistência Social de Ermesinde — Valongo.
— Jardim de Infância de Coimbrões — Vila Nova de Gaia.
— Jardim de Infância de Bonitos de Amorim — Póvoa de Varzim.
— Jardim de Infância de Valbom — Gondomar.
— Jardim de Infância de Minde — Alcanena.
— Jardim Infantil de Alhos Vedros.
— Jardim de Infância do Bairro da Liberdade — Setúbal.
— Jardim de Infância da Moita.
— Creche e Jardim de Infância do Lavradio — Barreiro.
— Jardim Infantil de Monção.
— Jardim Infantil de Valença.
— Jardim Infantil de Vila Nova de Cerveira.
— Centro Paroquial de Vila Pouca de Aguiar.
— Creche e Jardim de Infância do Centro Cultural de Vila Verde — Alijó.
— Jardim Infantil de Carregal do Sal.
— Escola Pré-Primária de Santa Comba Dão.
— Infantário Popular de Tondela.
— Jardim Infantil de Vouzela

A DIRECÇÃO

Bimotor alemão despenha-se perto de Pedras Rubras

• Três feridos

Um bimotor alemão, com sete pessoas a bordo, despenhou-se sábado no solo, depois de ter colidido com uma árvore no lugar de Póvoa, nas imediações do Aeroporto de Pedras Rubras, onde pretendia realizar uma aterragem de emergência.

Embora o aparelho tenha ficado destruído, apenas três dos seus ocupantes ficaram com ferimentos mais ou menos graves. Trata-se de Cornelius Neofert, Adalbert Scherinem e Jorg Mayer, os dois primeiros com fracturas nas pernas, e o último com escoriações na região abdominal e suspeita de fractura na coluna vertebral, os quais se encontram internados numa casa de saúde do Porto. Os outros ocupantes, Peter Stdelman, Lukar Lienhard Pual Elwes, Perone Patrick Dirver e Margareth Khunker, nada sofreram.

O desastre deu-se ao meio da manhã. O bimotor, um «Piper--Seneka D-Jood», procedente de Bordéus (França) tripulado por Peter Stdelman e Cornnelius Neofert, ao aproximar-se de Pedras Rubras, entrou em contacto com a torre de comando do aeroporto pedindo autorização para aterrar. Como, porém, fazia nevoeiro e o tecto era baixo e a visibilidade quase nula, foi-lhe indicado como alternativa o campo de Palmeira, em Braga. Cerca de um minuto depois, os aviadores contactaram de novo a torre de comando, desta feita para informar que iam tentar uma aterragem de emergência em Pedras Rubras, porque estavam já sem gasolina.

Imediatamente, fizeram-se à pista, que não chegaram a alcançar. Devido a má visibilidade, desceram em voo rasante sobre uma propriedade do lugar da Póvoa (nas vizinhanças de Pedras Rubras) acabando por tocar numa árvore e despenhar-se.

Presume-se que todos os ocupantes do aparelho sejam alemães, residentes em Colónia.

Dois mortos e três feridos na "ratoeira"

Dois mortos e dois feridos graves é o balanço de um acidente de viação ocorrido sábado no lugar de Ratoeira, na estrada nacional, perto de Celorico da Beira.

O excesso de velocidade foi a causa do desastre; o condutor da viatura, a certa altura, perdeu o controlo do veículo, que se despistou e foi bater contra uma casa à beira da estrada, capotando em seguida.

As vítimas são Francisco Joaquim Monteiro, de 26 anos, natural de Celorico da Beira, condutor da viatura, que, transportado ao hospital da Guarda, chegou ali já sem vida e Avelino Rocha Gonçalves, de 19 anos, também natural de Celorico da Beira, que faleceu quando era transportado para o Hospital de Coimbra. Ambos pertenciam ao corpo activo dos bombeiros voluntários de Celorico da Beira.

Mais dois ocupantes da viatura sinistrada recolheram ao Hospital da Guarda, em estado grave, com várias fracturas.

A gasolina não faltará em Espanha

Os turistas portugueses em vias de partir para Espanha, não têm que se preocupar com a falta de gasolina.

De acordo com um comunicado da Delegação Oficial do Turismo Espanhol, em relação a uma eventual greve de bombas de gasolina, prevista para o fim deste mês, o governo garantirá o completo funcionamento dos serviços espanhóis.

Estiagem diminui reservas nas albufeiras

Os ventos quentes que sopram do norte de África estão a assolar a Península Ibérica provocando estiagens e acentuada diminuição nas reservas de água das albufeiras.

Esta diminuição não se revela por enquanto preocupante sabendo-se que as reservas de água nas albufeiras que alimentam as centrais hidroeléctricas do sistema controlado pela EDP, totalizavam em 18 deste mês, 2010 milhões de kwh, contra 2038 em igual data de 1977.

Nas 12 albufeiras controladas pela Direcção Geral de Hidráulica Agrícola, as reservas existentes no dia 15 deste mês equivaliam a 76 por cento da respectiva capacidade total.

Cigano condenado a 18 anos de prisão

PORTO, 24 – Causou grande agitação e provocou diversos protestos a condenação a 18 anos de prisão do cigano Alfredo Lourenço António, casado, de 37 anos, acusado de ter assassinado com um tiro de pistola, em 19 de Abril de 1977, na Rua do Bonjardim, um seu compadre, Ângelo Fernandes da Silva, também cigano.

Ao ser pronunciada a sentença, o réu gritou que estava inocente enquanto à porta do tribunal se juntava grande número de ciganos que se manifestaram contra a condenação.

Segundo declarações do advogado de defesa, Miguel Pereira de Abreu, «o juiz julgou mal pois não foi provado o crime de homicídio voluntário. Futuramente», disse o advogado, «vou passar a requerer a participação de juris nos julgamentos dos vários processos que tenho para defender, pois na sua distribuição podem ir parar a este juízo e, portanto, tenho que defender os interesses dos meus constituintes, que até considero os interesses da própria justiça».

O advogado acrescentou ainda que iria interpor recurso da sentença que acaba de ser proferida. Além dos 18 anos de prisão, Alfredo Lourenço António foi condenado a pagar 300 contos de indemnização a quem de direito.

Navio afundado ao largo da costa portuguesa

LONDRES, 24 – Afundou-se ontem no Atlântico, ao largo da costa portuguesa, um pequeno barco de 543 toneladas, cujo motor se incendiou – anunciou a Agência Lloyds.

O «Tonna», registado nas Antilhas Neerlandesas, lançou um SOS por rádio, pedindo assistência imediata. A mensagem foi captada por um petroleiro que passava na área.

Mais tarde, a Lloyds recebeu outra mensagem de um navio grego, comunicado que o «Tonna» se tinha afundado. Não há informações sobre a tripulação.

Jovem de 16 anos afogada no Areinho

OVAR, 24 – Uma jovem de 16 anos morreu ontem afogada na Praia do Areínho, no braço da Ria de Ovar, distrito de Aveiro.

A jovem, Dorinda Ribeiro Canedo, era filha de José Pinto Canedo e de Maria Rogélia Pinto Ribeiro, residentes no lugar do Casal do Monte, freguesia de Fiães (Vila da Feira).

O corpo apareceu mais tarde, à tona da água, tendo sido recolhido por populares.

Matou o tio a tiro de caçadeira

Um homem matou o tio a tiro de caçadeira, em Belmonte, após uma discussão.

A vítima, Carlos Barroso, de 25 anos, desde há bastante tempo que estava de relações cortadas com seu sobrinho, José Barroso. Sábado, após mais uma altercação por motivos fúteis, o José Barroso muniu-se de uma espingarda caçadeira e foi ao encontro do tio, desfechando-lhe um tiro à queima-roupa, que o prostrou sem vida.

O autor do crime foi detido pelas autoridades e recolheu à Cadeia da Covilhã.

Incêndios na Madeira

FUNCHAL, 24 – As serras da Madeira arderam em vários pontos, de este a oeste da ilha.

Neste fim-de-semana, registaram-se vários incêndios em diversos locais da ilha, dificilmente dominados por falta de água e um vento fresco que ajudou a propagar as chamas. Porto Moniz, Ponta de Pargo, Camacha, Caniçal, foram algumas zonas afectadas. Esta manhã, os bombeiros dominavam a situação e procediam a rescaldo. De sublinhar que foram feitos alertas à população, para uma maior vigilância, já que dois ou três desses fogos tiveram origem criminosa. Algumas provoações, como Assumada e Caniço, estiveram ameaçadas pelas chamas.

ALCOENTRE EXCLUSIVO • ALCOENTRE EXCLUSIVO • ALCOENTRE EXCLUSIVO • ALCOENT

«Alguns de nós estão a ser contratados para ir para Angola com a FNLA e para Moçambique contra a Frelimo, ou para ficarmos cá em redes e organizações assim»(...) «Havia carros com armas à espera de alguns evadidos para os transportarem» são declarações que o «DL» obteve de homens em fuga, que aproveitaram, há uma semana, o túnel do Vale de Judeus. Entre as muitas recriminações que fazem, têm particular importância, igualmente, as que se referem à história secreta de anteriores tentativas de evasão e aos apoios exteriores na fuga dos 124: elas envolvem 'certos' guardas e indivíduos que assimilam à rede bombista».

Trata-se de declarações que por certo interessam aos encarregados do inquérito mandado instaurar pelo ministro da Justiça, Santos Pais, à Direcção-Geral dos Serviços Prisionais, e à recém-constituída Comissão Nacional Provisória dos Guardas Prisionais, que, conforme oportunamente noticiámos, admitia «punições responsáveis se as averiguações provarem a existência de conivência».

A opinião pública, essa, estamos certos que tem todo o interesse em dispor do máximo de informações sobre os motivos e circunstâncias da espectacular evasão. Por isso, o «DL» não hesitou em publicar declarações de fugitivos, fazendo-as comentar pelo director-geral dos Serviços Prisionais, dr. Carlos Meira.

Ao longo das investigações feitas por redactores do «DL» a propósito do «caso Alcoentre», foi-se tornando claro que é demasiado simplista sobrepor ao universo habitado por guardas e reclusos a dicotomia «bons» e «maus» que inspira, mal, tanta da leitura corrente da realidade.

Há fortes indícios de que os assaltantes do gerente comercial na noite de quinta-feira, em Lisboa, e do banco em Pero Pinheiro, na sexta-feira de manhã, são os mesmos, e que se trata de fugitivos de Alcoentre. Partilhamos a perplexidade de muitos quanto à natureza dos meios postos a funcionar com vista à recaptura de reclusos a que é possível atribuir, com base num saber de experiências feito, um elevado grau de perigosidade. Mas pensamos que a campanha veiculada em certos órgãos de Comunicação Social a favor de um «endurecimento» do actual sistema prisional, campanha que sistematicamente ignora a complexidade dos problemas vividos para além dos muros das prisões e que é tornada possível por fontes de informação directamente interessadas nesse «endurecimento», em nada contribui para a democratização da vida nacional nem para o reforço da luta contra o progresso da criminalidade.

Homens em fuga contam para o "DL" pormenores da evasão e do passado na cadeia

«Somos reclusos evadidos da cadeia de Vale de Judeus, em Alcoentre. Queremos informar que esta evasão dos 124 detidos não corresponde àquilo que sobre ela se tem escrito, às notícias que sobre ela se têm dado. Esta fuga, como já explicaremos adiante, em grande parte é devida ao que nos têm feito, àquilo que nos faziam lá dentro.

«Mas, para já, acerca desta fuga, estão-se a esconder à opinião pública elementos que queremos aqui esclarecer: não sabemos, ao contrário de noutras tentativas de fuga, apontar o nome de guardas que estivessem implicados na coisa ou não, mas tudo nos leva a crer que os houve, devido aos antecedentes, que já veremos. Quando dizem que esta fuga só foi detectada às três da madrugada, é mentira.

«Ela foi detectada à meia-noite menos um quarto no máximo, que era a hora do fecho, do encerramento dos reclusos dentro das celas. E a melhor testemunha disso é quem mora ali perto, a população da zona, porque às onze e vinte cinco, onze e meia no máximo, já estavam eles a fazer fogo, e estiveram a fazer fogo durante duas horas, e andaram lá com holofotes na estrada, a mandar luz para dentro das vinhas. Ora por que é que eles estão a esconder tudo isso? Por que é que dizem que só de madrugada é que deram pela coisa?»

QUE APOIO EXTERIOR

«A nós o que isto leva a crer é que, como havia lá carros com armas para transportarem alguns, poucos, evadidos, tudo isto esteja ligado com pessoas aqui do exterior, parece-nos que da rede bombista e de outros grupos que existem para aí, e que há guardas que lhes dão essa cobertura, por isso não estão a esclarecer. Eles só procuram é pôr a opinião pública contra nós, reclusos.

«Alguns estamos a ser contratados para ir para Angola com a FNLA e para Moçambique contra a Frelimo, ou para ficarmos cá em redes e organizações assim.

«Chegaram ao ponto, como disseram lá, para 'alertar a opinião pública', de dizer que tinham fugido 124 homens e que eram tudo assassinos. Ora assassinos não sei se os havia porque não li os processos deles, mas nós, que estamos aqui a falar, não fomos condenados por assassinato nem por violações nem nada disso.»

QUE ANTECEDENTES INTERNOS

«Antes desta tinha havido uma outra tentativa de fuga, com uns espanhóis, que não resultou, e onde houve conivência de guardas. Chegaram a receber cem contos do dinheiro combinado. E no fim de terem recebido esse dinheiro foram eles próprios que os denunciaram, e deram-lhes uma grande tareia, um dos que tentou fugir dessa vez ainda está no hospital de Caxias, os outros foram expulsos do estabelecimento e espalhados por outras cadeias.

«Para continuar sobre este problema dos cem contos que eles receberam: foram dois guardas, que um deles é o ... (o «DL» tem a sua identificação), que até foi o homem que é responsável por uma explosão em Ponte de Lima, e o outro é o ... (o «DL» tem a sua identificação). Eles estavam os dois combinados, e um deles, que é o da coisa em Ponte de Lima, recebeu o dinheiro e não deu ao outro a parte combinada, e ficou com o dinheiro todo para si.

«E até houve mais uma série de problemas com isso, porque antes de lhes ser entregue o dinheiro tinham sido guardas que tinham vindo ter com um grupo de reclusos, dizendo-lhes que, se queriam fugir, então que lhes dessem quinhentos e cinquenta contos, e eles deixavam-nos fuigir. Mas a coisa não se chegou a concretizar porque – e já estava lá o dinheiro, metade nas mãos dos reclusos e metada nas mãos dos guardas – porque havia um carro, que lá apareceu para levar os reclusos, e quando deu o sinal de luzes, para os chamar, houve um problema e os reclusos não puderam sair.

«Depois dos espancamentos meteram-nos nuns segredos que a gente não sabia onde eles estavam, e a nós diziam-nos que não, que eles estavam dentro do estabelecimento. Outros tiraram-nos de lá, foram para Coimbra e para Pinheiro da Cruz. Por exemplo um rapaz que estava lá em Vale de Judeus e que foi tirado de lá, ainda hoje não sabemos nem porquê nem para onde é que ele foi.

«Também houve outras questões com um subchefe, porque a troco de dinheiro trouxe um rapaz cá para fora, durante doze horas, mas era para o deixar fugir, era para o deixar ir embora. E um perceptor que esteve lá e que era o ... (o «DL» possui a sua identificação) que também recebeu dinheiro de um recluso para lhe facilitar uma saída precária, porque doutra maneira ele não saía. E como essas têm acontecido muitas coisas lá dentro. E por isto tudo é que esta fuga se deu. Tinha de se dar mesmo, porque não se aguentava aquele sistema lá dentro da prisão.

«Aquilo já começou com os espancamentos no dia 29 de Junho do ano passado. Muitos ficaram feridos, alguns tiveram de ir para as enfermarias, outros para as psiquiatrias, a outros nunca os mudaram.

«Depois disso tem havido tentativas de fuga falhadas, e os seus autores – alguns – foram espancados barbaramente. E então nós agora aproveitámos para sairmos de lá.»

NÃO PODER OU NÃO QUERER

«Também vale a pena contar pormenores sobre a assistência: há companheiros que injectam petróleo nas pernas, nos braços, que cortam as veias, problemas que sucedem nas prisões e que não se resolvem, que ninguém consegue resolver. Esses têm de seguir para o hospital, ou então andam lá e ficam para lá com as pernas meias podres.

«Um deles cortou uma veia e o sr. chefe dos guardas disse que ele não podia ir para o hospital para laquear a veia, porque não havia meio de transporte. Que tinham telefonado para os bombeiros de Alcoentre e que eles se tinham negado a ir lá. Depois acabou por aparecer uma ambulância da GNR dessas que andam na estrada, e levou o rapaz. Passados dois ou três dias vão lá os bombeiros fazer qualquer coisa dentro da cadeia. Perguntámos-lhes se eles tinham sabido do pedido e eles disseram que ninguém lhes tinham telefonado a pedir nada, e que não sabiam de nada.

«Quanto à maneira como nos tratam diante do público: por exemplo, cá fora, para atravessarmos uma rua, põem-nos as algemas diante do público e levam-nos algemados para os carros celulares. Isto para mostrarem ao público que somos perigosos. Então isto não é levar as coisas a um ponto muito diferente daquele que é necessário? Só vêem as suas conveniências, não vêem aquilo que nos pode prejudicar desnecessariamente. Ofendem-nos. Fisicamente e moralmente. Fisicamente porque nos espancam; moralmente, além do que já dissemos, pelo que eles dizem lá dentro, pelas conversas deles, que nós ouvimos.»

SEXO, ALIMENTAÇÃO

«Vem a propósito falar de dois outros problemas, que são a sexualidade e a alimentação.

«A sexualidade, que, geralmente, e de forma bastante clara, é negada ao recluso porque é considerado um crime manter relações com a mulher ou com a amiga... A repressão da sexualidade é feita de forma sistemática para ser aproveitada por certos e determinados funcionários que querem perseguir e abusar das mulheres (dos presos). Saber-se que as mulheres eram perseguidas foi outra coisa muito importante que ajudou à concretização desta fuga.

«Quanto à alimentação, foi dito que se chega a comer faisão, e que se come peixe grelhado à noite, e que quase se bebe champanhe às refeições.

Mas os srs. funcionários, ou quem escreve para os jornais, não diz que desde há uns tempos a comida era tão ordinária que nem os cães a podia tragar. Houve uma altura em que melhorou um bocado, porque havia uma comissão que zelava pelos interesses dos reclusos, e que se preocupava com que a comida realmente saísse bem feita, por um cozinheiro recluso.

Mas agora estava outra vez uma lástima, já ninguém se entendia ali e cada funcionário fazia o que queria. Também desaparecia carne, e frangos, e outros géneros. Pedimos que fosse feito um inquérito e nunca se chegou a saber nada dele, foi tudo abafado e não se chegou a saber como é que as coisas desapareciam. Ora o que é certo é que não eram os reclusos que tinham as chaves lá de dentro...»

ELES TINHAM E MUITO

«Quando entrámos em greve da fome, o sr. secretário da prisão informou a Imprensa de que nós não comíamos o comer da cadeia mas que comíamos o comer das visitas. Era mentira, porque ele sabia perfeitamente que o comer das visitas ficava fechado dentro de uma sala, e ninguém o comia. Seguidamente também disse para a Imprensa que estávamos em greve da fome por razões que não tinham nada a ver com as que de facto eram as nossas. E que também eles não tinham nada a ver com as nossas razões. Ora eles tinham e muito. Inclusivamente os guardas foram lá para dentro e andaram lá de caçadeiras a disparar dentro dos pavilhões, andaram para lá com metralhadoras, pessoal civil andou lá a pegar em armas, e nós sentimos que tudo aquilo não podia ser, que eles não podiam fazer isso. Portanto a fuga

Continua na pag 10

COPRA E MPCDDR:
Duas organizações que se interessam pelos presos

Duas organizações diferentes nas suas características, formas de organização e mesmo objectivos, ocupam-se actualmente no nosso país da situação dos reclusos e de toda a problemática que envolve a delinquência

MOVIMENTO PARA A PREVENÇÃO DA CRIMINALIDADE E DEFESA DOS DIREITOS DOS RECLUSOS (MPCDDR)

Constituída por 70 reclusos de Vale de Judeus e por um grupo de pessoas de diferentes profissões, reunidos em Assembleia geral no passado dia 18 de Maio, esta organização define-se como «independente e autónoma em relação ao Estado» e sem qualquer «dependência partidária ou religiosa». O seu objecto social é, principalmente, «o exercício de actividades sociojurídicas, de educação e cultura, assistência social e médica, assim como quaisquer outras que visem a profilaxia da criminalidade em geral, da droga e do álcool como motivadores de crime».

Entre os seus aderentes, encontram-se presos e ex-presos, familiares e outras pessoas das mais variadas profissões e quadrantes políticos.

O Movimento parte de experiências feitas em vários estabelecimentos prisionais, por grupos de pessoas «sensibilizadas para as causas sociais e classistas da criminiladidade e para a ineficiência dos processos em curso, na maioria das cadeias, baseados num tratamento penitenciário de repressão, isolamento e inactividade, como para a ineficiência sociojurídica decorrente de um Código Penal ultrapassado e de uma Organização Prisional de 1936, cujos articulados incorrem, em grande parte, de inconstitucionalidade».

Para desenvolverem esta acção esperam os fundadores do movimento poder contar com o empenho de juristas, médicos, nomeadamente psiquiatras, psicólogos, sociólogos, jornalistas, etc., assim como de organizações como comissões de moradores e de trabalhadores, autarquias locais, sindicatos, etc.

Salienta-se assim neste movimento, que pretende organizar-se a nível nacional, a preocupação não só de defender os reclusos mas também de agir sobre as causas que os levam à cadeia. De entre os seus variadíssimos objectivos, salientamos a necessidade de «consciencializar a população para a responsabilidade colectiva nas causas da criminalidade e de modificar as relações entre a cadeia e o aglomerado populacional onde está inserida, e entre a população e os ex-reclusos». Este movimento pode ser contactado através do Apartado 2877, Lisboa.

COORDENADORA DE PRESOS PELA REFORMA E AMNISTIA (COPRA)

Esta organização apareceu em princípios de Junho passado, logo a seguir ao MPCDDR.

Tendo surgido imediatamente com um plano de acção reivindicativo meticulosamente estruturado, pretendeu desde logo representar o conjunto da população prisional do País, assim «Todos os presos são COPRA» e «COPRA são todos os presos que o queiram ser». A sua origem não é divulgada nos documentos conhecidos; aí apenas se apresentam reivindicações, apontam injustiças flagrantes do sistema prisional e dão-se directivas precisíssimas para a estruturação da organização nas diferentes cadeias. Diz-se que «cada cadeia se organize imediatamente à volta de um núcleo de trabalho que se poderá designar por **Secção COPRA** e que terá primordialmente um elemento como porta-voz». Desde o primeiro e extenso documento da organização se afirma que ela é constituída apenas por reclusos, aí se apresenta em detalhe o seu programa de acção imediata, com minutas de cartas e telegramas a enviar a diferentes entidades até ao fim do mês. Num segundo comunicado de uma dezena de páginas são postas em causa, em termos jurídicos bem manipulados a legislação penal, o tratamento penitenciário, a situação em que os ex-presos se encontram após a sua libertação, etc. Desse comunicado destacamos: «Esta luta (a dos presos) não nos diz exclusivamente respeito, a nós presos. Diz respeito à totalidade do povo português. Ninguém está livre de ser acusado pela Polícia, de ocupar os seus hediondos calabouços e ver-se sujeito aos seus ilegítimos métodos de actuação. Qualquer cidadão pode ser levado perante um tribunal e, eventualmente, ainda que seja inocente, ser condenado, dada a insuficiência e fragilidade da situação em matéria de garantias em processo penal». A natureza desta organização é no entanto pouco clara dada a inexistência de informações sobre a sua origem e sobre os apoios exteriores de que goza. A única coisa que se sabe é que tem como porta-voz no exterior das prisões um advogado do Porto de nome Fernando de Meira Ramos (Rua Campo dos Mártires da Pátria n.º 174, Porto). Dentro das prisões apresentaram-se como porta-vozes da COPRA homems como «O Corrécio» que distribuiu comunicados do grupo no tribunal em que era julgado no mês passado. Sabe-se que outros reclusos relacionados com a COPRA são homens ligados à extrema-direita.

"O problema penitenciário

afirma Carlos Meira, director-geral dos S

O problema penitenciário é um problema cultural – diz-nos Carlos Meira. E é um universo que põe dilemas. As pessoas que cometem delitos são pessoas ainda vistas pela comunidade como pessoas marcadas, estigmatizadas, e isso é errado, e dificulta grandemente a sua recuperação e reintegração. Por outro lado, o país está tão carenciado de meios ao nível da habitação, saúde, educação, etc., que os Serviços Prisionais tendem a ser o «parente pobre» em matéria de distribuição de verbas para melhorar o seu trabalho. É como se as pessoas se sentissem chocadas por se gastar dinheiro com os que estão a «pagar as suas dívidas para com a sociedade». Daí uma grande parte das nossas dificuldades. Veremos o que nos traz a Reforma Prisional, que se há-de seguir à aprovação do novo Código Penal...

– Tem comentários a fazer às declarações feitas ao «DL» por evadidos da cadeia de Vale de Judeus?

– Tenho: a vida num estabelecimento prisional não é uma vida fácil.

Um estabelecimento prisional não é uma instituição como outras que também são equipamentos sociais como um hospital, ou uma escola, ou um quartel. Nestas há em princípio uma «adesão» entre as pessoas que entram para esses estabelecimentos e o resto do aparelho. A pessoa que é condenada, pelo contrário, leva logo consigo uma carga de emoção que é compreensível. As pessoas que têm de guardar quem está condenado, por sua vez, aparecem numa certa antinomia com os primeiros, e é compreensível. Essa antinomia, muito difícil de desfazer, tem no entanto de ser combatida, desfeita. Isto são princípios que nos orientam não só a nós portugueses mas também a muitos outros países que se têm preocupado com os seus sistemas prisionais. Procura-se criar uma «adesão», se é possível, ou uma consciencialização dos deveres de cidadaõ, no interior das cadeias, para que o internado suporte a pena que lhe foi atribuída por um órgão legítimo e se disponha a fazer uma vida de trabalho. Nós temos obrigação de respeitar os seus sentimentos e os seus direitos, mas dentro de uma disciplina orgânica e em comunidade. De modo a que, quando o internado sai em liberdade, não venha carregado de amargura de um tratamento injusto, ou parcial. É portanto difícil a vida neste tipo de comunidades.

É muito apreciável a actividade levada a cabo nos estabelecimentos prisionais com vista à obtenção desse bom resultado.

– Mas o que se passou em Vale de Judeus?

– O que se passou em Vale de Judeus é realmente muito preocupante, porque, e digo isto sem querer ofender as pessoas que estão presas: há uma pena que se tem de cumprir, nós temos de guardar os presos com a decência que merecem todos os seres humanos... Ora, dá-se uma evasão naqueles termos e ela não pode deixar de causar preocupação, tem de se averiguar onde estão as responsabilidades. Foi aliás essa averiguação que o ministro da Justiça determinou. O que me torna apreensivo é que, nos outros 14 grandes estabelecimentos prisionais, a vida decorre dentro da possível satisfação de todos, embora a ninguém seja agradável estar preso. Decorre em segurança, em ordem, com trabalho, como na cadeia central do Norte, na prisão-escola de Leiria, mesmo em Custoias, cheia de internados porque é a única cadeia dos presos preventivos em todo o Norte...

– Então em que é que Vale de Judeus é especialmente diferente?

– Especialmente diferente em Vale de Judeus... Eu não me quereria adiantar ao juízo que tenho de fazer sobre as causas determinantes desta estranha evasão, desta alteração grave que perturbou a opinião pública...

VIGIAR MESMO

...Mas tenho de dizer que havendo meios razoáveis, um contingente de pessoal de vigilância com pessoas capazes, pessoas com o sentido de **servir**, que não se percebe como é que foi possível. Eu admito que houve defeitos e falhas de organização que eu considero graves pelas consequências que tiveram.

– Quer explicitar quais?

– Acho que durante todo o tempo em que procurei orientar, daqui da Direcção-Geral, com recomendações para os serviços de Vale de Judeus, uma vida humana, de bom trato, de convivência, de respeito mútuo, deve ter havido, inexplicavelmente por enquanto, e para mim, defeitos de organização, de funcionamento, de controlo interno. Uma comunidade deste tipo, mesmo com delinquentes de muita gravidade, deveria ter determinado logo na origem da sua própria estrutura e de funcionamento, na organização dos serviços, horários, no acompanhamento dos locais de recreio ou de convívio, um regime atento, vigilante; temos de reconhecer que uma fuga deste tipo, com preparação de um túnel, dessa extensão, só é possível porque há locais do estabelecimento prisional que não foram vistoriados suficientemente. Ou porque as pessoas que lá estavam não queriam vistoriá-los, o que eu considero muito grave.

SEGURANÇA E HUMANIDADE

– Quais são as características da população prisional de Vale de Judeus?

– Havendo, como havia em 76 quando recebemos a cadeia, a disponibilidade de pessoal, e de instalações, entendeu-se destinar-lhe alguns dos condenados apenas mais graves, que exigiam maiores condições de segurança. Mas a solução tem de ser compatível com as relações humanas que se devem estabelecer entre as pessoas. A função de quem é responsável a nível local é justamente a de ter sempre vivo este binómio: preocupação de vigilância – não há nenhum local que deva ser estranho ao pessoal de vigilância.

– Mas havia locais estranhos ao pessoal de vigilância da cadeia?

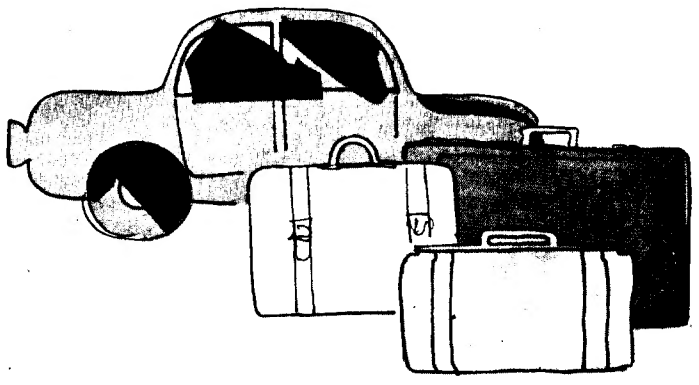
– Se a coisa demorou tanto tempo a preparar parece inevitável admitir que havia locais não vigiados. Ou que quem estava encarregado de vigiar não vigiou.

– Há alguma imprensa que se refere a Vale de Judeus como se a cadeia fosse «uma colónia de férias para seis quadrilhas». Parece-lhe exacta esta afirmação?

– Essa afirmação não corresponde a uma leitura objectiva e equilibrada. A cadeia era uma cadeia de grande segurança. Tínhamos uma dotação de guardas de qualidade. Alguns com formação militar. Pensámos que não havia problemas em matéria de segurança, tanto mais que algumas das tentativas de fuga foram abortadas. Quanto à ideia de que era uma cadeia «para quadrilhas»: a verdade é que sendo um estabelecimento de tanta segurança, nós tínhamos de pôr lá as pessoas

Para as suas férias

Precisa de levar
o seu carro e volumosa bagagem?



Nem sempre é razão para sacrificar-se
a conduzir horas e horas...

O caminho de ferro
oferece-lhe comboios
com serviço de
auto-acompanhado
com e sem camas, e... tarifas familiares

Poupe dinheiro e combustível Poupe-se a Si Próprio
Não Corra Riscos
Consulte os nossos Serviços

Evadidos de Alcoentre falam ao "DL"

Continuação da pág. 9

está ligada ao passado e a tudo isto.

«Durante a greve da fome, houve companheiros que não se aguentaram tanto, uns estavam pior do que outros. Se diziam alguma coisa, ou se excitavam ouviam logo que os guardas iriam lá com armas e que, 'se tentassem alguma coisa, desta vez não seria como das outras'. Ora das outras vezes já a gente sabe como é que foi: tiros lá dentro, estão lá os sinais deles, que foram mostrados aos homens da comissão tripartida.

«Portanto tudo isto, todo este clima estimulou os reclusos para a fuga. Tentou-se fazer uma luta através de reivindicações, e com a constituição da COPRA, pedindo uma amnistia e algumas satisfações estritamente humanas, e tudo nos foi boicotado pelo director dr. Crespo e mais tarde pelo sr. secretário Vaz Júnior. Os elementos da COPRA não sabiam do túnel que se estava a fazer, e talvez por se sentirem frustrados nos seus intentos para com os companheiros, e para não se sentirem diminuídos perante eles, aproveitaram também e fugiram com os outros. (Esta afirmação não é exacta. O «DL» soube que pelo menos um preso ligado ao caso dos dólares falsos no Algarve, e pertencente à COPRA não 'aproveitou' para sair. Mais indicações sobre a COPRA nestas páginas).

MAIS RECRIMINAÇÕES

«Em Vale de Judeus e noutras cadeias, tanto a assistência como a perceptoria não trabalham como deviam. Nós chegávamos lá para tentarmos resolver os nossos problemas, passavam-se dias, meses, os pedidos eram feitos, eles metiam-nos dentro das gavetas e nunca mais vinham as respostas. Optámos por uma fuga porque uma solução para cada problema que apresentássemos era sempre adiada, hoje porque não pode ser, amanhã porque o sr. director não estava lá, no outro dia porque o sr. chefe dos guardas não deixava que fossemos lá dentro... E nós lá na cadeia não temos outro meio de resolvermos os nossos problemas que não seja através deles, assistência e perceptoria. Tudo isto a juntar a inquéritos que não deram nada, a provas que foram para o tribunal e que foram abafadas ou que desapareceram por completo não se sabe como... Então fugimos.

«Há funcionários que têm tentado levantar a opinião pública contra os reclusos, e quando se fala em reclusos não são só os evadidos de Alcoentre, são todos os que há no País. Ora nós temos consciência de que prevaricámos contra a sociedade, mas é caso para perguntarmos o que é que a sociedade, através deste sistema prisional, faz para recuperar muitos destes homens que se encontram em estado de reclusão. Se o Governo já se tentou inteirar do meio ambiente em que o recluso vive, e sobre quais os motivos que realmente os levaram à prisão, para que hoje se possam denominar alguns deles como tipos muito perigosos. Ao longo deste tempo tinham-nos retirado muito, inclusive muitas vezes o médico, o psiquiatra, tudo, e por isso nós achámos que devíamos tentar uma fuga, porque já não se aguentava o sofrimento infligido lá dentro.»

... é um problema cultural"

...erviços Prisionais

que levantavam mais problemas, mais perigo de evasão. Convenci-me, convencemo-nos aqui na Direcção-Geral, que essa cadeia podia assegurar o necessário nível de dissuasão de tentativas de fuga, desde que fossem cuidadosamente vigiados os diversos locais de que o complexo se compõe.

ACEITAR RESPONSABILIDADES

– Por mais habilidosa que fosse a tentativa de fuga, e admito que o foi (o túnel foi feito com grande engenho e em termos de poder escapar a uma vigilância ligeira), os serviços tinham obrigação de assegurar a vigilância dada a gravidade dos casos das pessoas que lá estão. Não quero atirar para cima de ninguém com responsabilidades que não tenham sido apuradas com toda a objectividade. Os factos deram-se, e as pessoas têm de aceitar, com a mesma dignidade com que defendem os seus direitos profissionais, as respectivas responsabilidades. Eu terei a minha? Terei de suportá-la. Todos aqueles que, na sequência das averiguações que estão a ser feitas por um órgão independente, nomeado pelo ministro da Justiça, forem dados como responsáveis, terão de assumir essa responsabilidade.

GUARDAS

– Parece que os guardas têm ideias a esse respeito.

– Há alguma imprensa segundo a qual os guardas acusam de incompetência entidades superiores. Até chegar à Direcção-Geral há mais superiores; os chefes dos serviços de vigilância e o próprio director, que é a primeira figura do estabelecimento, responsável pela orientação, pela coordenação e pelo seu funcionamento geral, delegando em certos sectores (contabilidade, secretaria, vigilância, coordenação interna dos assistentes sociais)...

«Eu acho que é muito importante que os guardas defendam a ética do seu grupo profissional. Aliás a corporação dos guardas tem sido disciplinada, colaborante – veja-se o seu trabalho agora na recaptura. Ora eu pergunto porque é que este trabalho tão intenso não funcionava na altura em que as coisas se processavam normalmente. O que é que se passa?

– Há outra crítica que tem sido feita ao modo como foram desencadeados os meios de recaptura: pouca rapidez, insuficiência. O que fez a esse respeito a Direcção-Geral?

– Assim que na segunda-feira de manhã tive conhecimento, aqui na Direcção-Geral, do que se tinha passado, contactei o comando-geral da GNR, através do sr. chefe de Estado-Maior, coronel Severo, que foi, como habitualmente, duma disponibilidade total. Disse que ia logo recomendar à GNR da área que desse todo o apoio às tarefas de recaptura. Por outro lado contactei o serviço de comunicações da PSP e o comandante desse sector disse que ia logo mandar para o ar um alerta geral. A Polícia Judiciária, do mesmo modo, também enviou imediatamente para Vale de Judeus um inspector e um subinspector para fazerem averiguações no local. O comando aéreo da Região Militar de Lisboa deu ordem a um helicóptero do Montijo de ir para a Ota, para ajudar à recaptura.

HISTÓRIA DO HELICÓPTERO

O que se passou quanto à não actuação do helicóptero mandado para a Ota foi o seguinte: o helicóptero foi para a Ota, eu entretanto tinha tido uma informação indirecta da cadeia, através de um funcionário aqui dos serviços, segundo a qual Vale de Judeus ia mandar para a Ota dois guardas que conheciam melhor os presos, e que até já tinham sido pára-quedistas, e que portanto estavam em melhores condições para irem no helicóptero. Tinham-me portanto dito que eles seguiam para a Ota, mas deve ter havido qualquer desentendimento porque eles não foram. O helicóptero esteve lá cinco horas à espera, até do comando aéreo me telefonaram a dizer: «Então que é isto? Então não vai ninguém ter com o aparelho?» e eu respondi: «O sr. brigadeiro isso é que me espanta extraordinariamente»...

«Liguei para Vale de Judeus e disseram-me: Ah, pois, como a Ota é aqui perto pensámos que o helicóptero, **que já passou**, viesse para aqui».

«Eu penso que o helicóptero acabou, apesar de tudo, por colaborar na recaptura, porque houve casos de evadidos, segundo consta, que «mal viram o helicóptero entregaram-se logo». Mal o viram **passar**, portanto. Enfim, foi uma falha nossa.

CINCO GUARDAS

– Voltando às circunstâncias da evasão: onde estavam os cinco guardas acusados de violências, cuja transferência tinha sido exigida pelos presos em greve da fome?

– A medida que se tomou em relação aos cinco guardas que na exposição dos reclusos eram referenciados como tendo usado de violências, de acções físicas, contra reclusos, foi a de evitar que eles, três dos quais estiveram aqui na minha presença, fossem mantidos em serviços de contacto directo, interno, com os presos. Foram portanto transferidos para outros serviços de responsabilidade. Os internados queriam que eles fossem logo transferidos para outras cadeias. Eu respondi que não podia tomar providências disciplinares em relação fosse a quem fosse sem se ter apurado do que se tratava. Quando se trata de pedir responsabilidade pelos actos de cada um, os direitos são iguais para todos. Os guardas foram, portanto, apenas deslocados de serviços de contacto directo com os presos.

Os presos também pediam a transferência imediata para outra prisão do chefe dos guardas, e eu a isso não acedi porque não via razão nenhuma para o fazer. Tenho-o aliás por um homem honesto.

UM TÉCNICO DOS SERVIÇOS CENTRAIS

O que eu tive a preocupação de fazer foi transferir para Vale de Judeus um técnico de nível superior do Serviço de Vigilância, que chegou à prisão no dia 5 e que ficou a superintender em toda a vigilância no estabelecimento.

– Então esse técnico dos Serviços Centrais estava em funções quando da evasão?

– Estava. Tanto ele como o sr. Palma Vaz.

– Palma Vaz director da cadeia, portanto?

– Director que está a substituir o anterior, dr. Crespo, e que os presos, na sua exposição, consideram um interlocutor válido.

– E quanto à comissão tripartida? Os guardas não a aceitaram, não é verdade?

– Sim, mas a nossa intenção, que era também a do ministro, era a de termos uma maior abertura a quem, com idoneidade como o provedor de Justiça e o representante da Associação dos Direitos do Homem, pudesse realizar uma averiguação tão completa e perfeita quanto possível sobre o que se tinha passado. Assim prevenímos a possibilidade de mais tarde surgirem acusações de se estar a fazer algo de encoberto.

«Há certos segredos que não devem ser mantidos, para que seja possível um esclarecimento público do que acontece nas cadeias.

«E esse esclarecimento é fundamental sobretudo no interior das cadeias. É uma das coisas que favorecem a adesão ao espírito de comunidade, e que permitem desfazer o clima de amargura em que tanto ali é vivido. Não há dúvidas de que as cadeias são meios artificiais de vida. Mas cá fora não há meios artificiais de vida? Não temos de viver com gente limitada, o cego, o ortopédico, etc.? Esse é que é o grande trabalho, é aprendermos a viver com as condicionantes que nos rodeiam.

OPINIÃO PÚBLICA

– Pensa que a opinião pública deve ser informada dos resultados dos inquéritos que estão a ser feitos?

– Penso sim, até já escrevi uma nota a referir a importância disso: só apelo para a objectividade.

RIBEIRO TELES

– Quer fazer algum comentário à entrevista que nos foi dada por um animador que trabalhou em Vale de Judeus, Fernando Ribeiro Teles?

– Com muito gosto. Em princípios de 77, a APAC, um grupo de intervenção sociocultural, esteve na Cadeia Central de Lisboa, em Linhó, a trabalhar, com o acordo da Direcção-Geral. Faziam expressão corporal, musical, psicodrama, etc. Como sabe é muito importante que nas cadeias haja esse tipo de trabalho, que tem um sentido social útil e um acentuado carácter pedagógico. Eu gostaria de estender esse trabalho a todas as cadeias.

«Mas a APAC é um grupo muito caro. O seu trabalho durante cerca de 20 dias custou perto de 80 contos, e nós não tínhamos meios para isso. Entretanto aparece o Ribeiro Teles, e diz-me que estaria disposto a fazer um trabalho semelhante ao da APAC. Pedi-lhe uma proposta por escrito e ele de facto escreveu uma coisa muito bem feita. Foi para Vale de Judeus, e suponho que a sua actividade lá, embora bem intencionada, criou um certo clima de fricção. Segundo me constava, para o sr. Ribeiro Teles só tinham direitos os presos, e evidentemente que esta perspectiva é errada. Eu compreendo que uma pessoa sensível fique perturbada com muita coisa que se vê numa prisão, mas uma pessoa que vai nesses papéis de educador, ou de director, ou de assistente social, ou para postos de chefia, tem de ter uma actividade que seja conciliadora, e não a de alimentar atritos. Eu dizia-lhe muitas vezes: «É preciso lubrificar as relações». O contrato dele era por um mês, foi prorrogado por três, depois caducou. A forma como ele está a ser visto lá, e não só lá mas também em Pinheiro da Cruz, deve resultar de um mau ajustamento dele às circunstâncias locais.

«É muito delicado fazer entrar alguém de fora para trabalhar nos próprios serviços. Mas também era muito perigoso ter centenas de presos desacompanhados de pessoas que se ocupem de lhes estimular interesses culturais, sociais, enfim os mais variados, e ele supria essa carência.

O 25 DE ABRIL E OS DIRECTORES

– Ele afirma que é mínimo o número de directores de prisão nomeados a seguir ao 25 de Abril de 74.

– A seguir ao 25 de Abril foram nomeados o dr. Avelino Marques para Santa Cruz do Bispo em Matosinhos. O dr. Massano para Custoias, que como sabe anda na lenda internacional por causa das coisas que se passaram lá. O dr. Miranda Pereira, Antunes de Castro para Leiria, Vítor Brito para Coimbra, Silva Crespo para Vale de Judeus, que sucedeu ao Leal de Oliveira, que por sua vez já tinha tomado posse depois do 25 de Abril... Isto para não falar de Silvano Costa em Pinheiro da Cruz, que veio de África. Além destes há nas cadeias regionais gente que passou a dirigi-las depois do 25 de Abril: Castelo Branco – é uma senhora, Manuela Bernardes, que a dirige. Évora, outra senhora. Vila Real, Bragança, Viana do Castelo, Lamego, Viseu, Monteijo, Setúbal, Faro, Elvas, Caldas da Rainha. Todos estes. Tudo gente nova, alguns vindos dos próprios serviços. Outros, em Angra do Heroísmo, Ponta Delgada, Funchal. Há uns trinta. Só três ou quatro passaram o cabo do 25 de Abril, porque eram bons directores e ficaram. O Ribeiro Teles tem de pedir desculpa ou de se penitenciar.

SANTOS PAIS DIVULGA PARTE DO RELATÓRIO DE VALE DOS JUDEUS

Inquérito passa a ser dirigido pela Procuradoria Geral da República

O ministro da Justiça, Santos Pais, divulgou sob a forma de nota oficiosa, sábado passado, parte do relatório elaborado em Vale de Judeus pelo inspector superior Fernando Duarte, da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais, e decidiu que o inquérito acerca da evasão dos 124 passará a ser conduzido pela Procuradoria-Geral da República com o apoio da Polícia Judiciária. Eis o texto da nota oficiosa:

«1. Em consequência da fuga de reclusos da cadeia de Vale dos Judeus, em Alcoentre, ocorrida na noite de 16 para 17 do corrente mês, foi ordenado um inquérito às condições e circunstâncias em que tal evasão se processou.

«Foi encarregado das averiguações um inspector dos Serviços Prisionais que apresentou já um relatório preliminar contendo a descrição dos factos, mas sem se pronunciar sobre o apuramento das responsabilidades.

«2. Como é compreensível, não pode tal relatório ser divulgado na íntegra uma vez que há elementos que necessitam ser verificados e se recear que com essa divulgação se possa vir a prejudicar a realização de diligências futuras.

«MUITO ESTRANHO»

«3. Pode, no entanto, esclarecer-se, neste momento, que à data da evasão a população prisional era de 220 reclusos e se encontravam ao serviço da cadeia de Vale dos Judeus 90 guardas prisionais.

«4. A fuga processou-se através de um túnel de cerca de 35 metros de comprimento que termina numa boca circular com diâmetro aporximado de 46 cm, situada entre o muro exterior e a rede de protecção.

«Para a abertura desse túnel, os reclusos tiveram de retirar cerca de 64 toneladas de terra que foram transportadas em baldes de plástico, do primeiro para o terceiro piso, através de aberturas feitas nos tectos e soalhos e que, de dia, eram disfarçadas com pedaços de colchão adrede colocados e «posters» afixados.

«Na escavação do túnel foi utilizado um berbequim eléctrico, duas pás, sendo uma especialmente adequada a esse serviço, enxadas e ainda um fio eléctrico e lâmpadas para iluminação do percurso, além de ventoinha também eléctrica destinada a possibilitar o arejamento do subterrâneo. Todos estes instrumentos foram deixados pelos reclusos no local.

«Admite-se que um trabalho desta envergadura deve ter sido executado com interajuda constante de quatro ou cinco reclusos e que terão sido gastas várias semanas para o levar a cabo.

«5. Sem pretender antecipar-se aos resultados das averiguações rigorosas já ordenadas, não pode o Ministério da Justiça deixar de considerar muito estranho que todo este aparatoso processo de evasão tenha decorrido sem ser detectado, sendo de salientar, pelo menos, que ao Ministério não foi dado conhecimento de qualquer anormalidade especial.

«E essa estranheza é tanto maior quanto é certo que por virtude da recente greve da fome que tanto apaixonou a opinião pública, se encontra em Vale de Judeus, além da comissão encarregada das averiguações que, como se sabe, é constituída também por um representante da Provedoria de Justiça e outro da Ordem dos Advogados, uma comissão de vigilância dos Serviços Prisionais.

«A acrescentar a isto, a cadeia é visitada, pelo menos uma vez por mês, por um juiz do Tribunal de Execução das Penas, sendo a última efectuada no dia 5 do corrente.

«Deste modo, parece carecer de legitimidade a invocação do receio de represálias quer por parte dos funcionários, quer entre os próprios reclusos como justificação para a não denúncia de qualquer facto ou indício anormal.

MUDANÇA DE RESPONSABILIDADES

«6. Por tudo isto, por despacho de ontem o Ministro da Justiça determinou que, para apuramento completo de todas as responsabilidades, o inquérito passasse agora a ser conduzido por um ajudante do procurador-geral da República com a colaboração da Polícia Judiciária.

«Tal inquérito permitirá a esta Ministério, num prazo que se deseja o mais curto possível, o esclarecimento total dos factos e a atribuição das respectivas responsabilidades.

«7. O Ministério da Justiça não pode deixar de referir a prestimosa colaboração que tem recebido de todas as entidades no número das quais é justo incluir também e com relevo especial a corporação dos guardas prisionais, nas recapturas já efectuadas e solicita das pessoas que tenham elementos susceptíveis de contribuir para o êxito do inquérito e da recaptura de todos os evadidos a colaboração necesária.»

AFRICA

Nada de concreto em Cartum no final da Cimeira da OUA

A 15.ª cimeira da Organização da Unidade Africana (OUA) terminou os seus trabalhos no sábado passado em Cartum sem ter conseguido resolver o problema da intervenção estrangeira no continente.

Contudo, o novo presidente da organização, chefe de Estado sudanês Jaafar Nimeiri, classificou a cimeira de «positiva», apesar de debates acalorados suscitados pela intervenção militar estrangeira em África.

No seu discurso de encerramento, Nimeiri fez só uma referência passageira à intervenção estrangeira ao declarar que todas as nações africanas deviam assegurar que não haveria mais interferências externas nos assuntos internos de qualquer país.

«Devemos fazer tudo quanto podemos para combater o imperialismo ocidental que tenta explorar-nos a todos» – acrecentou.

Não fez qualquer alusão aos constantes conflitos, dentro e fora da conferência, entre a Líbia e o Tchade, a Argélia e o Marrocos, e a Somália e a Etiópia, que conduziram os chefes de Estado a uma acalorada sessão que durou mais de catorze horas, prolongando-se pela noite inteira.

Várias moções foram retiradas porque se considerou que não tinham sido fornecidas informações suficientes à conferência para que pudesse tomar uma decisão.

Fontes bem informadas disseram que foi esse o caso de uma moção pedindo a descolonização das ilhas Canárias espanholas, ao largo da costa da África Ocidental, e da Reunião, administrada pela França, no oceâno Índico.

Um porta-voz da OUA declarou que o texto oficial das moções aprovadas seria divulgado brevemente.

NOVO SECRETÁRIO-GERAL

O ministro dos Negócios Estrangeiros do Togo, Edem Kodjo, foi eleito secretário-geral da organização no sétimo escrutínio, sucedendo a William Eteki M'Boumoua, que não se recandidatou.

Peter Onu, o porta-voz oficial da OUA nos últimos cinco anos, foi reeleito subsecretário-geral.

O presidente Nimeiri anunciou que a 16.ª cimeira da OUA se realizará em Monróvia, capital da Libéria, em data a fixar.

● O PRESIDENTE AGOSTINHO NETO, DA RPA deverá encontrar-se com o seu colega zairense Mobutu Sese Seko, num futuro próximo, a fim de ratificar acordos já elaborados sobre a resolução dos diferendos entre os dois países – revelaram ontem, em Kinshasa círculos oficiais. A reunião teria provavelmente lugar em Brazzaville, capital da República Popular do Congo – disseram os informadores de Kinshasa.

● UM GRUPO DE PARTIDÁRIOS DA SWAPO, detido pela polícia sul-africana, entrou no domingo no seu quinto dia de greve da fome, em sinal de protesto contra a sua detenção sem julgamento, anunciou Daniel Ijongarero, vice-presidente da SWAPO.

● A OPOSIÇAO SUL-AFRICANA, voltou a pedir a demissão do ministro, da Justiça, James Kruger, após a morte de três negros sob custódia policial.

Num caso, seis polícias foram acusados de assassínio, noutro três agentes foram transferidos, e num terceiro incidente, três polícias foram suspensos enquanto se efectua um inquérito.

NAZI-FASCISMO

Escalada fascista na RF Alemã

O ressurgimento neonazi na RF Alemã adequiriu neste fim de semana uma nova dimensão, com os incidentes registados na cidade de Lentfoehrden nos quais estiveram envolvidos membros da chamada Frente Nacional Socialista e forças policiais. Os confrontos iniciaram-se quando a polícia tentou impedir os neonazis de se reunirem para programarem a «festa de comemoração de Hitler». Dos incidentes resultaram dez polícias feridos e a prisão de vinte nazis. Na foto: um encontro internacional de nazis recentemente realizado em Hamburgo, sob a cruz suástica. O nazi americano, Gary Lauck, esteve presente Os nazis alemães estão em estreito contacto com suíços, italianos, britânicos, franceses, belgas, espanhóis, austríacos, e, decerto, portugueses.

AMÉRICA LATINA

Governo boliviano será hoje conhecido

«Venho com o apoio do povo e das Forças Armadas» – foi com estas palavras que o general Pereda tomou posse do seu cargo presidencial, conseguido à custa das baionetas. O «apoio do povo» não o pode ele de modo nenhum reclamar, pois a sua «vitória eleitoral» foi produto de eleições fraudulentas anuladas depois pelas instâncias competentes. Ante a iminência de perderem o poder, as FFAA ripostaram à anulação das eleições, promovendo uma farsa, que consistiu na «destituição» do anterior presidente, Hugo Banzer, na formação de uma Junta Militar por uma hora e no empossamento do candidato «vitorioso», que, com total impudor, se reclama agora do apoio popular. Na passada sexta-feira, o general Pereda procedeu à sua primeira nomeação, designando o general Padilla (cujas divisões patrulham a capital e a província Oruro) como comandante do Exército.

Agora o novo chefe de Estado boliviano está a proceder a consultas para constituir aquilo a que chama um governo de união nacional. Fontes próximas de Pereda dizem que o governo incluirá oficiais das FFAA, altos quadros do Partido de Centro-Esquerda (a que pertence Pereda) e possivelmente elementos da oposição. O elenco governativo será conhecido hoje.

O Sindicato dos Mineiros fez já uma greve de 48 horas que terminou ontem. As principais organizações sindicais estão em estado de emergência e denunciaram já a ocupação dos centros produtores de estanho (a principal riqueza do país) pelas tropas que ocupam também as estações radiofónicas. Na cidade de Cochabamba registaram-se já as primeiras detenções, tendo sido presos dirigentes sindicais e políticos que «ameaçavam a paz e a tranquilidade».

A Venezuela exprimiu já a sua preocupação pelos acontecimentos declarando ser impossível o governo venezuelano não reagir contra «o que parece ser um atropelo aos direitos do povo boliviano». O Brasil, cujo governo tem melhor «estômago» para estas coisas, anunciou já que reconhecerá imediatamente o novo regime.

Em Washington o Departamento de Estado «deplora» os acontecimentos e exprime a esperança ingénua de que Pereda inaugurará uma fase de transição para um regime realmente democrático. A verdade é que a farsa boliviana é um duro revés para a chamada política dos «direitos humanos» do presidente Carter. O exemplo boliviano era propagado na Imprensa ocidental como uma vitória do «humanitarismo» carteriano sobre os regimes ditatoriais e fascizantes da América Latina. O futuro dirá como Carter se acomoda com Pereda.

O candidato oposicionista, Siles Zuazo, que seria o real vencedor das eleições e que se encontra ainda no seu país, em prudente clandestinidade, garantiu à Reuter que o seu partido será a ponta de lança da oposição contra a ditadura do novo general de La Paz.

EUROPA

Ministros da CEE debatem estabilidade monetária

Ministros das Finanças da Comunidade Europeia reúnem-se hoje em sessão em Bruxelas para estudar um novo plano destinado a conseguir a estabilidade monetária na Europa Ocidental.

Analisarão também o que os nove países do Mercado Comum Europeu podem fazer para harmonizar mais as suas economias, um elemento importantíssimo na procura para se conseguir menos desestabilização monetária.

Durante a sua última sessão, antes das férias do Verão, os ministros travarão o seu primeiro debate sobre as propostas apresentadas pelo presidente Valery Giscard d'Estaing e o chanceler Helmut Schmidt da República Federal Alemã na cimeira de Breman, há duas semanas.

Os chefes de Governo das nações da CEE pediram aos ministros para elaborarem o maquinismo do plano. Aguarda-se que os interlocutores definam as linas gerais para os seus peritos, que deverão entregar um relatório até ao Outuno.

Os ministros deveriam, então, poder apresentar recomendações na próxima cimeira, que se efectuará em Bruxelas, em Dezembro.

Entretanto, ministros da Agricultura da CEE tentarão novamente avançar no problema difícil de uma política de pesca comum, ainda por traçar, após a sessão sem êxito, em Junho, no Luxemburgo.

A agenda inclui a definição de cotas de pesca em águas da Noruega, Suécia e ilhas Faroe e problemas relacionados com acordos internos.

Santiago Carrillo em Cuba

O secretário-geral do PCE, Santiago Carrillo (na foto) chegou a Havana para representar o seu partido nos actos comemorativos do 25.º aniversário do assalto ao quartel de Moncada, os quais se celebrarão este ano em Santiago de Cuba, local dos acontecimentos que mais tarde viriam culminar na tomada de poder pelas forças democráticas. Carrillo é igualmente convidado de honra do XI Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes que decorrerá entre os dias 28 deste mês e o dia 5 de Agosto.

"Caça ao homem" na Sierra de Madrid

Uma autêntica «caça ao homem» continua em curso na «Sierra», a Norte de Madrid, na tentativa de se encontrar o comando que, na passada sexta-feira, matou o general Juan Sanchez Ramos e o seu ajudante de campo. Formado por dois homens e uma mulher, o comando foi assinalado ontem à tarde na «Sierra» por um guarda florestal que forneceu uma ligadura aos fugitivos. Helicópteros e cães de polícia passam a «Sierra» a pente fino.

O atentado foi reivindicado pela organização separatista basca ETA. No sábado de manhã realizaram-se os funerais das vítimas em Madrid. Só as famílias e representantes das FFAA foram autorizados a participar nas cerimónias religiosas, às quais não compareceram nem o rei Juan Carlos nem o primeiro-ministro.

Os fascistas saíram à rua, entoando o hino franquista e clamando pela intervenção do exército.

Entretanto o Conselho Supremo Espanhol de Justiça Militar recusou definitivamente no sábado a concessão de uma amnistia aos quatro actores do grupo catalão «Els Joglras» condenados a 7 de Março a dois anos de prisão por «ofensas contra o exército»

MÉDIO ORIENTE

Beirute: palácio presidencial ameaçado pelas chamas

Incêndios provocados por granadas e foguetões lavram hoje perto do palácio presidencial de Beirute (Líbano), após o reacender do conflito armado entre a Força Árabe de Dissuasão e os direitistas libaneses, armados e auxiliados por Israel. As labaredas devoram árvores perto do gabinete e residência do presidente Elias Sarkis e também perto da residência do embaixados dos EUA, Richard Parker.

Ontem o bairro cristão de Hadath foi alvo de bombardeamento das forças árabes, enquanto se anunciavam várias prisões no Norte do país. O direitista Camille Chamoun apelou, entretanto, às forças sírias que se rebelassem contra os seus comandantes e que não «derramassem o sangue irmão do povo libanês».

Enquanto isto, prossegue o «folhetim» das negociações israelo-egípcias. Depois duma reunião do Conselho de Ministros que durou sete horas o gabinte israelita recusou a entrega de El Arish, no Sinai, à administração egípcia, embora tivesse sido já marcado para o dia 3 de Agosto no Sinai um novo encontro entre os ministros israelitas e egípcios dos Negócios Estrangeiros e da Defesa.

O presidente Sadat, do Egipto

Ontem o secretário norte-americano de Estado, Cyrus Vance, afirmou que Israel tem de aceitar o princípio da retirada da margem ocidental do Jordão como condição prévia para o reatamento das negociações com o Egipto.

Por sua vez, o presidente Sadat do Egipto, que irá ser «julgado» no próximo dia 1 em Damasco por elementos da Frente de Rejeição, anunciou que o seu país passará a ser pluripartidário, para o que vai ser revogada a Constituição. Sadat constituirá ele próprio um partido político – segundo anunciou nas comemorações do 26.º aniversário da revolução que derrubou a monarquia.

Por outro lado, um jornal cairota anuncia que a União Socialista Árabe (partido único do Egipto) vai apresentar a sua candidatura à Internacional Socialista.

Finalmente o jornal «Al Ahram» anuncia que o FMI, a Inglaterra e o Japão concederão este ano empréstimos no total de 450 milhões de dólares ao Egipto.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

Jane Fonda no Festival de Havana

Durante o Festival da Juventude, que se vai realizar em Havana, serão exibidos cerca de 60 filmes, procedentes de países e organizações mundiais, entre 29 de Julho e 4 de Agosto. A programação cultural do Festival Mundial da Juventude e dos estudantes possibilita a projecção e análise dos filmes, em sessões de onze horas diárias.

No certame serão apresentadas películas de Portugal, do Chile, Estados Unidos, Bélgica, Dinamarca, Canadá, França, Peru, Bolívia, Argentina, Guiné-Bissau e Palestina. Está, ainda, programada a exibição de obras do Líbano, Nigéria, Iraque, Sahará, Líbia, Hungria, URSS, Polónia, Bulgária e da República Democrática Alemã. Simultaneamente com as projecções serão organizados colóquios e debates que permitam ampliar e aprofundar o conhecimento dos problemas que enfrentam as cinematografias e os cineastas, nos processos libertadores dos seus povos e culturas.

Foram convidados para assistirem ao Festival Internacional de Cinema Jovem algumas personalidades tais como o actor Harry Belafonte e Jane Fonda, actores dos Estados Unidos e ainda Zoltan Fabri, da Hungria, Cristopher Zanussi, da Polónia e Alexander Medvedkin, da União Soviética.

Jorge Amado aplaudiu de pé: "Jesus Cristo em Lisboa" emociona, estimula"

Da esquerda para a direita: a esposa do escritor, Jorge Amado, Carlos Wallenstein, Mendes de Carvalho e o filho do casal Amado, depois do espectáculo

«Jesus Cristo em Lisboa», desde o seu primeiro momento «sacode o espectador», escreveu Jorge Amado em carta a Mendes Carvalho e a Carlos Wallenstein depois de ter aplaudido, de pé, durante largos momentos, no último fim-de-semana, o espectáculo que o «Teatro Popular» leva à cena no São Luiz» desde o passado dia 22 de Junho.

«Toquem para diante que muito precisamos, portugueses e brasileiros, de realizações como a da companhia do «Teatro Popular» e de «Jesus Cristo em Lisboa», incita Jorge Amado no termo da referida carta depois de salientar que o espectáculo «sugere, prende, emociona, estimula». Eis o teor da carta do escritor:

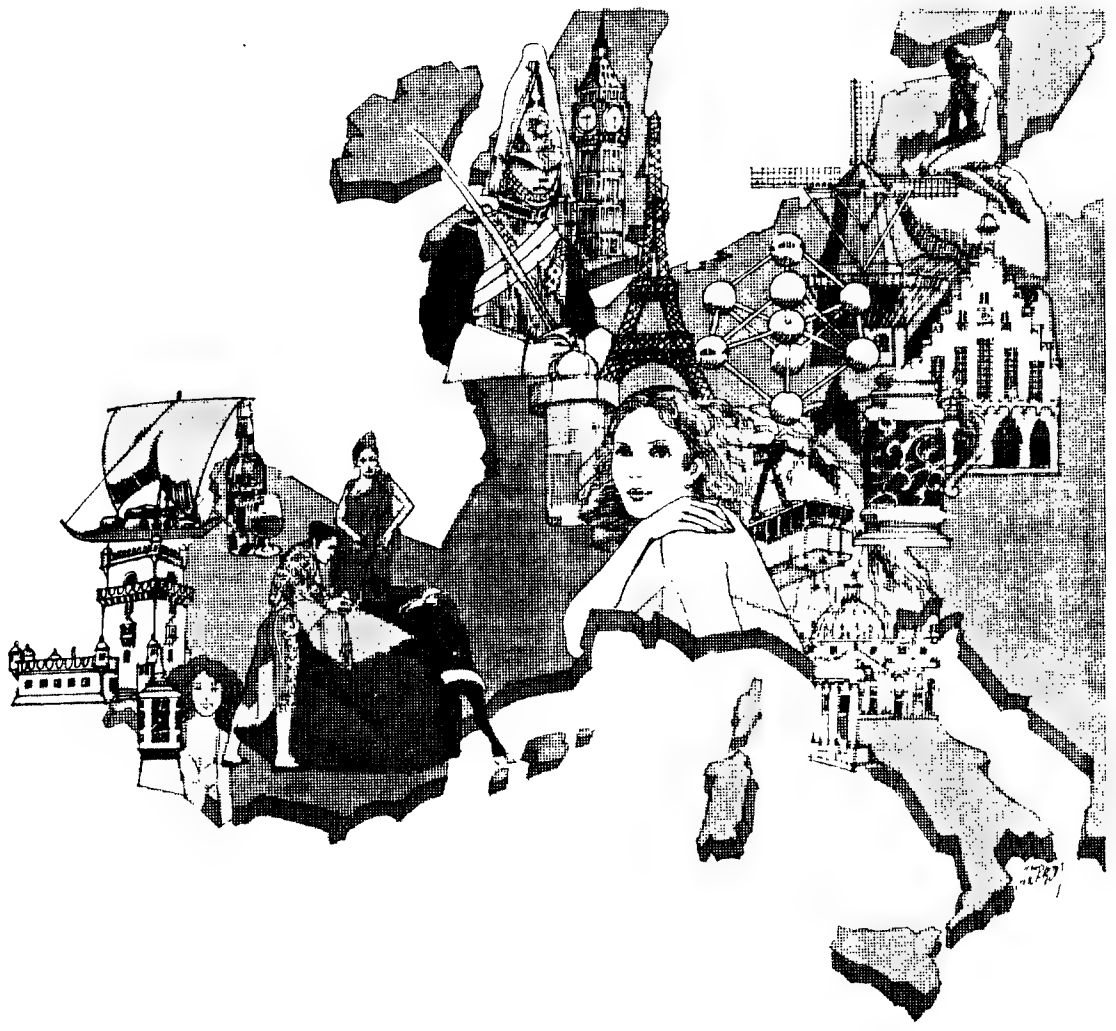
«Queridos amigos Mendes de Carvalho e Carlos Wallenstein: acordei hoje ainda sob a profunda impressão que me causou o espectáculo do Teatro Popular que assisti ontem e tomo da máquina de escrever para voltar a abraçà-los, aos dois queridos amigos, e através vocês a todos que colaboraram de uma ou de outra maneira para colocar de pé a Companhia Nacional e a peça que me foi dado ver. A começar pelo Rogério de Freitas, Director-Geral de Espectáculos, até os mais jovens dos actores. A todos, especialmente a vocês e a Alexandre O'Neill e a Norberto Barroca, meu muito obrigado.

A peça sacode o espectador desde o primeiro momento. Coloca os problemas para que sejam discutidos no palco e dentro de cada um. Desde a cena inicial quando nos sentimos mais próximos da obra de Raul Brandão e Teixeira de Pascoaes, o que dá ao conflito uma continuidade no tempo português que me parece da maior importância, até o belíssimo momento final quando uma conclusão é proposta ao público, respondendo às interrogações colocadas no decorrer dos quadros.

Agrada-me sobretudo a amplitude antidogmática e o sentido humanista do espectáculo que impede venha ele reduzir-se ao acanhado imediatismo circunstancial, tão perigoso numa obra de criação em hora tão política como esta de Portugal nos dias de hoje. O'Neill e Mendes Carvalho souberam superar a circunstância e o modismo para a escrita de um texto de grande beleza mas também de permanente oportunidade. E Wallenstein e Barroca montaram o espectáculo dentro dessa amplitude dando-lhe a grandeza que o universaliza, acrescendo à força poética do texto um sentido vital distante de qualquer convencionalismo. O espectáculo sugere, prende, emociona, estimula.

O elenco é excelente. Excelente pela qualidade individual dos actores (alguns eu já conhecia e admirava há muito) e pela qualidade de conjunto obtida pela direcção.

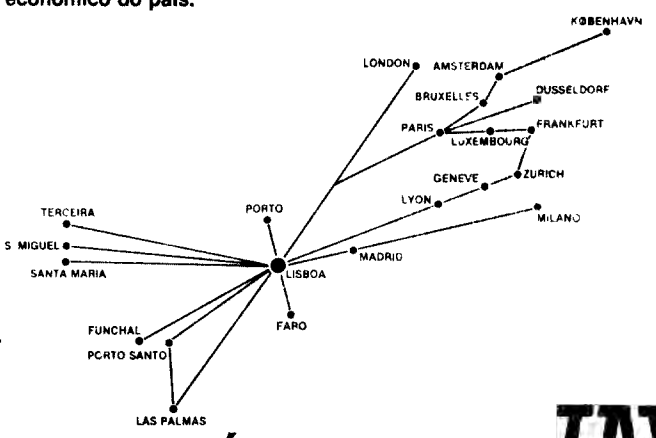
Minha mulher, meu filho e sua mulher, juntam-se a mim neste abraço de parabéns e agradecimento. Toquem para diante que muito precisamos, portugueses e brasileiros, de realizações como a da Companhia do Teatro Popular e de «Jesus Cristo em Lisboa».



De Portugal para a Europa

nas rotas da TAP

A TAP é a Companhia que, à partida de Portugal, lhe oferece mais destinos na Europa. Para além da ligação às Comunidades Portuguesas e aos principais centros comerciais europeus, a TAP está sempre a seu lado, através de 38 escritórios em 11 países do Velho Continente.
Voando para qualquer dos 21 destinos da TAP na Europa, encontra sempre o acolhimento e o conforto que sabemos proporcionar aos nossos passageiros.
E, acima de tudo, voar com a TAP é contribuir para o progresso económico do país.



voe no que é seu. voe com a TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

"Till Eulenspiegel"

Estreia ainda não tem data

Ainda não está marcada a data da estreia de «Till Eulenspiegel», o novo espectáculo do Grupo de Teatro de Campolide (adaptação de Virgílio Martinho a partir da obra de Charles de Coster) com encenação de Joaquim Benite e cenários de Mário Alberto.

O director artístico do Grupo (Joaquim Benite) afirma que «a razão principal do atraso tem que ver com a falta de equipamento eléctrico. De facto a nossa companhia só este ano teve um subsídio da S.E.C. Precisando melhor: ao contrário do que sucede com os restantes grupos subsidiados, o G.T.C. nunca pôde receber qualquer material de luz ou de som. Na época em que como funcionámos no Convento da Trindade, utilizámos o material do INATEL, razão pela qual enfrentámos então o problema que nos afecta agora. A situação, no entanto, vai resolver-se, pois esperamos receber o material necessário ainda esta semana.»

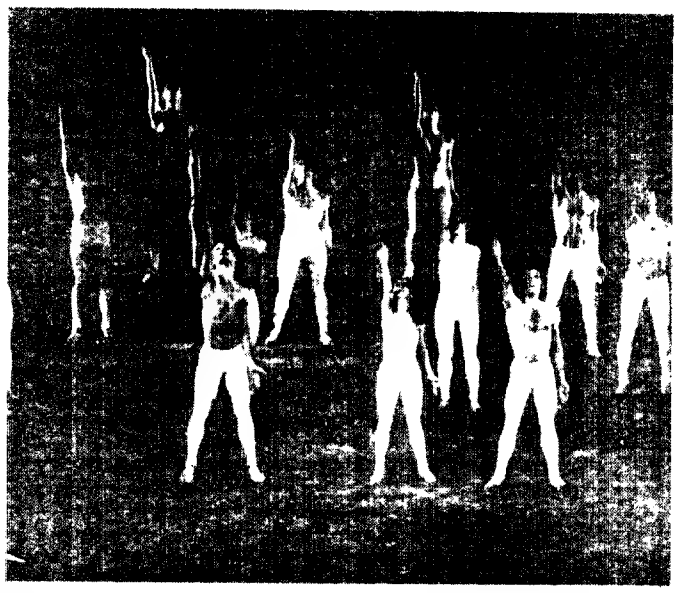
Interessante notar que o Grupo de Campolide «não se limitou a aproveitar o subsídio da S.E.C., que não chega, sequer, para pagar os ordenados mensais da companhia, de modo a simplesmente sobreviver como grupo. A mudança de situação operada, do ponto de vista económico, fez com que nos atrevessemos a uma grande montagem, montagem que exigiu grandes sacrifícios de nós todos.»

Joaquim Benite lembra que se não fosse o apoio da Associação de Espectadores, teria sido impossível manter a actividade do Grupo de Teatro de Campolide.

Ensaios do «Till»: ultrapassada a dificuldade dos projectores, o Campolide vai actuar em Almada

BALLET GULBENKIAN NO ALGARVE

Espectáculo hoje em Portimão



No prosseguimento da sua acção cultural descentralizadora o Ballet Gulbenkian vai efectuar até ao fim do mês, uma digressão de oito espectáculos no Algarve. Assim, esta Companhia exibir-se-á nos seguintes dias e localidades: hoje – **Portimão** (Praça da Câmara Municipal); amanhã e quarta 26 – **Vilamoura** (Marina); quinta 27 e sexta 28 – **Faro** (Jardim da Alameda); sábado 29 e segunda 31 – **Vila Real de Santo António** (Praça Marquês de Pombal).

O programa desta «tournée» é constituído por seis das obras que maior êxito obtiveram na presente temporada do Ballet Gulbenkian em Lisboa: **O Baile dos Mendigos** (Paul Sanasardo – Beethoven), **Noite de quatro luas** (Vasco Wellenkamp – George Crumb), **O Messias** (Lar Lubovitch-Haendel), **Distâncias sonhos proximidades** (ArmandoJorge–Dionne/Bregent), «pas-de-deux» de **Inter–Rupto** (Carlos Trincheiras-Samuel Barber), e **Três danças para música japonesa** (Jack Carter-Kisahisa Katada).

Procurou-se, com esta selecção de reportório, ter em conta os gostos dos mais variados sectores de público. Com efeito neste conjunto de obras estão representadas diversas correntes estéticas do bailado contemporâneo, desde as que se apuram na técnica do «ballet» clássico até as que se filiam directamente na «modern dance» de raiz norte-americana.

Esta série de espectáculos integra-se no «Verão Musical do Algarve» e é organizada pela Fundação Gulbenkian em colaboração com a Comissão Regional de Turismo do Algarve.

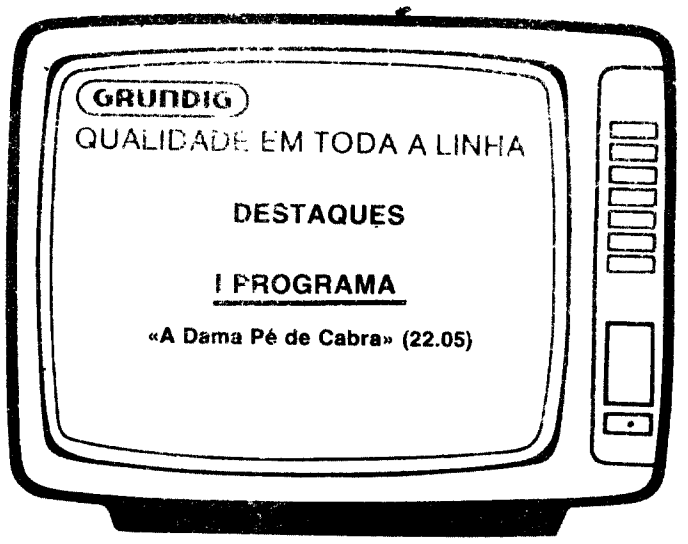
Hoje

Uma imagem de «A Dama Pé de Cabra»

I PROGRAMA

18.25 **Telejornal** – 1.ª edição.
18.30 **Lições de Natação** – 3.ª lição.
19.00 **«Paddington»**
19.05 **Inglês a Sorrir (Iniciação)**
19.30 **Cientificamente**
20.00 **Telejornal** – 2.ª edição.
20.35 **«O Casarão»** – episódio n.º 146 da telenovela assinada por Lauro César Muniz. Produção da Central Globo de Televisão.
21.20 **O Tempo**
21.25 **Teatro em Setúbal** – homenagem a Jorge Sena.
22.05 **Teatro – Estúdio 1** – «A Dama Pé de Cabra», de Alexandre Herculano.
23.50 **Telejornal** – 3.ª edição.
23.55 Fecho

TUDOR
BATERIAS · PILHAS



Amanhã

I PROGRAMA

18.25: Telejornal – 1.ª edição, **18.30**: Lições de Basquetebol – 10.ª lição, **19.05**: Um Mundo para Descobrir, **19.30**: Colectividades de Recreio – Trafaria, **20.00**: Telejornal – 2.ª edição, **20.35**: «O Casarão» – episódio n.º 147, **21.05**: O Tempo, **21.10**: Forum, **22.15**: «Os inquéritos do Comissário Maigret» **23.45**: Telejornal – 3.ª edição, **23.50**: Fecho

AVISO
EMIGRANTES

AS FÁBRICAS DE MÓVEIS
BARATY E CONFIANÇA
FABRICAM E VENDEM DIRECTAMENTE OS SEUS MÓVEIS

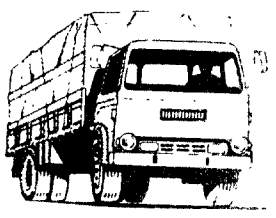
POUPE 40%

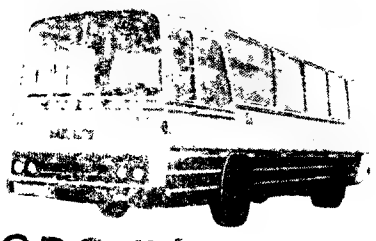
VISITANDO OS NOSSOS SALÕES DE EXPOSIÇÃO

R. LUCIANO CORDEIRO, 18-A - TEL. 573521 - LISBOA
AV. 5 DE OUTUBRO, 55 - TEL. 546860 - LISBOA
AV. 25 DE ABRIL, 45 - TEL. 2769001 - ALMADA
R. CONCEIÇÃO SAMEIRO ANTUNES, 13
COVA DA PIEDADE - Junto ao Pão de Açúcar
R. REINALDO FERREIRA, 6-A - TEL. 802475 - LISBOA
R. ELIA GARCIA, 25 - TEL. 976597 - V. NOVA - AMADORA
R. GUILHERME GOMES FERNANDES, LOTE 13
TEL. 917336 - ODIVELAS
AV. S. JOSÉ, LOTE 3 - TEL. 2510029 - SACAVÉM
R. PALHA BLANCO, 75 - TEL. 09322081 - V. FRANCA DE XIRA
FEIRA POPULAR DE LISBOA, PAVILHÃO DE EXPOSITORES

GTH
GRUPO TEATRO HOJE
TEATRO DA GRAÇA
Tv. S. Vicente, 11 – Tel. 875626
PORTA FECHADA
(HUIS-CLOS)
de JEAN-PAUL SARTRE
ANNA PAULA • JOAQUIM ROSA • JOSÉ MANUEL ROSADO • LIA GAMA
ENCENAÇÃO: JORGE LISTOPAD
«Um Sartre de primeira ordem» — Manuela de Azevedo (Diário de Notícias).
Hoje folga
Amanhã às 21.45 h
Sábados matinée às 16 h
Domingo só às 18 h

TEATRO NOSSO TEMPO
Praça José Fontana, (Metro Rotunda em frente ao Liceu de Camões)
ANIMA
Representa:
RELATÓRIO SOBRE ATLÂNTIDA
De Rui Mesquita
Com MANÉ SEME LUTFI
Encenação. SEME LUTFI
Diariamente às 21.30 h
(Folga às 2.ªs-feiras)
(Esta temporada do Anima no TNT é de 16 a 30 de Julho)
Sub. SEC


Sr. Camionista
Muitos acidentes com veículos pesados têm como causa excesso de carga.
Respeite sempre os limites.


RN.
RODOVIÁRIA NACIONAL
nasceu com o País Novo
para aproximar os portugueses

A BARRACA
SUB S E C

ZÉ TELHADO
Rua Alexandre Herculano, 70
Telefones: 68 63 00 — (M/13)
3.ª a SÁB: 20H30 — 22H30
DOMINGO: 16H00 — 21H30

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 88 27 86 - 89 98 26
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

"TOUR-78": HINAULT FOI O GRANDE VENCEDOR

E agora: quem vai aguentar os franceses?

Bernard Hinault foi o sétimo ciclista a ganhar o «Tour» na sua primeira participação na prova, seguindo as pisadas de grandes campeões como Fausto Coppi (1949), Jacques Anquetil (1957), Felice Ginondi (1965) e Eddy Merckx (1969). O «Tour» de Hinault foi extremamente inteligente, no ponto de vista tactico. O francês nunca largou os primeiros e assegurou a vitória na passada sexta-feira, no contra-relógio de 75 quilómetros que ligou Metz a Nancy, em que triunfou e bateu por larga margem o holandês Joop Zoetemelk, da Mercier, que terminou a prova em segundo lugar (pela quarta vez) com 3 minutos e 56 segundos de atraso em relação a Hinault.

Joaquim Agostinho, estaria em grande, apesar dos seus 35 anos, na sua melhor Volta à França de sempre, e foi o terceiro, a 7 minutos e 4 segundos do vencedor, com direito ao pódio.

O «Tour-78», deverá dizer-se foi marcado por o escândalo de «doping» em que foi Michel Pollentier, companheiro de Agostinho, que na etapa de há uma semana triunfou, dando a ideia de poder vencer a prova. Mas seria desclassificado nesse mesmo dia, por alegada fraude no controlo antidoping. Os comissários franceses afirmaram ter visto esse gesto e não deixaram escapar a oportunidade, a pensar no «seu», Hinault. Foi pena, porque a punição, além de ensombrar a prova, serviu as aspirações (legítimas), de Bernard Hinault.

A última etapa foi presenciada por centenas de milhares de pessoas espalhadas ao longo do percurso entre St. Germain En Laye e Paris, na distñcia de 161 quilómetros. Os ciclistas correram em pelotão até à capital onde, no circuito montado nos Campos Elíseos (ao qual os corredores deram seis voltas) se verificou uma fuga de quatro ciclistas que se mantiveram à frente do pelotão até final. Knetemann, o vencedor, percorreu a distância em 4 horas e 22 minutos e 46 segundos, à media de 36,495 quilómetros por hora. O pelotão com os melhores e José Martins, chegou um minuto e três segundos depois. Hinault encontra aí milhares de bretões que se deslocaram de Yffignac (departamento da costa do Norte) para saudar a vitória do seu conterrâneo, ao mesmo tempo Joop Zoetemelk, de saco ao ombro e boina de lã na cabeça, se dirigia de bicicleta para a Praça da Concórdia,

Com efeito, foi apenas em Nancy após a etapa contra-relógio, que Zoetemelk depôs as armas, batido por um «super» Hinault e por um começo de bronquite. A dois passos da Praça da Concordia, Michel Laurent, o companheiro de equipa de Bêrnard Thévenet, promovido, a lider em Ste-Foy-la-Grande, no final da primeira etapa contra-relógio, resumia assim a opinião geral: «Hinault, de longe o mais forte, impôs-se logicamente. Em Alpe D'Huez, no final da 16.ª etapa, tinha a corrida ganha. Apenas Pollentier teria podido inquietá-lo». Mas, acrescentamos nós, os comissários franceses não o quiseram.

E foi o belga que, infelizmente, se eliminou a ele próprio, depois do seu sucesso na primeira etapa alpestre, ao tentar uma «fraude» na caravana onde se efectuava o controlo anti-doping.

Os últimos dois vencedores da volta haviam pelo seu lado abandonado a ambição de repetir o seu êxito, muito antes: Bérnard Thévenet esteve doente durante o Inverno passado e, na Primavera, não foi capaz de atingir o seu nível médio, tendo capitulado em Tourmalet, o primeiro colo de montanha difícil, inscrito na ementa. Mal restabelecido duma fractura da clavícula, Lucien Van Impe, pelo seu lado, não tinha ilusões quanto às suas possibilidades. Estas, como as de Thevenet, tornaram-se praticamente nulas em Sainte-Foy-La-Grande (Gironda).

MARTINS EM FOCO

Já vencedor em Lausanna, o holandês Gerrie Knetemann, o homem dos finais do «Tour de France», não deixou fugir uma boa escapada, depois de Legeay e Beucherie terem perdido a sua oportunidade. Durante a segunda volta do circuito, nos Campos Elísios, colou-se à roda do seu compatriota Den Hertog, tal como Lubberding, o melhor jovem corredor da volta, e o belga Rene Martens. Embora tendo arrancado de muito longe, Knetemann viria a receber o ramo de flores dum grupo de holandeses. Classificação: 1.° Gerrie Knetemann (Hol-Raleigh), 4.22.46 (média: 36,945); 2.° René Martens (Bel-CA), 4.22.47; 3.° Hennk Lubberding (Hol-Raleigh), MT; 4.° Fedor Den Hertog (Hol-Lejeune), 4.22.48; 5.° Yvon Bertin (Fra-Gitane), 4.23.49;s6.° Jacques Esclassan (Fra-Peugeot), 4.23.49; 7.° Klaus-Peter Thaler (RFA-Raleigh), MT; 8.° Yves Hezard (FRA-Peugeot), MT; 15.° Hinault (FRA-Gitane) MT; 25.° Martinez (FRA-Jobo); 35.° Martins (Por); 38.° Van Impe (Bel.-CA); 40.° Wellens (Bel.-Raleigh); 48.° Zoetemelk (Hol-Mercier); 50° Agostinho (Por-Flândria; 56.° Bruyère (Bel-CA); 61.° Galdós (Es-Kas); todos com 4.23.49.

Embora tendo cortado o risco branco dos Campos Elíseos na 35.ª posição, com o mesmo tempo de Hinault e antes de Agostinho (50.°), José Martins esteve particularmente em evidência na etapa de ontem, sobretudo na montanha, pois não só o 1.° em Mesnuls (4.ª categoria), arrecadando os respectivos três pontos, como pontuou na segunda das seis ascensões que a ligação comportava, na Côte de La Madeleine, onde foi o 5.° (dois pontos), atrás de Legeay, Chamel, Zootemelk e Hinaut, precedendo aquele que viria a ganhar em Paris, Knetemann. Outros vencedores das restantes quatro subidas: De Carvalho (português?) Beucherie, Lasa e Menendez, os dois últimos companheiros da equipa espanhola onde Martins «trabalha».

Hinault: o sétimo ciclista a vencer o «Tour» à primeira (e com 23 anos apenas)

OS MELHORES DISTINGUIDOS

Os corredores, depois da chegada aos Campos Elíseos, foram recebidos no município de Paris, tendo os melhores (Hinault, Martinez, Maertens, Zoetemelk e Agostinho) sido recompensados com distinções da cidade. Couve de Murville, deputado e conselheiro de Paris, e Raymond Dohet, adjunto do «Maîre», entregaram ainda distinções a Knetemann, vencedor da última etapa, e à equipa Miko-Mercier, que venceu a classificação por equipas.

Os melhores do «Tour» tinham sido apresentados, anteriormente, à multidão de parisienses que os foi aclamar, num estrado instalado em frente do Município.

Findou o «Tour». Viva o «Tour» de 1979

Entretanto, vejamos as classificações finais.

Geral (final) individual: 1.° Bérnard Hinault (Fra - Gitane), 108.18.00; 2.° Joop Zoetemelk (Hol - Mercier) a 3,56; 3.° Joaquim Agostinho (Por - Flândria) a 7,04; 4.° Joseph Bruyere (Bel -C.A.) a 9.04; 5.° Christian Seznèc (Fra - Mercier) a 12,50; 6.° Paul Wellens (Bel - Raleigh) a 14,38; 7.° Francisco Galdos (Esp - Kas) a 17.08; 8.° Henk Lubberding (Hol - Raleigh) a 17,35; 9.° Lucien Van Impe (Bel - C.A.) a 21.01; 10.° Mariano Martinez (Fra - Jobo) a 22,58, 11.° Nilsson (Sué) a 23; 12.° Martin (Fra) a 33.08; 13.° Maertens (Bel) a 34.26; 14.° Laurent (Fra) a 40; 15.° Romero (Fra) a 49,28; 16.° Hezard (Fra) a 53,20; 17.° Menendez (Esp) a 53 27; 18.° Bittinger (Fra) a 53.47; 19.° De Schoenmaecker (Bel) a 54,14; 20.° Bazzo (Fra) a 55,45; 21.° Janssens (Bel) a 56,19; 22.° Martins (Port.) a 57,07; 23.° Le Lay (Fra) a 57.40, 24.° Raas (Hol) a 58 57, 25.° Den Hertog (Hol) a 1 01,46; 26.° Martens (Bel) a 1.02.29, 27.° Le Guilloux (Fra) a 1.03,30; 28.° Bourreau (Fra) a 1.06.33; 29.° Perret (Fra) a 1.06,39; 30.° Julien (Fra) a 1.06.55 e, depois, os oito últimos: 71.° Budet (Fra) a 2.19,19; 72.° Bertolo (Fra) a 2.26,50; 73.° Fussien (Fra) a 2.27,04; 74.° Bertin (Fra) a 2.36,16; 75.° Gisiger (Sui) a 2.49,16; 76.° Délépine (Fra) a 3.02,42; 77.° Coccoio (Fra) a 3.24,16; e 78.° Tesnière (Fra) a 3.52,54.

Classificação geral por pontos: 1.° Maertens, 242 pontos; 2.° Esclassan, 189; 3.° Hinault, 123; 4.° Raas, 109; 5.° Bruyère, 100; 6.° Thaler, 91; 7.° Bertin, 79; 8.° Bossis, 74; 9.° Zoetemelk, 71; 10.° Agostinho, 70; 11.° Wellens, 67, 12.° Kelly, 60; 13.° Seznec, 56; 14.° Lubberding, 56; e 15.° Martinez, 50.

Geral (final) da Montanha: 1.° Martinez, 187 pontos; 2.° Hinault, 176; 3.° Zoetemelk, 155; 4.° Seznec, 90; 5.° Agostinho, 73; 6.° Nilsson, 70; 7.° Wellens, 68; 8.° Bittinger, 63; 9.° Le Lay, 54; 10.° Van Impe, 53.

A classificação geral final por equipas: 1.° Mercier, 562.05.52; 2.° Raleigh, 562.23.18; 3.° C.A., 562.53.14; 4.° Flândria, 563.21.37; 5.° Gitane, 563.53.38; 6.° Peugeot, 566.31.28; 7.° Lejeune, 566.35.10; 9.° Jobo, 567.08.40; 10.° Fiat, 569.10.29.

Agostinho e José Martins: Portugal para além dos Pirinéus

«Agostinho e Martins no 'Tour': Portugal para além dos Pirenéus» foi o título com que encabeçámos, dias antes do começo da Volta à França em bicicleta, a participação dos dois ciclistas portugueses na maior prova do mundo por etapas. Apresentámos então as grandes vedetas prevendo um duelo empolgante entre Cinault e Pollentier. Por razões que são sobejamente do domínio público, e porque os comissários de prova (franceses) não quiseram, Pollentier foi afastado dessa luta, Maertens não correspondeu ao que se esperava, Zootemelk não teve pernas para o jovem bretão (tem mais oito anos) e, sensacionalmente, Joaquim Agostinho foi, depois de Hinault, a grande vedeta deste «Tour-78».

Foi a melhor classificação de sempre de Agostinho, que já em 71 (há sete anos) lograra um formidável 5.° lugar. O «jovem» de Brejenjas, hoje com 35 anos, demonstrou encontrar-se em grande forma num «Tour», como este, difícil e emocionante, que na desclassificação de Pollentier, seu camarada de equipa, na prematura desistência de Thévenet e na queda de Kuiper, teve, para nós, portugueses, depois da honrosa posição de Joaquim – que pela primeira vez subiu ao pódio final do «Tour», em Paris, ante milhares e milhares de emigrantes portugueses que aí trabalham –, as suas principais incidências.

Para confirmar que é em certa medida, e descontando, obviamente as proporções, o melhor português depois de Agostinho, também José Martins, a correr numa equipa espanhola (de que foi o segui do melhor elemento, depois de Menendez e antes de Lasa), obteve um meritório 22.° lugar, tendo estado na etapa de ontem em evidência ao atravessar o cume da subida de Mesnuls (4.ª categoria), a primeira dificuldade da etapa ligação, em primeiro lugar. Mais adiante, e numa ascensão de 3.ª categoria, voltou a somar mais dois pontos, com o 5.° posto avançado. Faltou-lhe, para lograr um lugar ainda mais compatível com a sua categoria, uma boa equipa, que, como se verificará da geral colectiva (8.° posto) não teve.

GP do Porto

Venceslau e Bombarralense: triunfos com a "Volta" á porta

Terminou em beleza, pode dizer-se, o «IV Grande Prémio da Associação de Ciclismo do Porto» que ao longo de quatro dias entusiasmou o público nortenho e, muito especialmente, aqueles que são adeptos da popular modalidade. Ontem, sobretudo, com a chegada da última etapa na Praça do General Humberto Delgado, foi uma verdadeira loucura, com o centro do Porto transformado em palco dum espectáculo velocipédico que atraiu muitas dezenas de milhares de pessoas. A festa que o ciclismo, e mais concretamente o triunfo de um homem do FC Porto, justificaram, é digna de figurar num lugar de destaque, pese embora todas as dificuldades com que os organizadores tiveram de arrostar para levar a bom termo uma tal iniciativa

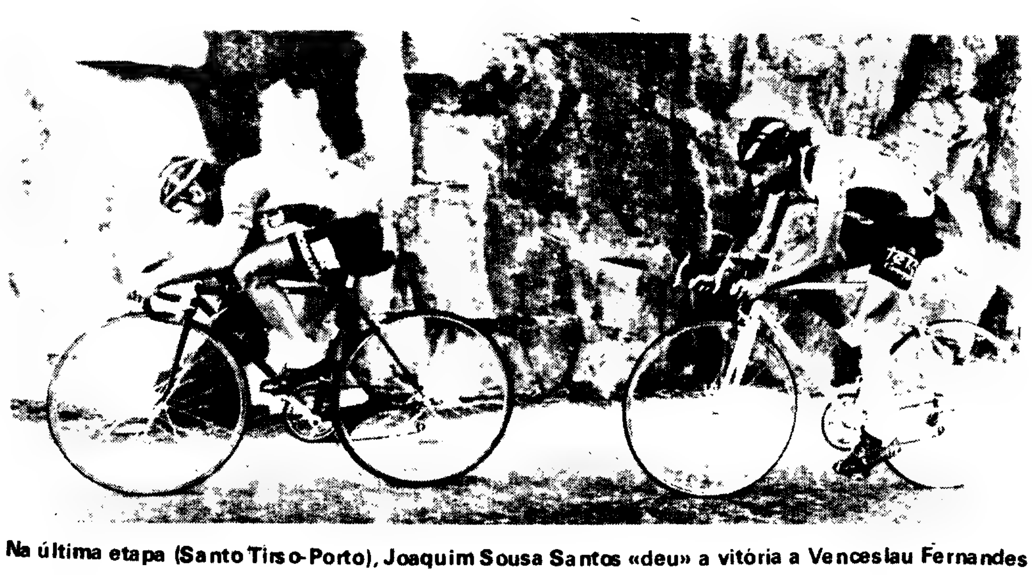
Reportagem dos nossos enviados especiais
MANUEL NETO (texto) e BRUNO NEVES (fotos)

Mas valeu a pena, e pela nossa parte, formulamos desde já votos para que o Grande Prémio do Porto se repita mais vezes e com chegada no mesmo sítio de ontem.

À partida para a derradeira etapa deste Grande Prémio Venceslau Fernandes (FC Porto) era segundo a escassos 43 segundos do guia da geral, o ciclista da Coelima- António Ferreira. Mas logo atrás apareciam os nomes de Joaquim Sousa Santos (46 s), Fernando Mendes (47 s), José Sousa Santos (51 s), Luís Teixeira (56 s) e Américo Silva (1-06). Quer isto dizer que qualquer destes homens estava em condições de chegar ao Porto em primeiro lugar. Mais cedo do que se supunha, um grupo de 11 ciclistas, onde não vinha o camisola amarela, destacou-se do pelotão e em Paços de Ferreira já o grupo da frente usufruia uma vantagem de 1 m 55 s com o decorrer da corrida os onze ciclistas foram ampliando a sua vantagem, sem que atrás se vislumbrasse qualquer movimento de resposta à ofensiva desencadeada pelos homens do FC Porto.

Mas, tomando o fio à meada, diremos ainda que na subida para o Alto de Valongo, a cerca de 7 quilómetros do Porto, Joaquim Sousa Santos (mal preparado e tudo) tentou a sua sorte na mira de conseguir alguma vantagem [illegible] suficiente para ultrapassar [illegible] e chegar ao primeiro lugar. Sempre atento, Venceslau logo seguiu na roda do seu adversário directo deixando que fosse ele a puxar ate a meta, e permitindo, em jeito de compensação, que fosse Sousa

(Continua na pag 16)



Na última etapa (Santo Tirso-Porto), Joaquim Sousa Santos «deu» a vitória a Venceslau Fernandes

PASSAGENS
AVIÃO · COMBOIO · BARCO · PULLMAN
Preços das companhias
— consulte-nos —
agência abreu
LISBOA — Av. da Liberdade, 160 • Telef. 371341

PASSAPORTES
Aviso Importante
Os passaportes tirados há cerca de 5 anos ou mais deverão ser-nos enviados para obtenção de novos
agência abreu
LISBOA Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341

Bombarralense (um saboroso triunfo): a surpresa no GP do Porto

Grande Prémio do Porto

Continuação da pág. 15

Santos a vencer a etapa. Estava assim encerrada a última prova do calendário, antes da volta, e que, para alguns, poderá significar melhoria de forma. Para outros poderá até resultar na diminuição de poderio físico para uma prova com a extensão e dureza de uma Volta a Portugal.

BOMBARRALENSE: A SURPRESA

Entretanto, ontem de manhã, realizou-se a penúltima etapa, entre S. Mamede de Infesta e Santo Tirso, na extensão de 63,300 km, que foi ganha pelo ciclista do Coimbrões Guilherme Rocha, à média de 41,774 km/hora. A etapa da manhã foi, como se previa, também muito movimentada, já que a equipa do FC Porto se mostrou particularmente empenhada em anular a vantagem do camisola amarela. Por via dos sucessivos ataques desferidos pelos «azuis e brancos» o pelotão ficou todo esfrangalhado, acabando por se fraccionar em grupos e grupinhos, num dos quais ficou o «amarelo». À chegada a Santo Tirso, também com muito público a emoldurar as ruas locais, o grupo da frente, levava cerca de 45 segundos de vantagem em relação ao guia. No entanto, nas 14 voltas que tiveram de percorrer num circuito improvisado de 2.200 metros, os ciclistas da frente ainda conseguiram elevar essa vantagem para 1 m 10 s fazendo assim perigar a situação do «amarelo».

Cá atrás, porém, verificou-se uma perfeita conjugação de esforços entre os homens do Coelima, Coimbrões e Sangalhos em prol de António Ferreira, que, graças ao esforço alheio, acabou por manter a «camisola» por mais uma etapa. Bombarralense e FC Porto apresentaram dois protestos por escrito a propósito de eventuais ajudas que outrso corredores prestaram ao camisola amarela. O júri não atendeu a reclamação, «por falta de fundamento».

Classificações

Etapas de sábado: Viana do Castelo-Maia (64 km) – 1.° Guilherme Rocha (Coimbrões, 1.33.16; 2.° João Marta (Bombarralense), m.t.; 3.° Fernando Mendes (Porto), m.t.; 4.° Raul Terêncio (Bombarralense), m.t.; 5.° Francisco Miranda (Bombarral.), m.t.; 41.° Manuel Gomes (Porto), 1.34.57; 4.° António Castro (Grijó), 1.55.35. **Grijó-Grijó (55 km) – 1.° Fernando Mendes (Porto), 1.28.08; 2.° Luís Teixeira (Coelima), m.t.; 3.° Joaquim Sousa Santos (Bomb.), m.t..**

Tiradas de ontem: S. Mamede de Infesta-S. Tirso (63.300 km) – 1.° Guilherme Rocha (Coimbrões) 1.30.55; 2.° Luís Teixeira (Coelima), m.t.; 3.° Francisco Miranda (Bombar.), m.t.; 4.° Venceslau Fernandes (Porto), m.t.; 5.° Raul Carvalho (Coimbrões), m.t.; 6.° Joaquim Sousa Santos (Bomb.), m.t.; 7.° Manuel Carvalho (Coimbrões), m.t.; 8.° João Manta (Bombarralense), m.t.; 9.° Fernando Mendes (Porto), m.t.; 10.° Américo Silva (Braga), m.t.; 36.° José Alves (S. Jorge), 1.39.09. E Santo Tirso-Porto (82,600 km) – 1.°Joaquim Sousa Santos (Bomb.), 2.15.42; 2.° Venceslau Fernandes (Porto), m.t.; 3.° Manuel Carvalho (Coimbrões), 2.17.24; 4.° Luís Teixeira (Coelima), 2.17.35; 5.° Belmiro Silva (Coimbrões), m.t.; 6.° Fernando Mendes (Porto), m.t.; 7.° Francisco Miranda (Bombar.), m.t.;

Classificaçoes finais: **Geral:** 1.° Venceslau Fernandes (Porto), 13,17.39; 2.° Joaquim Sousa Santos (Bomb.), 13.17.42; 3.° Fernando Mendes (Porto), 13.19.29; 4.° José Sousa Santos (Bombar.), 13.19.34; 5.° Luís Teixeira (Coelima), 13.21.31; 6.° Francisco Miranda (Bombar.), 13.21.31; 7.° Blemiro Silva (Coimbrões), 13.22.04; 8.° António Faia (S. Jorge), 13.22.47; 9.° António Ferreira (Coelima) 13.24.04; 10.° Américo Silva (Braga), 13.25.30; 31.° Fausto Pinheirinho (Grijó), 14.14.51. **Por equipas:** 1.° Bombarralense-Uniroyal, 39.58.46; 2.° F. C. Porto-Sandeman, 40.01.12; 3.° Coimbrões-Arbo, 40.07.55; 4.° Coelima, 40.11.34; 6.° S. Jorge-Daviga, 40.58.18; 7.°Sangalhos-Orbita, 41.12.14. **Por pontos:** 1.° Luís Teixeira (Coelima), 78 pontos; 2.° Fernando Mendes (Porto), 48 pontos; 3.° Joaquim Sousa Santos (Bombarral.) , 38 pontos. **Montanha:** 1.° Raul Carvalho (Coimbrões), 18 pontos; 2.° Luís Texeira (Coelima), 7 pontos e 3.° Joaquim Sousa Santos (bombarral.), 5.

FÉRIAS 1978

COSTA VERDE

****

ESTADIAS DE 1 SEMANA

Desde 1.925 escudos, por pessoa, são as condições especiais que o

HOTEL DO PARQUE
VIANA DO CASTELO

oferece para as suas férias deste ano.

Peça-nos programa detalhado e faça a sua reserva através dos telefones 24151/5 ou no seu agente de viagens.

Karpov-Korchnoi: terceiro empate

Anatoly Karpov e Victor Korchnoi empataram a terceira partida do «match» para o título mundial de xadrez, disputada anteontem em Baguio, nas Filipinas.

Korchnoi, de 47 anos, que tinha ligeira vantagem, ofereceu o empate ao campeão do Mundo após o 30.° lance, com quatro horas e quarenta minutos de jogo.

Foi o terceiro empate consecutivo noutras tantas partidas deste «match», para o qual só contam as vitórias, sendo campeão aquele que conseguir os seis primeiros triunfos.

VOLTA À FRANÇA EM BICICLETA

Agostinho: o pódio em Paris no seu melhor lugar de sempre

Agostinho, desde há sete meses ao serviço da equipa da Flândria, conquistou ontem a sua melhor classificação de sempre na volta à França em Bicicleta, e subiu ao pódio em Paris. Até agora, a melhor classificação tinha-a obtido em 1971, no seu terceiro «tour», com um 5.° lugar. Ontem, foi melhor.

Agostinho iniciou a sua carreira de ciclista quando já tinha 25 anos, sendo para muitos um enigma o facto de, dez anos mais tarde, efectuar o seu melhor «tour», a grande clássica da velocipedia mundial, a maior prova do mundo por etapas.

Foi uma outra «vedeta» do ciclismo português (João Roque) quem levou Agostinho para o Sporting. Em 1968, como amador, conquistou o título máximo da categoria, passando logo ao quadro de profissionais dos «leões», que defendeu sempre quando correu em Portugal. Como profissional, Agostinho estreou-se da melhor maneira, obtendo o título de campeão nacional de estrada, êxito que repetiu nos seis anos seguintes. Portanto, sete títulos nacionais, todos consecutivos: uma proeza difícil de igualar. Incomparável é, ainda, a supremacia patenteada pelo ciclista «leonino» ante os seus pares nacionais: em seis Voltas a Portugal em que participou (de 1968 a 1973) o corredor de Brejenjas venceu as quatro últimas, embora tenha sido desclassificado em 1971 e 1973 por ter sido positivo o resultado de análises anti-doping, questão que, aliás, o tem «perseguido».

Em 1968, na sua estreia na Volta, alcançou um espectacular segundo lugar, para no ano seguinte se contentar com um «normal» sétimo posto.

No plano internacional assumem particular evidência as suas participações no «Tour» e ainda o segundo lugar na Volta à Espanha, em 1974, a apenas 11 segundos do vencedor, o espanhol José Manuel Fuente.

Na Volta à França, e contando já com a edição deste ano, Agostinho, em nove presenças, ficou seis vezes entre os dez primeiros. Terceiro este ano, quinto em 1971, sexto em 1974, e oitavo em 1969, 1972 e 1973, Agostinho alcançaria ainda um 14.° um 15.° e um 13.° lugares, em 1970, 1975 e 1977, respectivamente.

A par de várias vitórias em critérios, Agostinho conquistou o Troféu Baracchi em 1969, fazendo equipa com o belga Van Springel, classificou-se em terceiro lugar nas subidas de Clermont-Ferrand (1970) e de Lausanne (1971), e em quarto na subida de Montjuich (1971).

O ano passado, o ciclista português, como atrás assinalámos, terminou o «Tour» em 13.° lugar, obteve dois quartos lugares na Semana Catalã e no «Dauphine-Libére» e um sexto na Volta ao Levante. Já este ano, e antes do «Tour», Agostinho teve mais uma das suas graves quedas durante a prova Paris-Nice, e como consequência uma fractura interna do crâneo. O corredor português tem sido aliás perseguido por azares deste tipo, recordando-se o acidente que sofreu no seu primeiro «Tour» e, sobretudo a queda que deu na Volta à Espanha de 1972, que provocou também fractura no crânio. O ciclista esteve então quatro dias em estado de coma.

A classificação de Agostinho na Volta à França deste ano levou os responsáveis pela Flândria a oferecerem-lhe novo contrato, que aquele assinou.

Durante a sua carreira o ciclista português começou por envergar a camisola do Sporting, seguindo-se as da equipa de Gribaldy, a da BIC, a do Sporting-Sotto Mayor, uma espanhola, e agora a da Flândria. Com o final, em 1974, do ciclismo profissional em Portugal, Agostinho raramente foi visto, depois disso, a correr nas estradas portuguesas. A sua última participação numa prova disputada em Portugal ocorreu em 1976, no Critério de Viseu, onde alcançou o terceiro posto.

Joaquim Agostinho (acompanhado pelo outro «sobrevivente» profissional português, José Martins) continuará a fazer pronunciar o nome de Portugal, durante mais um ano, nos meios velocipédicos internacionais. Foram, neste «Tour», o 3.° e o 22.° na «Geral», repectivamente. E ante o vigor e a frescura manifestados, aos 35 anos, pelo «jovem» de Brejenjas, ninguém poderá dizer, a não ser ele, quando se verificará a retirada

Benfica (2)-FC Porto (8): nunca os «encarnados» se viram na Luz tão pequenos

HÓQUEI EM PATINS DA I DIVISÃO

A dança da liderança

O FC do Porto, que sábado ganhara, sensacionalmente, na Luz, ao Benfica por 8-2 (equipas: Benfica – Ramalhete, Casimiro, Garrancho, Piruças, Vigílio, Quim e Dantas; FC Porto – Beleza, Reis, Vale, Cristiano, Chalupa e Júlio. Golos de Garrancho e Dantas, pelo Benfica; e quatro de Cristiano, três de Chalupa e um de Vale pelos portistas), perdeu ontem em Oeiras (5-4), entregando «de mão beijada» a liderança do «Nacional» da I Divisão – que por direito próprio ocupava – ao discreto, mas eficiente Sporting. Foi este «Nacional» da I Divisão do nosso hóquei patinado, em dois dias, uma espécie de dança da liderança ou sarabanda «cimeira».

Os portistas perderam bem, não evoluindo pior, no recinto do Oeiras, num espectáculo que não defraudou o público. Justa a vitória destes «europeus-taceiros» do Oeiras, que com a vitória (5-4) se colocaram bem fixamente no quarto lugar, apenas a um ponto do Benfica, dois do FC do Porto e três do Sporting. E será, tudo leva a crer, deste quarteto, que sairá o vencedor do «Nacional». O Oeiras formou: José Manuel; José Rosado(3), Vítor Rosado, Carvalho, Salema (1) e José Pereira; FC Porto: Beleza; David Reis (1) Vale (2), Cristiano, Chalupa, Júlio e Azevedo. Aspecto a reter: os tradicionais marcadores de ambas as equipas (Carvalho, Cristiano e Chalupa) não funcionaram.

Enquanto, e ainda na jornada de ontem (desfechos de sábado: Infante de Sagres, 2 - Sporting, 2; Benfica, 2 - FC do Porto, 8; Oeiras, 14 - Carvalhos , 5; e Valongo, 3 - Paredes, 2) o Sporting (discreto) foi ganhar a Valongo (2-1) e ascendia ao comando do «Nacional», ao mesmo tempo que o Benfica «esmagava» (com seis golos de Virgílio, um de Piruças e outro de Dantas) o Carvalhos (último Classificado) por 8-1, e o Infante de Sagres perdia, singularmente, com o Parede (2-4), no Porto.

O encontro de Valongo foi dirigido por Silva Nunes, de Lisboa, e as equipas formaram e marcaram: Sporting– Albino; Fernando Pereira, Sobrinho, Picas (1), Carlos Alberto e Jorge (1); Valongo : Queirós; Lino, Aguiar, Pires, Américo, Camões e Alves(1).

Classificaão actual: 1.° Sporting, com 26 pontos; 2.° FC Porto, 25; 3.° Benfica, 24; 4.°, Oeiras, 23; 5.° Valongo, 18; 6.°, Parede, 16; 7.° Infante de Sagres, 16; 8.°, Carvalhos, 12.

III Jogos Africanos

Egipto abandona, Líbia é expulsa

O Egipto abandonou os Terceiros Jogos Africanos após uma rixa com a equipa de futebol da Líbia.

A polícia argelina levou 10 minutos a por termo à luta entre jogadores egipcíos e líbios, treinadores e funcionários, sábado à noite, depois de os egípcios terem derrotado os líbios (1-0), passando às meias-finais do Torneio de Futebol.

O primeiro-ministro egípcio, Mamdouh Salem, ordenou o regresso dos 240 membros da comitiva egípcia, acusando que o país anfitrião (a Argélia) não protegeu adequadamente os futebolistas egípcios.

O contingente egípcio permaneceu ontem na Aldeia dos Jogos, e o Comité Organizador anunciou num lacónico comunicado de quatro linhas que o Egipto abandonara a prova.

Entretanto, a Confederaçao Africana de Futebol decidiu excluir do torneio a Líbia. A C.A.F. tomou esta decisão porque os líbios «estiveram na origem dos incidentes contra o Egipto», e também devido ao «seu mau comportamento durante todo o Torneio».

AGENDA

VOLTA À ILHA DE S. MIGUEL

Para a Volta à Ilha de S. Miguel, de 4 a 6 de Agosto, inscreveram-se já cinco equipas de automobilistas da Terceira: José Pedro-Gilberto Costa, «Toyota Célica ST», José Matos-Rui Costa, «BMW 2002», José Silva-Jorge Valadão, «Opel 1904 SR», João Gabriel-Alberto Jorge, «Volkswagen 1.300» e Carlos Costa-N.N., «Datsun 1200». As inscrições encontram-se abertas até ao dia 24, contando-se tanto com automobilistas açorianos como outros nacionais e alguns estrangeiros.

São jovens como estes que hoje, amanhã e quarta-feira estarão em acção em Gouveia e Vila Nova de Tazém

TORNEIO AMIZADE-78

Dezenas de jovens na Guarda

A Fase Nacional do Futebol Infantil começa a disputar-se, a partir de hoje e até quarta-feira, no distrito da Guarda, mais propriamente nos campos Municipal de Gouveia e do Clube de Futebol «Os Vilanovenses», este ano promovido à III Divisão Nacional, em Vila Nova de Tazém, a doze quilómetros do primeiro. Participam no certame equipas de Bragança, Angra do Heroísmo, Aveiro, Santarém, Portalegre Porto, Funchal, Braga, Ponta Delgada, Coimbra, Leiria, Viana do Castelo, Viseu, Horta, Lisboa, Setúbal, Castelo Branco, Évora, Guarda, Beja e Vila Real.

O Torneio Amizade-78, como se denomina esta prova agora na sua fase final, é da prática, dentro do programa da DGD e no âmbito do seu Plano de Desenvolvimento, de jovens entre os 11 e os 18 anos, de todos os distritos do País (Ilhas incluídas), sendo este ano ponto alto das actividades previstas para 78.

As equipas presentes na Guarda (Gouveia e Vila Nova de Tázem) representam os respectivos distritos, sem que isso implique um carácter competitivo. Em complemento, e a par das actividades próprias da disputa do Torneio Nacional de Futebol Infantil, o respectivo departamento da DGD, em directa colaboração com a sua delegação daquele distrito, a Câmara Municipal de Gouveia , o FAOJ e a Comissão do Parque Nacional da Serra da Estrela levam a cabo a organização de iniciativas culturais e recreativas.

AUTOMOBILISMO

Rampa da Falperra: ganhou António Barros

O veterano António Barros, em «Opel Comodore GS/E» foi o vencedor absoluto da 6.ª Rampa Internacional da Falperra. O piloto cobriu a distância do percurso (cinco mil metros) em 2.34,76s.

De registar os despistes dos concorrentes Cunha Guimarães e José Peixoto, que sábado passado conseguiu o melhor tempo nos treinos oficiais, ambos na curva do «Zé do Telhado». A viatura de José Peixoto capotou, atravessou a pista e caiu numa ribanceira, sem que se tenham registado quaisquer ferimentos no condutor bracarense.

Álvaro Parente foi desclassificado por não ter concluido a prova no tempo máximo previsto (12 minutos), isto porque, na «curva da morte» faltou a gasolina no «Capri» que conduzia.

No final da prova dos Mini-1000, o concorrente António Luís Lopes protestou contra o carro conduzido por José Filipe Nogueira. Também Ruão e Lopes Correia protestaram, respectivamente, contra os carros conduzidos por Joaquim Santos e Álvaro Parente. Os carros foram selados e serão revistos no Porto.

Troféu «MINI 1000» (classificação oficiosa): 1.º Álvaro Parente, 3.16,72; 2.º Joaquim Santos, 3.20,79; 3.º Rui Lages, 3.20,84.

Campeonato de Velocidade e Troféu de Rampas, Agrupamento A, Grupo 1: 1.º António Barros, Opel Comodore GS/E, 2.34,75; 2.º Rufino Fontes, Opel Comodore GS/E, 2.36,52; e 3.º Costa e Sousa, Triumph-Dolomite, 2.38,69.

Agrupamento B, Grupos 2,3, 4, 5 e 6: 1.º Hélder Valente, Datsun 240 Z, 2.37,60; 2.º Celestino Pereira, De Tomaso Pantera, 2.38,70; 3.º Aurélio Veiga, Austin Cooper S, 2.42,87.

Fórmula Livre: 1.º Joaquim Martins, Aurora V, 3.13,84.

Classificação geral absoluta: 1.º António Barros; 2.º Rufino Fontes; 3.º Hélder Valente; 4.º Costa e Sousa; e 5.º Celestino Pereira.

FUTEBOL POR CÁ

Wilson supervisor da selecção nacional

A federação Portuguesa de Futebol nomeou para o cargo de supervisor das selecções nacionais o treinador Mário Wilson, confirmando assim a notícia dada pelo «DL».

A FPF – que tomou esta decisão na sua última reunião –, vai estabelecer contactos com o treinador, tendo em vista a composição da comissão técnica das selecções. Mário Wilson treina, presentemente, o Vitória de Guimarães, equipa com aspirações a conquistar esta temporada um lugar que lhe dê o direito de participar nas competições europeias.

Wilson, que tem 48 anos, é reconhecido nacionalmente como um técnico competente, sendo uma das suas características mais apontadas a tranquilidade. À frente do Benfica conquistou já um título de Campeão Nacional de Futebol. Treinou também a Académica de Coimbra, o Belenenses, o Boavista, e o Guimarães, que orienta este ano, pela segunda época consecutiva. O ano passado conduziu a equipa ao sexto lugar do campeonato nacional.

IMBELLONI: ADEUS AO BRAGA

O ex-treinador do Sporting de Braga, Mário Imbelloni, despediu-se dos atletas que orientou na época passada, numa cerimónia simples, realizada no Estádio 1.º de Maio. Tal facto leva a confirmar a saída do argentino do clube minhoto e o ingresso (ainda não assinou contrato com vista à próxima época) de Fernando Caiado, que aliás já treinou os bracarenses. Entretanto, foram já feitas as inspecções médicas aos jogadores e, tendo em vista a preparação da equipa para a próxima época, os arsenalistas ficarão instalados a partir de hoje, no Bom Jesus do Monte, onde iniciarão os exercícios preliminares de desintoxicação.

– DUAS DISTINÇÕES

O comité executivo da União Europeia de Futebol (UEFA) reconduziu o coronel Carrilho do Rosário como membro da Comissão Organizadora do Campeonato da Europa – anunciou a Federaçõ Portuguesa de Futebol. Por outro lado, o secretário-geral da FPF, César Grácio, foi nomeado pela UEFA membro da comissão para as Competições de Futebol Não Profissional.

ESPINHO: TORNEIO

Está definitivamente assente que a efectivação do já tradicional Torneio de Verão que serve para a apresentação da equipa dos «tigres» decorra em 20 e 21 de Agosto no esquema da antiga «Taça Latina», Participam nele, além dos espinhenses, o Beira-Mar e o Académico de Viseu, agora promovidos à I Divisão, bem como o Feirense, equipa que com o Espinho baixou de divisão. Isto é: dois que subiram, dois que desceram – assim irá o Torneio de Futebol de Verão de Espinho. Mais uma curiosidade: o técnico da equipa viseense é agora Mário Morais, que antes orientava o Espinho.

PERES BANDEIRA VAI PARA A LUZ

Peres Bandeira é desde há dias treinador adjunto do Benfica, ocupando o lugar de Rui Silva. A mudança deu-se no maior segredo e é contada na edição de hoje de «A Bola» por Rebelo Carvalheira. Peres Bandeira assinou pelo Benfica à segunda tentativa: eis a verdade. Recorda-se que PB vem trabalhando junto da Comissão Técnica da FPF.

ALARGAMENTO: UMA PROPOSTA

Vamos ter alargamento dos «nacionais»? O pedido nesse snetido aí está, apresentado, em projecto, pela Associação de Futebol do Funchal à FPF. A partir de agora terá de seguir os seus trâmites normais antes de ser apresentado ao Congresso extraordinário a realizar em breve. O documento, apoiado pelas Associações do Porto, Aveiro e Vila Real preconiza 18 ou 20 clubes para a I Divisão, mais uma Zona para a II (com 18 ou 20 clubes) e 18 ou 20 equipas em cada uma das seis séries da III Divisão. isto: um alargamento sem aumento de séries, para um total de 108 ou 120 participantes.

MODALIDADES EM DESFILE

ATLETISMO

FC do Porto e CAP (nanja a «equipa» dos conhecidos agricultores reaccionários), na Zona Norte, e Santa Clara e Sanjoanense, no Centro, estão apurados para a final do Campeonato Nacional de Atletismo da II Divisão, a disputar em 29 e 30 do corrente, em Lisboa (Jamor). Foram aquelas quatro equipas que se impuseram nas meias-finais ontem e sábado efectuadas no Estádio Universitário de Coimbra e no Estádio das Antas. Homens e mulheres particularmente em foco no Porto: Guilherme Alves, do CAP, e Manuel Paiva, do mesmo clube (este nos 5000 e 10.000 metros), José Sena (FC Porto), nos 1500, e Isolina Pinho (800 e 1500 metros), Amélia Mota (Foz), no peso, e Maria Manuela Ferreira, do mesmo clube, no dardo. Em Coimbra: bom comportamento de José Frias nos 10 mil metros, Armando Macarrão (do Santa Clara) nos 400 e 800 metros, António Girão (do mesmo clube) na altura e na vara, e de Conceição Moura e Regina Babo, também do SC, nos 200 e 400 metros, e 800 e 1500 (femininos).

Entretanto, em Lisboa, Vítor Mano estabeleceu um novo máximo nas 100 jardas numa prova-extra promovida no Jamor pela AAL. Nora Araújo e Vera Lisa, em mulheres, estiveram também em foco, do mesmo modo que Cacholas, Vermelhudo, nos 500 metros e no comprimento, Henrique Silva (ainda do Benfica), no peso e no disco, e os iniciados Rui Benavente (Povoense), nos 300 metros, Amílcar Paulino, do Sporting, nos 80 metros-barreiras, e a menina do «Ases», Cristina Mendonça, que venceu os 300 metros.

ANDEBOL

O Sporting de Espinho é Campeão Nacional da II Divisão de Andebol, ao vencer, na final disputada em Portalegre, o Atlético da Sismaria por 23-20. Confirmou-se assim o favoritismo desde logo atribuído aos espinhenses, que ao intervalo já ganhavam por 16-8.

VELA

A tripulação soviética formada por Michael Kordjavtsev e por E. Terekhin conquistou o título de campeã da Europa de Vela da Classe 470, cujo Campeonato decorreu na Baía de Cascais. Kordjavtsev e Terekhin terminaram o Campeonato na segunda posição, com 49,7 pontos, mas conquistaram o título uma vez que os primeiros classificados, os neo-zelandeses Jones e Knowles (com 16 pontos), alinharam extracompetição. Nos lugares imediatos classificaram-se S. Brokman-E. Fridlender, de Israel, com 54,7 pontos, e L. Wrobel-T. Stocki, da Polónia, com 61 pontos. A tripulação portuguesa mais bem classificada foi a formada por Hélder Guimarães e por José Penaforte, que concluíram o Campeonato no trigésimo terceiro lugar, com um total de 187 pontos.

TÉNIS DE MESA

Portugal encontra-se em 3.º lugar no seu grupo (entre o 17.º e o 24.º no total) nos Campeonatos da Europa de Jovens, na categoria de juniores (masculinos e femininos), que decorrem em Barcelona (Palácio do Gelo). Estamos em 3.º lugar nas duas classes depois de termos perdido, em masculinos, com a Áustria e a Hungria, de ambas as vezes por 5.0, e haviamos ganho às ilhas Guernsey (5-0) Em mulheres perdemos com a Checoslováquia e a Polónia (3-0), e ganhámos pelo mesmo resultado às ilhas. Hoje, em homens, defrontamos o Luxemburgo, e, em mulheres, a Noruega. Amanhã, em ambos, o País de Gales.

TÉNIS

Leonor Peralta conquistou o título regional do Sul de primeiras categorias ao derrotar na final dos Campeonatos, Juta Bárbara por 2-0 (6-1 e 6-1). Esta foi, todavia, a grande surpresa, pois antes de ser batida por Leonor Peralta «arrumou» sucessivamente Paula Abreu, Conceição Posser e Degmar Gerardt...

AUTO-CROSS

Almeida Marques dominou o 1.º auto-cross internacional esta época disputado em Portugal, e mais propriamente em Mirandela. Almeida Marques impôs-se como quis ao longo da prova, apenas incomodado (de longe) por Vítor Minas.

Liliana: uma »estrelinha» nos Olivais

NATAÇÃO: DOS OLIVAIS A GÉNOVA

Liliana e José Moreira vedetas este fim-de-semana

Enquanto, na piscina dos Olivais, e nos «Regionais» de Verão, Liliana Santos era a «grande dama» dos campeonatos, pulverizando os máximos nacionais absolutos nos 200 metros -estilos (2.35,60) e 100 metros - bruços (1.23,30), quedando-se a um segundo do recorde nacional nos 400 metros (prova que também venceu), e estabelecendo, por último, um novo máximo português nos 200 metros livres, na categoria de juniores, em Génova, no «Memorial Modena», José Carlos Moreira, um infantil que muito promete, arrancava uma medalha de ouro para Portugal, no respectivo torneio, ganhando superiormente os 100 metros - costas no tempo de 1.10,92, novo recorde nacional da categoria (infantis) e de todos os «meetings» de Génova (10). Além desse feito, haverá que realçar ainda que os nadadores portugueses (meninos e meninas) conquistaram mais dez medalhas, três de prata e sete de bronze, alcançando, no total, onze recordes.

Celso: estado de coma de duas a quatro semanas

O futebolista Celso, vítima de atropelamento há quatro dias, poderá continuar em coma por um período de duas a quatro semanas –, afirmou o dr. Magro Jacinto, chefe da equipa clínica que assiste o jogador.

«De momento, continua em perigo de vida, e só quando sair do estado de coma se poderá falar em perspectivas animadoras. Quanto mais depressa isso suceder, melhor» – referiu Magro Jacinto.

Celso encontra-se na sala de reanimação do pavilhão dos traumatizados crânio-encefálicos do Hospital de São José, onde deu entrada na madrugada de quinta-feira, horas depois do acidente de que foi vítima, em Corroios.

O jogador tem apresentado «temperaturas normais» e continua a reagir bem à medicamentação, apresentando mobilização de todos os membros.

De acordo com o dr. Mag Jacinto, a medicamentação te por objectivo a redução edema cerebral pós-traumátic fundamental para a evolução bom sentido do estado clínico futebolista. Aquele médico co firmou ainda que a perda massa encefálica no lobo, on se situa a área visual do en falo, poderá implicar a perda parte do campo visual. S nhou, todavia, que «só dep sair do estado de coma s rão saber, em definitivo sequências reais do ac

FÉRIAS MADEI
1 SEMANA
Partidas às 2.as, 5.as e Do
Preços excepcionais desde 3.70
INCLUINDO:
• Viagem em avião a jacto
• Estadia no Hotel
• Transportes em terra
• Visita turística
• Assistência de delegado
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
Fundada em 1840
UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO
LISBOA
COIMBRA
FARO
FUNCHAL
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAG

"Tempo Livre" revista da juventude

«Tempo Livre», é um projecto em movimento, como qualquer publicação que se deseje viva e capaz de estabelecer um diálogo com o leitor» – lê-se na nota de redacção da revista de juventude «Tempo Livre» cujo n.º 4 acaba de ser posto à venda. Cada exemplar desta revista da FAOJ custa dez escudos.

Com secções a cargo de técnicos-responsáveis-teatro, cinema, fotografia – «Tempo Livre» conta ainda com a colaboração de nomes como José Magalhães Godinho, que neste número escreve o artigo sobre «O Movimento Estudantil de 1928» e Sofia de Mello Breyner com o seu poema «A Estrela».

Português em Itália encena Lorca

Um jovem bolseiro da Fundação Gulbenkian conquistou a crítica italiana ao encenar «A Casa de Bernarda Alba» de Garcia Lorca, utilizando alunas do primeiro ano da Academia Nacional de Arte Dramática Sílvio D'Amico.

Mário Feliciano, o jovem encenador português que estudou arquitectura em Lisboa e frequentou o curso superior de Teatro do Conservatório de Lisboa, foi o único dos encenadores a prestarem provas este ano que viu o seu nome impresso nas colunas de espectáculos com referências muito elogiosas. «Feliciano oferece-nos uma leitura exemplar e rodeia o drama do seu complemento», lê-se numa das críticas que assinalaram a estreia do espectáculo em Roma e que ajudaram a dar foros de grande acontecimento cultural a esta prova de exame de um português a aprender a encenar em Itália.

Mário Feliciano concluiu o seu curso de encenação com a classificação de 9 valores duma escala de 10 e vai, no próximo ano, estagiar junto do grande encenador Luca Ronconi, cujo estilo o terá já influenciado, como alguns dos críticos referiram ao analisar este seu trabalho agora apresentado ao público culto de Roma.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO AS 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava limpo com excepção da faixa costeira ocidental a norte do cabo da Roca onde havia neblina e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

VIANA DO CASTELO	15°
BRAGANÇA	25°
VILA REAL	20
PORTO	15°
PENHAS DOURADAS	–
COIMBRA	18°
PORTALEGRE	25°
LISBOA	21°
ÉVORA	21°
SINES	18°
BEJA	23°
SAGRES	24°
FARO	25°
PONTA DELGADA	19°
FUNCHAL	23°

TEMPERATURAS EXTREMAS

MÁXIMA	
Beja	40°
MÍNIMA	
Braga	10,5°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
6.07	4,0 m	11.42	1,0 m
18.25	4,2 m		
Dia 25			
6.54	3,8 m	0.15	1,0 m
19.14	3,9 m	12.32	1,3 m
Dia 26			
7.45	3,6 m	1.06	1,3 m
20.08	3,6 m	13.28	1,5 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo; vento fraco; neblina ou nevoeiro matinal na faixa costeira ocidental a norte do vale do Tejo.

AMANHÃ

NASCER AS 6.31
OCASO AS 20.55

DIA 26 DIA 4 DIA 11 DIA 18

ROTEIRO CULTURAL

Erik Satie é um nome da música francesa que muita gente conhece de ouvir falar, ligado a Jean Cocteau, a Picasso, a Max Jacoby, a René Clair, enfim, à agitação criadora da primeira vintena deste século, com os seus cubismos, dadaismos e surrealismos.

Mas é, para além do mais, o caso mais cabado, senão único de **nonsense** em música. Se quer saber como resulta, não perca o recital de hoje à noite (21.30) no Teatro S. Luiz: nele, o pianista Aldo Ciccolini interpretará a Primeira **Gimnopédie** (uma obra de 1887, que antecipa alguns aspectos do impressionismo debussysta), o **Esboço e negaças de um bonacheirão de pau** (onde se troça do romantismo e se chama à Marcha Fúnebre de Chopin «célebre mazurca de Schubert...») e ainda uma curiosa obra sobre a «fauna marinha», intitulada **Embriões ressequidos** (nova diatribe anti-romântica, a propósito de uns seres que só existem na imaginação do compositor). Mas há mais no programa: há, por exemplo, a espantosa síntese da tradição romântica que é o **Prelúdio, Coral e Fuga** de César Franck (uma das mais admiráveis peças da literatura pianística), a linear **Sonatina** de Ravel e, como «prova virtuosística» final, a **Sonata n.º 2** de Rachmaninoff, escrita em Moscovo em 1913 (quando o seu autor andava embrenhado no Edgar Allan Poe, por causa da cantata «Os Sinos»). Assim se inaugurará brilhantemente o **IV Festival de Música da Costa do Estoril** (Teatro S. Luiz, 21.30 h).

Mas se estiver no Algarve a música continua ao seu alcance, ainda que a propósito de bailado. O Grupo Gulbenkian apresenta-se hoje em Portimão e amanhã em Vila Moura, no âmbito do «Verão musical do Algarve/78».

Passando para o campo das artes plásticas, não perca, também em Portimão (Galeria), a exposição de pintura de Henrique Ruivo. Entretanto,, em Faro, só até amanhã, terá oportunidade de visitar a exposição dos pintores andaluzes Juan Fernandez e J. M. Nunez, no Hotel Eva.

É caso para vir do Algarve, de propósito, a Lisboa, se ainda não viu a exposição de mais de 150 quadros do pintor Júlio Pomar, na Fundação Gulbenkian. Ainda tem algumas semanas à sua frente, mas não se distraia. Disse o artista, em entrevista recentemente publicada: «Penso que a minha pintura tem uma característica comum, embora, naturalmente, com formas diferentes, que é uma atitude, um desejo, de fazer rebentar barreiras. Os quadros comportam uma tensão extrema, como se quisessem fazer estalar os seus próprios bordos. Esta tensão, este grito, toma por vezes a forma de coisa que deflagra.»

E, noutro passo, a respeito da situação em Portugal: «Nós vivemos uma coisa que foi o salazarismo, a que sucedeu, aparentemente sem sobressalto, uma outra que era o marcelismo. Ora, acho que caminhamos para qualquer coisa que continuará o que estava incipiente no marcelismo. Dá a impressão de ter estoirado uma peça de ferro fundido e que os bocadinhos vêm quase miraculosamente assentar uns sobre os outros...»

Mais uma citação, concluindo: «... não posso inventar um passado que não possuo, tenho pena mas sou um bicho de cidade. Gostaria muito de sentir raízes camponesas, ouço falar nisso com tanto contentamento que, penso, deve ser muito bom...»

Em matéria de artes plásticas, porém, tem mais por onde escolher: «Cerâmica das Caldas» e «Tapeçarias antigas da Bélgica» no Museu Nacional de Arte Antiga (aproveite e visite outra vez o Museu: reveja, por exemplo, o célebre tríptico do Jeronimus Boch que durante uns tempos esteve retirado; se nunca lá foi, é imperdoável...); «Arte Infantil da Polónia», no Palácio Foz (só até quarta-feira); «Pintura de Manuel Baptista» na Galeria 111; «Serigrafia Portuguesa e Brasileira» na Kompass; colectiva sobre «Lisboa» na Interior; «Guaches de Agusto Barros» na Tempo; pintura de Regina Alexandre Pires e Sérgio Pombo na SNBA; «Tapeçarias de Portalegre» de Almada, Vieira da Silva e Cruzeiro Seixas, na Loja 6 (Rodrigo da Fonseca, 51); e há ainda exposições colectivas que merecem ser vistas nas galerias S. Mamede e Quadrum.

Abriu também em Sesimbra uma exposição de pintura de F. Gaia, que ficará patente ao público até ao fim deste mês.

Exposições não faltam, pelos vistos. Aqui ficam registadas mais duas: uma Exposição de Livros sobre Pecuária e Agricultura, na Estação Zootécnica Nacional (especialmente organizada pelo British Council, e aberta só esta semana, compreende cerca de 250 livros recentemente publicados em Inglaterra e 35 revistas da especialidade, agrupados em obras de carácter geral, produção animal, produção vegetal, protecção das culturas, doenças e pragas, mecanização, etc.); uma Exposição de brinquedos antigos e soldados de chumbo, no Centro de Coleccionadores (Rua das Furnas, 30, Lisboa)

rádio

1.º Programa

18.00: Os 50 anos da censura em Portugal; **18.35**. Ao vivo com o Festival de Woodstock (2.ª parte); **19.00**: Falar de História; **19.20**: Música portuguesa; **20.00**: Jornal da noite; **20.30**: Música variada; **21.00**: 17.º episódio do folhetim «A Roça», de Fernando Reis, numa adaptação de Judite Navarro; **21.20**: Contraponto; **24.00**: Último jornal; **00.20**: Cançonetas; **01.00**: Repetição da 1.ª parte de um programa de variedades realizado no Teatro Municipal de S. Luiz e organizado pela Radiodifusão Portuguesa – música na noite.

2.º Programa

17.20: Música de vanguarda; **17.55**: Uma obra, duas interpretações; **19.00**: Animação cultural, programa de José Atalaya; **19.30**: Suite em fá maior, extraída de «Música Aquática», de Haendel; **20.00**: O pianista Wilhelm Kempff; **21.00**: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; **22.00**: Ciclo Enescu (16.º programa); **23.10**: Intercâmbio musical; **00.05**: Música sinfónica; **01.00**: Fecho.

3º Programa Nacional e Regional (294m)

18.00: Vertical; **18.20**: Prevenção e saúde, pelo dr. José Matildes; **18.40**: Mulher, agora e aqui, pela Comissão da Condição Feminina; **19.05**: Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa; **19.40**: Disco... rendo, por Mário Martins; **20.15**: A lei em que vivemos, pelo dr. Ruy Moura Guedes; **21.30**: Quando o telefone toca; **22.05**: Quando o telefone toca; **23.05**: Hora luterana; **24.00**: Suplemento (continuação); **00.05**: Suplemento desportivo, por Jorge Schnitzer; **00.15**: Dia a dia com o passado; **01.05**: Tempo internacional; **02.00**: Fecho.

34.º Programa Local (197,5m)

16.00: Convite; **18.00**: Compasso; **18.15**: Sal e pimenta (repetição); **19.45**: Ronda desportiva; **20.40**: Serviço de agenda; **21.00**: Fecho.

4.º Programa Emissão Total em Estereofonia

16.00: Gong; **19.0u**: Em órbita; **20.00**: Forum, realização de Jorge Lopes; **21.30**: O homem no tempo, programa de antropologia por João de Sousa Monteiro e João David Nunes (repetição); **22.00**: Auditório – música de jazz, por Paulo Gil e Rui Neves; **00.00**: Prisma, realização de Fernando Quinas; **02.00**: Fecho.

RÁRIO RENASCENÇA

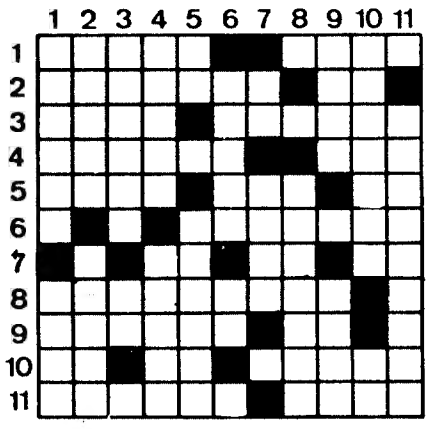
16.05: Sequência da tarde; **18.08**: Apelos; **18.15**: Igreja em notícia – palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço do Externato do Parque; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; **20.00**: Objectivo; **20.54**: Apelos; **21.05**: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Temas vivos; **23.30**: Estante giratória; **23.55**: Fecho.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 12 097

HORIZONTAIS:

1 Brilhante. Lago de Itália.
2 Rejuvenesces. O lado do vento.
3 Estimam. Cidade de Espanha.
4 Comédia de Aristófanes, sátira filosófica, representada em Atenas em 422 aC. Chefe etíope.
5 Tosta. Prende. Nosso Senhor.
6 Sabido.
7 Autores. Nesse lugar. Grande ribeira da Ásia Russa.
8 Ancoraram.
9 Suspiro. Nota musical.
10 Cidade da antiga Caldeia. Cobalto (sq). Toucinho fresco.
11 Esbelta. Vais para fora.



VERTICAIS:

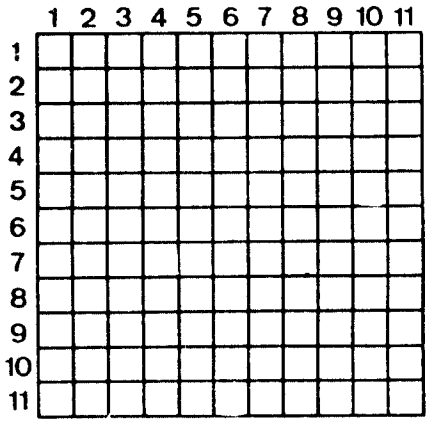
1 Engasta. Líquido composto de hidrogénio e oxigénio.
2 Governos (fig). Comparei.
3 Misturo. Preposição.
4 Rasgue. O mesmo que ariano.
5 Língua antigamente falada ao Sul do rio Loire. Nublados.
6 Queimar. Preposição e artigo.
7 Apelido. Censurar.
8 Despacharas.
9 Fragrância. Simples.
10 Habitando. Zomba.
11 Chegaras.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 8157

HORIZONTAIS:

1 Move os remos. Vergonha.
2 Fileira. Freguesia do concelho de Sátão.
3 Solitário. Rio da Sibéria. Prefixo de privação.
4 Litoral. Distrito da ex-Índia Portuguesa.
5 Por à vista.
6 Seguia. Clima. Alteza Serenissima.
7 Camas de viagem. Flauta chinesa de três buracos (inv).
8 Rezai. Arpoais.
9 Batráquio. Nome de astro. Ave pernalta.
10 Espécie de formiga (Bras). Levanto.
11 Montão. Lábia (pl).



VERTICAIS:

1 Apara. Enrubescer.
2 Gavinha. Bando de animais.
3 Miriare. Metal branco, preciso e sonoro. Artigo indefinido.
4 O mesmo que três. Traça.
5 Filtrasse. Preposição e artigo (inv).
6 Dê mios. Chiste.
7 Prefixo de negação. Nome de mulher. Caminhar.
8 Camareira. O mesmo que tripeça.
9 Investiga. Tempo do verbo ir.
10 Centímetro. Cólera. Seguia.
11 Afluente do Mississipi. Solitários. Campeão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 096

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 QUEM. MUITO.	1 QUERE. MUITO.
2 Urras. Raiva.	2 Uri. Si. Ari.
3 Eiró, Aos. An.	3 Erradiasses.
4 Al. Aro.	4 Mão. Or.
5 Dominar.	5 Amigados.
6 Síria. Ir.	6 Alia.
7 Mia.Trepa.	7 Uro. Trava.
8 Sra. Rodem.	8 Ias. Airó. As.
9 Ias. Dra. Aru.	9 Ti. Arreda.
10 Tremó. VA. Dá.	10 Ovar, PERDE.
11 Ois. Suasses.	11 Anos. Amuas.

Provérbio: **QUEM MUITO QUERE MUITO PERDE.**

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8156

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Saba. Urrava.	1 SC. Catanada.
2 Carmona. Sôr.	2 Aal. Toara.
3 Laore. Ramo.	3 Brasília.
4 Sra. Tarim.	4 Amora.
5 Avia. Arm. Ta.	5 Ora. Aras.
6 Ácio. AS.	6 Une. Acatais
7 Atiá.Pã. Cr.	7 Rã. Tripeiro.
8 Noa. Atena.	8 Ramo.
9 Aa. Trai. Lás.	9 Asar. Calca.
10 Drs. Air. Cãas.	10 Vomitar. Aar.
11 Aa. Asso. Ara.	11 Aromas. Ossa.

farmácias

Lisboa
TURNO 41
Até às 22 horas

ANDRADE RIBEIRO — Av. Infante Santo, 66-B. Tel. 666971. **ASCENSO** — Pr. Norte, 11-A (B.° da Encarnação) Tel. 311216-310172. **BELO** — Av. de Roma, 53-A. Tel. 776314. **CENTRAL** — Rua de S. Paulo, 108. Tel.320389. **DOURO** — Alameda Linhas de Torres, 93-A-B. Tel. 791131. **FRAZÃO** — Rua Cruz Santa Apolónia, 90-92. Tel. 847019. **GARANTIA** — Av. P. Manuel da Nobrega, 54-A-B. Tel. 727300. **GONÇALVES, LDA.** — Rua da Rosa, 176-178. Tel. 362687. **IMPARCIAL** — Rua General Taborda, 328. Tel. 680931. **LEMOS** — Rua Morais Soares, 91-D. Tel. 844350. **LANAIDA** — Rua Ferreira Borges, 30. Tel. 660955. **MACEDO** — Estr. Poço do Chão, 69-C. Tel.703697. **MAGALHÃES** — Av. Almirante Reis, 4-D. Tel. 549479. **MARBEL** — Av. de Roma, 131-A. Tel. 776235. **MARLUZ** — C. da Picheleira, 140-B-C. Tel. 720703-728395. **MORÃO** — Largo da Graça, 63. Tel. 860700. **NEVES** — Rua Bela Vista à Lapa, 35. Tel. 661251. **SALDANHA** — Av. Praia da Vitória, 53-55. Tel. 43938. **S. BARTOLOMEU** — V. Paulo Jorge, 1. Tel. 790969. **S. JOÃO** — Estrada da Luz, 124-A. Tel. 783179. **S. SEBASTIÃO** — Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1-9. Tel. 548642. **SEREJO** — Rua Rui de Sousa, Lote 65. (Chelas). **SIMÕES PIRES** — R. da Prata, 115. Tel. 36235C. **TANARA** — Rua Rodrigo Reinel, 3-Aa. Tel. 611814. **TELES** — Rua João de Barros, 2-Frente. Tel. 638176. **UNIVERSITÁRIA** — Rua Alfredo R. Gameiro, 29-D. Tel. 778953. **VALE** — Av. Marquês de Tomar, 45-49. Tel. 773043. **VITÁLIS** — Rua Morais Soares, 69. Tel. 841779.

Permanente

ANDRADE RIBEIRO — Av. Infante Santo, 66-B. Tel. 666971. **FRAZÃO** — Rua Cruz Santa Apolónia, 90-92. Telef. 874019. **MAGALHÃES** — Av. Almirante Reis, 4-D. Tel. 549479. **MARBEL** — Av. de Roma, 131-A. TEl. 776235. **SALDANHA** — Av. Praia da Vitória, 53-55. Tel. 43938. **SEREJO** — Rua Rui de sousa, Lote 65 (Chelas). **UNIVERSITÁRIA** — Rua Alfredo R. Gameiro, 29-D. Telef. 778953. **CENTRAL** — Rua de S. Paulo, 108. Tel. 320389. **DOURO** — Alam. Linhas de Torres, 93-A-B. Tel. 791131. **MACEDO** — Estr. Poço do Chão, 69-C. Tel.703697.

NOTA — As farmácias que não estão de serviço permanente encerram das 13 às 15 horas para almoço.

Outra Banda

ALMADA — Centro — R. de Olivença, 11-B. Tel. 2750504. **COVA DA PIEDADE — Rainha Santa**—Est. das Barrocas, 50-A. Tel. 2494182. **LARANJEIRO — A. Araújo** — Laranjeiro de Fora. **COSTA DA CAPARICA — Higiénica** — A. da República, 23. Tel. 2400020. **SESIMBRA — Leão** — Av. da Liberdade, 13. Tel. 2233471. **BARREIRO — Pimenta** — R. Cons. Joaq. Ant. de Aguiar, 259. Tel. 2073012. **SEIXAL — Soromenho** — R. Palva Coelho, 38. Tel. 2218580. **MONTIJO — Diogo** — R. Almirante Reis, 50. Tel. 2310032. **MOITA — União Moitense** — Av. Dr. Teófilo Braga. Tel. 239025. **ALHOS VEDROS — Gusmão** — R. Cândido dos reis, 30. T. 204020. **ALCOCHETE — Nunes** — L. Coronel Ramos da Costa, 10 Tel. 234137.

Linha de Cascais

ALGÉS — Miramar — R. Ernesto Silva, 81. Tel. 2112048. **ALCABIDECHE — Carvalho** — Até às 21 horas. **PORTO SALVO — Ferreira bastos** — Até às 21 horas. **CARCAVELOS—Central** — Até às 24 e das 0 às 9 horas. **CARCAVELOS — Vilar** — Até às 22 horas. **S. DOMINGOS DE RANA — Godinho da Silveira** — A.v. Saboia, 29-B. Tel. 260085. Até às 22 horas **PAÇO DE ARCOS — Pargana** — Av. Eng. Bonneville Franco. Tel. 2435147. Até às 22 horas. **OEIRAS — Oeiras**—L. Henrique Paiva Couceiro. T. 2430485. Até às 24 e das 0 às 9 horas. **NOVA OEIRAS — Leal** — Até às 21 horas. **PAREDE — Brandão**—Av. da República, 77-C. Tel. 2471054. Até às 24 e das 0 às 9 horas. **PAREDE — Junqueiro-Mendes** — Até às 21 horas. **S. PEDRO DO ESTORIL — S. Pedro** — R. 9 de Abril, 24. tel. 263052. Até às 24 e das 0 às 9 horas. **AMOREIRA — Amoreira** — Tel. 262313-267314. Até às 22 horas. **MONTE ESTORIL — Lopes** — R. Hangar, 3. Tel. 260008. Até às 21 horas. **Cordeiro** — Av. Comb. G. Guerra, 40. tel. 280170. Até às 21 horas. **CASCAIS — Cordeiro** — Av. Comb. g. Guerra, 40. tel. 280170. Até às 21. horas. **A. Costa** — R. Freitas reis, 24-c. Tel. 280214. Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA — Jardim — Av. Conde de Oeiras, 120 — Reboleira. tel. 938424. **Permanente. Confiança** — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A. Tel. 938149. Até às 22 horas. **DAMAIA — Confiança** — Est. Militar, Lote D. Tel. 9710231. **QUELUZ — André** — Av. Elias Garcia, 151. Tel. 950043. **CAMARATE — Nova** — R. Cid. Lisboa, 94. Tel. 2518726. **CACÉM** —Guerra Rico—Entre Lotes, 6 e 7—Freixo Capitão. tel. 2944002. **MEM MARTINS — Miranda Garcia** — Est. Mem Martins, 173-B. Tel. 2914103. Até às 24 horas. **AGUALVA — CACÉM** —. **Mira Sintra** — P. N. Torre, 310. Até às 20.30 horas. **MERCÊS — Claro Russo** —Permanente. **RIO DE MOURO — Riomouro** — Av. Mont.° Torres, 8. Tel. 2960194. **Até às 23 horas. SINTRA — Simões** — Estefânia. Tel. 2930832. Permanente. **COLARES — Abreja.** Tel 299088)

Porto
(De dia e só até às 22 horas)

FOZ — Rua Senhora da Luz — Foz Tel. 680127. **ALÍRIO DE BARROS** — Rua de Costa Cabral, 240. Tel. 480593. **CENTRAL** — Rua 31 de Janeiro, 203. Tel. 21684. **GOMES CARNEIRO** — Rua de Cedofeita, 348. Tel. 23420. **NOVA DE MONSANTO** — R. de Monsanto, 148. tel. 480889. **COUTO** — Largo de S. Domingos, 106. Tels. 25963-311965. **LAPA** — Rua Antero de Quental, 211. Tel. 480697.

(De dia e toda a noite)

CORREIA — Pr. Mouzinho de Albuquerque, 78. Tel. 60869. **CORUJEIRA** — Rua de S. Roque da Lameira, 1473 Tel. 51928. **LUSO-FRANCESA** — Rua Sá da Bandeira, 140. Tel. 261341. **MAGALHÃES** — Rua de Serralves, 566. Tel. 63561.

Coimbra
(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

MACHADO — Rua Bernardino de Albuquerque. Tel. 23767. **FERRAZ** — Rua do Brasil, 70. Tel. 71526.

centros de cinemas e teatros

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade

Sala A — Às 14.30, 17.15 e 21.30 e 24 h
(Maiores de 10 anos)
O MUNDO MALUCO
Com Woody Allen
Sala B — Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
AUDREY ROSE
Maiores 18 anos

ALVALADE 897480
Av. de Roma

Às 15.15, 18.15 e 21.30

Para todos (Maiores 6 anos)
O HOMEM ARANHA
com Nicolas Hammond

APOLO 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A
As 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30 h
A NOITE DO TERROR RASTEJANTE
Colorido
Interdito a men. de 18 anos

Hoje, às 23.30 — Música em Cinema
12 anos
NUNCA DIGAS SIM

AVIS 547163
Av. Duque D'Ávila, 45
2.ª semana
Às 15.30, 18.30 e 21.30 h
Para todo (m. de 6 anos)
O HOMEM-ARANHA
com Nicolas Hammond
e Lisa Eilbacher

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar

Hoje às 14.00, 16.30, 19 e 21.30h
Desopilante!
O GENDARME EM NEW YORK
Com Louis de Funes
Um filme de Gean Girault
Para todos — Colorido

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande
Hoje às 14.00, 16.30, 19 e 21.30h
A mais bizarra concepção de sexo na era do espaço!
BARBARELLA
Com Jane Fonda, John Phillip Law
Um filme de Roger Vadim
Technicolor—Panavision
Não acons. men. 13 anos

CASTIL 580194
Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30h
Agora em versão integral
SEGREDOS PROIBIDOS
com Jacqueline Bisset e Per Oscarsson
Não acons. men. 18 anos

CINEBOLSO 573407
Rua Actor Taborda, 27-B
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
duas jovens sequiosas, ardentes e loucas nos seus enlaces sexuais
JÚLIA E OS HOMENS
Int. men. 18 anos

Às 24 h — Grupo C — 14 anos
O CONTACTO DE SALZBRUGO
com Barry Newman e anna Karina

CITY CINE
Rua Tomás Ribeiro, 34
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h.
«O HOTEL DA PRAIA»
Não acons. men. 13 anos
Às 23.45 horas — Cinencontro
Maiores de 14 anos
O JOGO DA FORTUNA E DO AZAR
de Luigi Commencini

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

(10 anos)
A MANIA DAS GRANDEZAS

com Louis de Funès

DOIS MIL 2100055
Av. Bombeiros Voluntários
Lote 113 — **Algés**

Às 15.30 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
O FILHO DO PECADO

D. JOÃO V 971794
Praça Centro Comercial — Damaia

Às 21.15 h — Não ac. men. 13 anos
A PANTERA VOLTA A ATACAR
Comédia
com Peter Selers

EDEN 320768
P. dos Restauradores, 21
Às 14, 16.30, 19 e 21.30h
QUANDO ACABA A INOCÊNCIA
com Anne Belle e Charles Fawcet
Colorido—Int. men. 18 anos

ESTÚDIO 555135/5
Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30 h
4.ª semana
Int. men. de 18 anos
O assassínio é a sua religião
E tudo o que verá é a realidade!
O CASO SHARON TATE

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83

Às 15.30, 18.30 e 21.30 h
Não acons. men. 18 anos
Dos prazeres proibidos
ao recolhimento conventual!
AS NOVIÇAS
Brigitte Bardot e Annie Girardot

EUROPA 661016
R. Almeida Sousa, 35
Às 15.15 e 21.30h

Não ac. menores 13 anos
HERÓIS POR CONTA PRÓPRIA
Clint Eastwood, Telly Savalas,
Donald Sutherland

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35
2.ª semana
Às 14.45, 18.15 e 21.30 h
(10 anos)

Um filme inesquecível de David lean
LAWRENCE DA ARÁBIA
com Peter O'Toole, Omar Sharif
e Anthony Quinn
70 mm, écran gigante
7 Óscars
37 Prémios Internacionais

LONDRES 801313
Av. de Roma, 7-A
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h
Não acons. men. 18 anos
Jane Fonda, Vanessa Redgrave e Jason Robards
17.ª semana
JÚLIA
Hoje, às 00.15 h—Não ac. men. 18 anos
A OCASIÃO FAZ O LADRÃO

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha

ÀS 15.15, 18.15 e 21.30
AVENTURA É AVENTURA
Com Lino Ventura
Não acons. men. 13 anos

MUNDIAL 538743
R. Martens Ferrão, 12-A

As 15.15, 18.30 e 21.30

NO SUL DO PACÍFICO
com Romano Brazzi e Mitzi Gaynor
Grupo B — 10 anos

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B
15, 18 e 21.15 horas
5.ª semana
NASHVILLE
de Robert Altman

Int. menores de 13 anos

NOVOCINE 840678
Av. General Roçadas, 7
15.15 e 21.15 horas

Um intenso drama indiano!
DUAS ALMAS DOIS DESTINOS
com rajesh Khanna e Amitabh Bachchan
Não acons. men. 13 anos

ODEON 326283/4
R. Condes, 12 a 20
As 15.15, 18.15 e 21.15 h

Int. men. 18 anos
Cenas eventualmente chocantes

JUSTINE DE SADE

OLYMPIA 325309
Rua Condes, 11 a 23

Sessões continuas a partir
das 14.00 h
RAPARIGA PARA CASAL
PRECISA-SE
Com Georgina Spelvin, Harry Reems e
Valérie Marrom
Interdito a men. 18 anos
Contem cenas event. chocantes

PATHÉ 821933
R. Francisco Sanches, 122

As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30h
O filme CHOQUe da temporada!
QUANDO ACABA A INOCÊNCIA
com Anne Belle e Charles Fawcet
Colorido—Int. a men. 18 anos

POLITEAMA 326305
R. Portas de St.° Antão
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

PROSTITUIÇAO CLANDESTINA
Com: Claudine Beccaire
Int. men. 18 anos
A Empresa considera este filme pornográfico

QUARTETO 771378
R. Flores do Lima, 16

SALA 1 — Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h
Não acons. men. 18 anos
BONNIE E CLYDE
SALA 2 — Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h
FRANKENSTEIN JUNIOR
SALA 3 — Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 — Não ac. men. 13 anos
UMA VIDA DIFÍCIL
Real. Dino Risi
SALA 4 — Às 15, 17, 19, 21 e 22 h
Int. men. 18 anos
CONTOS IMORAIS

RESTELO 810375
Av. Torre de Belém

Às 21.30h — Para todos
O ANJINHO
Em 8.ª semana

ROMA 887778
Av. de Roma, Lote JRB

Às 15.30, 18.30 e 21.30 h

Grande pistoleiro, valia por um exército
O SAMURAI DO OESTE
C. Tom Laughun

Não acon. men. 18 anos

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20

As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h

Não acons. men. 13 anos
O TIGRE DE MOMPRACEM
Com Kabir Bedi

SÃO JORGE 579144 - 579344
Av. da Liberdade, 175
As 15.15, 18.30 e 21.30 h

AUDREY ROSE
De Robert Wise
Com Marsha Mason e Anthony Hopkins
Não acons. men. 18 anos

SATÉLITE 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 15, 17, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
SORRISOS DE UMA NOITE DE VERÃO
com Uila Jacobsson e Harnete Andersson
N.B. — Projecção do filme cinco minutos após o início do espectáculo

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
O mais divertido filme do ano!

O HOTEL DA PRAIA
Myrian Boyer, Francis Lemaire

Não acons. a men. de 13 anos

TERMINAL (CINE-ESTUDIO) 371573
Estaçao do Rossio
As 11,13,15,17,19, 21.30 e 23.30 h
Iriterd. a men. 18 anos
«STURMTRUPPEN»
e a guerra continua...
O retrato grotesco do militarismo nazi...
Este fime contém cenas eventualmente chocantes. **Nota:** Mas não é pornográfico!

TIVOLI 570595
Av. da Liberdade, 188

As 15.15, 18.30 e 21.30 horas
Colorido — 70mm — Para todos
Um genial documento de HUMOR
PLAYTIME VIDA MODERNA
Um filme de Jacques Tati

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

As 14.15, 16.20, 19 e 21.30 h
COM JEITINHO VAI, ENFERMEIRA
com Angela Grant e Nicolas Field
Int. men. 13 anos

circular é viver

OUTROS CINEMAS

Lisboa

CAPITÓLIO — «Paraíso sexual», às 19, 21 e 23 h (18 anos)

CINEARTE — «Mcklusky, o indomável», às 21.30 (18 anos)

PARIS — «As Aventuras Brejeiras de Tom Jones» às 21.30 (13 anos)

PROMOTORA — «Al Capone», às 21.15 (18 anos)

ROYAL — «O príncipe libertino», às 21.30 (18 anos)

JARDIM — «Crime perfeito», às 21.15 (18 anos)

COLISEU — «O caminho da felicidade», às 21.30 (13 anos)

LUMIAR — «E deram-lhe uma espingarda», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino — «Três mulheres», às 17 e 21.15 (13 anos)

ESTORIL — Palácio — «Para que servem os amigos», às 21.15 (18 anos)
CASCAIS — Impala — «007 - contra Goldfinger», às 21.30 (14 anos)

CASCAIS — Oxford — «A garota do gangster», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA — Recreios Desportivos —«O Filho pródigo», às 21.15 (18 anos)
AMADORA — Lido — «Nashville», às 21.30 (13 anos)
AMADORA — Cinestúdio — «Em busca do passado», às 21.30 (13 anos)
SINTRA — Carlos Manuel — «Felícia», às 21.30 (18 anos)

Outra Banda

ALMADA — Incrível — «O vendedor de sonhos», às 21.30 (13 anos)

LINHA DO NORTE

Porto

S. JOÃO — «Sweeney Detective em Acção» às 21.30 (18 anos).

ESTÚDIO FOCO — «Chove em Santiago», às 21.30 (18 anos)

ESTÚDIO — «A revolta de um cidadão», às 21.30 (18 anos)

ÁGUA DE OURO — «O filho do pecado», às 21.30 (13 anos)

BATALHA — «Scorchy — Agente Federal», às 21.30 (18 anos)

TRINDADE — «Os profissionais», às 21.30 (13 anos)

RIVOLI — «Matrimónio à italiana», às 21.30 (13 anos)

COLISEU — «O Caminho da Felicidade» às 21.30 (13 anos)

PASSOS MANUEL — «Império dos sentidos», às 21.30 (18 anos)

CARLOS ALBERTO — «Oh, Serafina» às 21.30 (18 anos)

OLÍMPIA — «Hércules Operação Siracusa» às 21.30 (13 anos)

CHARLOT — «O Herói das Arábias», às 21.30 (13 anos)

SÁ DA BANDEIRA — «Um amor como o nosso», às 21.30 (18 anos)

SALA BEBÉ — «O Testa de Ferro», às 21.30 (13 anos)

JÚLIO DINIS — «Breve encontro», às 21.30 (13 anos)

VALE FORMOSO — «Amizade indestrutível», às 21.30 (13 anos)

ESTÚDIO 400 — «A mostarda sobe-me ao nariz», às 21.15 (6 anos)

TERÇO — «Os boinas verdes», às 21.30 (10 anos)

Coimbra

TIVOLI — «Os dois modos da bola», às 21.30 (6 anos)

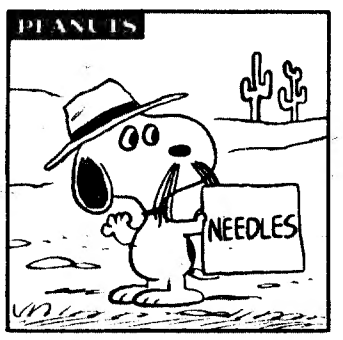
GIL VICENTE — «As rivais», às 21.30 (18 anos)

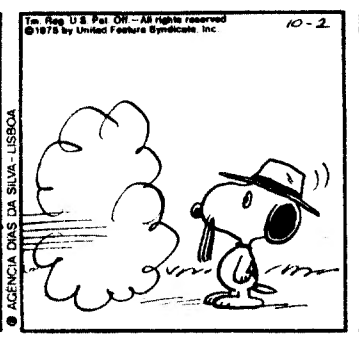
S. TEOTÓNIO — «Gabor, o implacável», às 21.30 (13 anos)

AVENIDA — «Tentáculos», às 21.30 (18 anos)

PLÁTANO EDITORA
o prazer da leitura

ANIMAIS! ANIMAIS!
Uma lição de zoologia
conduzida com imaginação e imensa graça





DL
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTILHO, 185-1.º
TELEFONES 654531/2/3
REDACÇÃO, PUBLICIDADE E SERVIÇOS TÉCNICOS: RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES 321154/5, 320271/2/3, 320229, 372781/2
SERVIÇO DE NOITE (DEPOIS DAS 21)
PORTEIRO 321154, PUBLICIDADE 368740
MENSAGENS GRAVADAS 320229
ENDEREÇO TELEGRÁFICO DIBOA, TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

Queda recorde do dólar no mercado de Tóquio

TÓQUIO, 24 – (Reuter) – O dólar norte-americano atingiu hoje uma nova baixa recorde ao ser cotado a 199,30 ienes no mercado de câmbios de Tóquio, após declinar antes para além da medida psicologicamente importante de 200 ienes, o que sucedeu, pela primeira vez, desde a Segunda Guerra Mundial.

A divisa norte-americana doente fechou, de manhã, a 199,45 ienes, após ser cotada durante breve tempo a 199,40.

Alguns corretores disseram julgar que o Banco Central do Japão comprara dólares, durante a nova baixa, para apoiar a moeda, mas não se conheceu imediatamente a escala da sua intervenção.

De manhã, o Banco comprara cerca de 350 milhões de dólares para tentar evitar que o dólar descesse abaixo de 200 ienes, acrescentaram.

O CONFLITO NA MARINHA MERCANTE

Requisições civis continuam mas os trabalhadores dizem 'não'

• Separatistas provocaram nos Açores

Mais uma requisição civil foi determinada pelo Ministério dos Transportes e Comunicações, segundo apurámos, esta manhã, junto da Federação dos Sindicatos do Mar. O navio requisitado foi o «Ilha do Porto Santo», que se encontra na cidade da Horta, no Faial.

Duas novas requisições poderão entretanto estar iminentes, segundo apurámos: os alvos seriam os navios «Funchalense» e «Madeirense» que se encontram em Lisboa.

Curiosamente, esta manhã, no Gabinete de Relações Públicas do MTC nada sabiam informar-nos que contivesse novidades relativamente ao que já era do domínio público.

Por outro lado, continuam desconhecidas as penas anunciadas em nota oficiosa distribuída no sábado. A posição então divulgada pelos responsáveis governamentais referia-se aos navios «Roca» e «Angol», onde as requisições civis não foram acatadas pela totalidade das tripulações.

A propósito, Ruben Rolo, da Federação dos Sindicatos do Mar, garantia-nos esta manhã que «não poderemos aceitar que trabalhadores em luta sejam punidos seja de que modo for, especialmente por se recusarem a fazer trabalho extraordinário».

«O Governo não respeita as liberdades sindicais» – acrescentaria aquele elemento.

Assim, a concretização de medidas de penalização contra os trabalhadores que se recusam a acatar as requisições civis poderá vir a conduzir à agudização do conflito.

CONFLITO NOS AÇORES

Entretanto, o fim-de-semana ficaria marcado por diversas provocações dirigidas aos trabalhadores em greve em Ponta Delgada, o que poderá motivar a retirada imediata de todos os navios daquele porto, de acordo com a disposição assumida pela Federação dos Sindicatos do Mar, se as autoridades não assegurarem o exercício das liberdades sindicais e a segurança dos trabalhadores.

Os incidentes nos Açores ficaram a dever-se, segundo a Federação, à actividade de arruaceiros separatistas que cortaram a amarração do navio «Açores» obrigando-o, portanto, a fundear ao largo. Esta embarcação encontrava-se paralisada em Ponta Delgada em consequência da recusa da tripulação prestar horas extraordinárias.

Quanto à situação na Madeira, caracteriza-se pela total adesão à paralisação dos trabalhadores do mar, o que terá levado o responsável do Governo Regional a requisitar ao ministro da República que requisite a tripulação do «Funchalense» (como noticiámos acima).

Reflexos no arquipélago da Madeira existem, também, por se manter a paralisação do «Rocas», que continua atracado em Leixões, carregado de combustível destinado ao Funchal.

Paralelamente, regista-se uma completa adesão de todos os navios da frota mercante nacional. Neste momento, do total de cerca de 110, apenas continuam a navegar sete que se dirigem aos portos mais próximos para aí aderirem às formas de luta decretadas pelos trabalhadores.

Os reflexos desta adesão maciça têm sido sentidos nos mais diversos domínios, desde o abastecimento de alguns bens alimentares aos Açores e à Madeira até ao de combustíveis às mesmas regiões e ainda ao Aeroporto de Faro.

Neste último caso, a ameaça resultaria da paralisação do «Angol», que permanece em Leixões, também apesar da ordem de requisição civil. No entanto, a situação parece ultrapassada, uma vez que os depósitos de combustível do Aeroporto de Faro se encontravam repletos e seria iniciado o seu abastecimento, a partir de hoje, com autotanques de Lisboa.

Como temos noticiado, a forma de luta determinada pelos trabalhadores da Marinha Mercante ficaram a dever-se à inflexibilidade dos armadores na negociação do CCT do sector.

De facto, à proposta sindical de aumentos de 20 por cento (o que está previsto na lei da contratação) o patronato responde com uma proposta de aumentos de 11 por cento. Mas, a situação destes trabalhadores é agravada pelo facto de os seus salários não serem revistos desde 1975.

MAIS UM INTERLOCUTOR DO GOVERNO

As UDAS propõem-se "esvaziar" o conteúdo da CAP

As Uniões Distritais de Agricultores (UDA's), organizações recentemente formadas, por iniciativa de elementos do Partido Socialista, estão a «ter uma fortíssima adesão», segundo as declarações dos responsáveis pelo movimento que aguardam que «dentro de três meses existam UDA's em todos os distritos do território e também uma organização nacional dos seus representantes».

De acordo com Guilherme dos Santos, vice-presidente da UDA, de Leiria, a ideia surgiu do facto de o movimento de agricultores em Portugal, «ter nascido sob a bandeira das ideologias partidárias e não a favor dos interesses reais dos agricultores e dos seus problemas». Por outro lado, considerou que a CAP apareceu, num determinado momento histórico, «para combater certos partidos, o Governo e promover ideologias políticas, distantes das preocupações dos agricultores».

De acordo com os seus responsáveis as UDA's contam neste momento com sedes organizadas em seis distritos, representando 97 concelhos, e espera-se que dentro em breve «seja possível ultrapassar os 100 mil inscritos e aderentes». Ao contrário da CAP que, segundo as mesmas fontes «não tem praticamente qualquer cobertura de base». Afirmaram, ainda, os porta-vozes das UDA's, referindo-se à preocupação já manifestada pela CAP pelo aparecimento daquelas organizações, «que é natural isso acontecer» pois «vão ter um concorrente no terreno, a nascer com muita força e implantação de base e a esvaziar a própria CAP».

Os responsáveis das UDA's sublinham, ainda, que o primeiro teste para o seu aparecimento se situou em Leiria, «ponto forte da CAP tendo estado presentes no primeiro plenário ali realizado cerca de mil e quinhentos agricultores».

«... E para nosso espanto o plenário efectuado em Cabeceiras de Basto teve mais agricultores que o da CAP, em Benedita, rondando entre quatro a cinco mil presentes» – dizem os responsáveis das UDA's.

Na opinião dos seus fundadores, as Uniões Distritais de Agricultores «vão cobrir um vazio que estava à mercê de todas as demogogias políticas e manipulações partidárias, no campo rural». O seu objectivo é muito defenido: além de procurarem soluções para os problemas que afligem os agricultores, pretendem ainda levá-los a soluções cooperativas.

GUERRA DE INFLUÊNCIAS NO PDC

Só Pinheiro de Azevedo foi poupado

Valdez dos Santos excluído, Osório candidato

Valdez dos Santos, director do quinzenário «Jornal Português de Economia e Finanças», foi ontem destituído das funções de secretário-geral do PDC. Mas Valdez dos Santos não foi sozinho: todos os órgãos dirigentes daquele partido foram suspensos. Pinheiro de Azevedo foi o único poupado continuando a presidir ao Partido da Democracia Cristã.

Estas decisões foram tomadas no decurso do quinto congresso do partido, que decorreu este fim-de-semana em Aveiro. Substituindo os órgãos directivos agora suspensos foi nomeada uma comissão directiva nacional onde se encontram António Brochado Teixeira, Manuel Sampaio de Morais, António Santos Ferreira, Gaspar Queirós, Jorge de Medeiros, João Costa Figueira, Luís Arouca, Henrique Sousa e Melo e António Costa Mendonça.

Alterações estatutárias aprovadas neste congresso extinguem o directório político que até aqui era o principal órgão executivo do partido e criam em sua substituição o Conselho Nacional e o Secretariado. Esta divisão, que reparte os poderes, desconcentra a capacidade decisiva das mãos do secretário-geral do partido, como vinha sucedendo até aqui com Valdez dos Santos.

Enquanto se anuncia que este último irá impugnar as decisões do quinto congresso alegando vícios de forma na sua convocaçõ, fala-se também de um provável regresso de Sanches Osório ao cargo de secretário-geral, o qual já havia desempenhado aquando da fundação do PDC cujas actividades direitistas levaram mais tarde à suspensão como partido.

A justificação apresentada no plano directivo do PDC para o afastamento de Valdez dos Santos reside no descontentamento que teria gerado nas bases o convite dirigido a Marcelo Caetano para presidente honorário do partido e a política que vinha preconizando de associação ao MIRN.

A verdade, contudo, é que a luta pelo poder no seio do PDC vinha-se desenrolando de há semanas a esta parte como Pinheiro de Azevedo «cobrindo» uma ofensiva das figuras que compõem a comissão directiva agora eleita e a qual tinha como alvo Valdez dos Santos – uma figura demasiado desgastada pelas suas posições abertamente fascistas em contraste com a dos restantes membros que, não diferindo substancialmente no plano das convições ideológicas, mantém todavia as aparências.

Em paralelo com estas alterações surgiu ainda a definição de uma nova estratégia, preconizando agora o PDC a constituição do que classifica como uma frente de combate ao socialismo e ao marxismo composta pelo CDS, PSD, PDC e PPM. Foi ainda decidido contestar a actual lei eleitoral e procurar demonstrar internacionalmente que a declaração universal dos direitos do homem não está a ser cumprida em Portugal.

Quanto ao regresso de Sanches Osório à direcção do partido, que diz ser exigida pelas bases, Pinheiro de Azevedo confirmaria que lhe ia ser dirigido um convite. Registe-se que no plano das bases nem tudo parece ser pacífico já que durante os trabalhos deste fim-de-semana diversos congressistas se pronunciaram contra o afastamento de Valdez dos Santos considerando como este que houve irregularidades na convocação do Congresso.

Estes congressistas contestaram ainda as cúpulas do partido que acusaram de inaptidão, pressionando no sentido de uma maior radicalização direitista mais de acordo com as teses defendidas por Valdez dos Santos.

Preço da electricidade no Porto: decisão dia 27

A decisão sobre o problema das tarifas de energia eléctrica na cidade do Porto, foi mais uma vez adiada pelo executivo da Câmara Municipal daquela cidade. A referida decisão, que estava anunciada para ontem, deverá ser tomada na sessão pública da Câmara a efectuar no próximo dia 27.

Assim resolveu ontem a maioria dos vereadores presentes, porque um aumento como o previsto (cerca de 50%) «é uma coisa que interessa à cidade».

O município aprovou, entretanto, os planos de urbanização para as zonas da Lomba (contrução de 24 fogos), S. Vítor (primeira fase – 156 fogos) e zona do Leal e Alto da Fontinha (272 fogos), destinados às respectivas Associações de Moradores e no último caso, também à Cooperativa de Moradores de Santo Ildefonso.

(Hoje 20 páginas)

Indignação pelo regresso de Tomás

Continuação da pág. 1

dias numa das suas vivendas da área de Lisboa. Mais concretamente na sua residencial no Restelo, que já se encontra sob protecção de forças de Polícia. Entretanto, o general Neves Cardoso, comandante-geral da PSP, referindo que se trata de um cidadão que chega a Portugal, declarou que a Polícia está «atenta para o que der e vier».

Recordamos que Tomás volta para Portugal graças a uma muito contestada decisão da Presidência da República, divulgada em 11 de Maio passado. Na sequência das tomadas de posição e manifestações públicas que desde então se têm efectuado contra o regresso do ex-chefe do fascismo, imediatamente após a sua chegada a Lisboa, multiplicaram-se as reacções indignadas.

Para Alcina Bastos, advogada, resistente antifascista e membro da Comissão Nacional contra o regresso de Américo Tomás «não há espanto que chegue nem indignação que baste». «Não há palavras que cheguem: o homem que não deixou vir para Portugal o cadáver de Humberto Delgado e que condecorou o seu assassino volta ao País». Depois de afirmar que Tomás é «um criminoso», Alcina Bastos disse que era «como se todo o nosso combate antifascista perdesse o sentido».

Álvaro Cunhal, discursando ontem nos Olivais, afirmou que «neste complexo e perigoso momento político, o regresso a Portugal em plena crise, do último chefe fascista, Américo Tomás, um dos maiores responsáveis pelos crimes da ditadura, introduz na situação um factor de perturbação, de tensão e desestabilização». Também a UDP, propondo à Intersindical-CGTP, um dia de greve nacional pela prisão de Tomás, entende que o momento escolhido para o regresso «se insere claramente na ofensiva da direita contra o 25 de Abril». Outras organizações como a UMAR (União das Mulheres Antifascistas e Revolucionárias), o Movimento da Esquerda Socialista e o MDP/CDE reagiram imediatamente protestando contra o regresso. Freitas do Amaral lembrou ontem que o seu partido considera «tratar-se de uma decisão acertada».

TOMÁS AFINAL AINDA FAZ POLÍTICA

Entrevistado para «O Globo» do Rio de Janeiro antes da sua partida, Américo Tomás confirmou aquilo que se depreendia da escolha do dia de ontem para chegar a Lisboa –, Tomás ainda faz política. Despedindo-se dos brasileiros pediu-lhes que «rezem por Portugal» e que não se esqueçam de que o país «em nenhum período da sua vida tanto necessitou do auxílio divino como agora». O «ilustre almirante» depois de desejar para o Brasil «uma grandiosidade igual à que caracterizou Portugal no passado», adiantou que «todos nós que somos portugueses do velho Portugal não devemos esquecer a enormidade da sua desgraça». Ficamos ainda a saber por esta entrevista que o ex-almirante virou escritor, estando a preparar um livro que já tem título: «Últimas décadas de Portugal».

«A MÃO À CARIDADE»

Desmente-se, assim, a afirmação de que Tomás «não faz política» como pretende fazer crer o seu genro ao afirmar que o ex-presidente do fascismo «é apenas um chefe de família que veio visitar a família e ver os netos» Quanto à situação financeira, Américo Tomás está «paupérrimo», segundo o seu genro, imagine-se, não deve ir passar uns dias de férias ao Buçaco, era «necessário estender a mão à caridade pública».

POSIÇÃO DO MDP

«Autorizado a regressar a pretexto de falsas e inadmissíveis razões de humanidade, o último dos mais altos responsáveis do regime fascista chegou a Portugal, perante o espanto e indignação do Povo Português. O MDP/CDE, que já havia repudiado firmemente a autorização concedida quando ela foi anunciada, manifesta a sua profunda indignação pelo facto insólito e inaceitável da presença em Portugal de Américo Tomás».

MOBÍLIAS
DESCONTO 20%
POR MOTIVO DE OBRAS LIQUIDAMOS GRANDE EXISTÊNCIA
MOBILIAS COMPLETAS DE VARIOS ESTILOS, MÓVEIS SOLTOS, JOGOS DE MAPLES, SOFAS-CAMA, ETC.
MÓVEIS SUPERCONFORTO
RUA MARIA ANDRADE, 64
(Junto da Igreja dos Anjos)